Show Bizz

5561/1 • ANO 13 / Nº 03 • EDIÇÃO 140 • MARÇO • R$ 5,00

EDITORA AZUL

Aerosmith
à prova de brigas, drogas e depressão

o rock mutante do terceiro milênio segundo o U2

PHIL COLLINS
"Não gostam de mim porque sou riquinho"

Exclusivo, direto de Phoenix, EUA

Max Cavalera além do Sepultura

CHICO SCIENCE
1966-1997
o talento que o Brasil não soube ouvir

Daniele Daumerie
Sexy Cyber Punk

LIVE

SECRET SAMADHI

DESTACANDO: "LAKINI'S JUICE"

http://live.cerf.net

NOVO ÁLBUM JÁ À VENDA

radioactive

NO DOUBT

DESTACANDO:
DON'T SPEAK
JUST A GIRL
SPIDERWEBS

Nº 1 NA AMÉRICA

- + DE 7 MILHÕES DE DISCOS VENDIDOS NO MUNDO INTEIRO
- 5 SEMANAS SEGUIDAS EM 1º LUGAR NA BILLBOARD
- 1º LUGAR NO TOP 10 USA DA MTV

EM CD

MCA

Pauta

Parada da Redação
Os sons que rolaram enquanto a gente fazia esta SHOWBIZZ

Miles Davis – Tutu
The Freewheelers – Waiting For George
Sheryl Crow – Sheryl Crow
U2 – Pop
Bob Andy – Retrospective
Tom Jones – The Complete Tom Jones
Chico Science – Afrociberdelia

22 U2

De namoro com o tecno, o quarteto irlandês lança *Pop* e promete visitar o Brasil em 1998

56 PHIL COLLINS

O careca de bem com a vida: casa na Suíça, namorada nova e um disco em que brinca com as sonoridades africanas

STILLS

34 AEROSMITH

Conheça *Nine Lives*, o disco que quase acabou com a carreira do grupo

46 TECNO

Blips e tóins viraram coisa de hetero e embalam as noites do Rio e de São Paulo

MARCOS HIZER

28 SHAGGY
A fera jamaicana por trás do anúncio de jeans

40 CHICO SCIENCE
O manguebit perde seu principal nome

52 TIM MAIA
O eterno síndico quer virar senador pelo PLG (Partido Liberal Geral)

60 DANIELE DAUMERIE
De musa do Lobão para a predileta da garotada de piercing

SEMPRE EM SHOWBIZZ

6 CANAL BIZZ
Namoro na SHOWBIZZ: leitores posam com seus ídolos

8 BIZZES
Mamonas, Kid Abelha, Depeche Mode

66 ONZZE PERGUNTAS
Edgard Scandurra em sua fase tecno

70 PLAY
Snoop Doggy Dogg, Johnny Cash, Bush

78 REPLAY
Caetano Veloso, Beth Carvalho, Bob Marley

84 LETRAS TRADUZIDAS
"If It Makes You Happy", de Sheryl Crow

86 TESTE
Experimente o rock lisérgico

88 • BIZZES
Ganhe caixas dos Beatles; Supla cheio de bossa e Gene Simmons na *Playgirl*

90 DISCOTECA BÁSICA
Dusty In Memphis, de Dusty Springfield

ON Se o ano passado foi ingrato com a música jovem brasileira, levando Mamonas e Renato Russo, o que dizer de 1997, que já começa matando Chico Science e rachando o Sepultura? Melhor do que chorar, porém, é deixar nossa sentida homenagem a Chico, um talento que o Brasil não soube ouvir, e ir até Phoenix, no Arizona, ver como o ferido Max Cavalera pretende seguir a vida sem o irmão e os amigos.

O editor Robert Halfoun foi à casa de Max e de sua polêmica esposa Gloria e voltou com boas notícias: Max já está articulando uma nova banda – e com mão de obra brazuca, sim senhor! Robert também trouxe de Phoenix uma novidade triste: o ex-líder do Sepultura tinha pendente uma parceria com Chico Science...

O muito que o manguebeat não teve tempo para fazer ainda pode ser feito. 1997 está apenas começando e o Brasil das FMs jabazeiras e do público reacionário (só para lembrar, Chico foi vaiado por mauricinhos fascistinhas em seu último show no Metropolitan, no Rio) ainda tem tempo para se redimir. Que venham novos talentos. E que eles sejam ouvidos...

Aquele abraço,

Pedro Só

SEPULTURA

14

Direto de Phoenix (EUA), Max Cavalera desabafa e conta os planos para o futuro

FOTO CAPA: ROBIN GIBSON

Canal Bizz

CAIA NA NOSSA REDE
SHOWBIZZ está ligadaça na Internet. Faça contato:
showbizz.azul.atleitor@email.abril.com.br

TAÍ O QUE VOCÊ QUERIA!!!

Tietou, mandou, SHOWBIZZ publicou

Negro é lindo! Olha eu com o Marcelo D2, do Planet Hemp!
Karine Nanshara – Rio de Janeiro, RJ

Que história é essa de que um tal de Roberto Argulho (carta publicada na edição de janeiro) é o maior fã do Skank. A maior fã do grupo sou eu, que suo a camisa para manter meu fã-clube Skanka-langô!
Gleide – Caçapava, SP

Os Engenheiros não acabaram, viu? Mas mando uma foto minha com o Carlos Maltz no camarim do show da sua banda irmandade.
Heverton Oliveira – São José dos Campos, SP

Sou fã piradão dos Titãs e mando minha foto com o Sérgio Britto. No Brasil, as bandas são luxuosas, a política é que é a vergonha nacional.
Carlos Antonio dos Santos – Contagem, MG

Eu e minha mulher estamos esperando a publicação desta foto.
Cajú – Votuporanga, SP
Você e quem? Sua mulher? Este aí não é o Dinho Ouro Preto?

QUER MORRER, F.D.P.?
A revista é muito boa, do cacete. Mas é aquele lance: está muito comercial. Por que dar atenção para esse viados-pagodeiros-filhos-da-puta como o Zeca Pagodinho (Zeca Viadinho)?
Luciano Lima – Francisco Morato, SP
Você tem o direito de não gostar do Zeca, mas não pode xingá-lo assim?! Vamos dar seu endereço para todo mundo que escrever a fim de pumi-lo. Só apanhando é que sujeitinhos desprezíveis como você vão aprender.

ME EMBUCHA, BABY
Gavin Rossdale, do Bush: se você der um pulinho no Brasil, eu não me importaria de engrossar o seu caderninho de vítimas.
Anna Carolina Salvador – Curitiba, PR

EDDIE SUCESSO
Achei que vocês falaram muito pouco sobre a banda Eddie, de Olinda. E aqui em Pernambuco tem muitas outras bandas pauleira...
Marcondes de Freitas – Vitória de Santo Antão, PE

Parabéns pela seção *Democracia!* Li sobre a banda Eddie e fiquei bastante curiosa. Como eu consigo a demo?
Indira Jaci – Maceió, AL
Fácil, fácil... Conforme publicado, o telefone de contato é (081) 341-4947.

BOB PACIFICANTE
Bob Marley é tão cultuado que até o grupo Terra Samba gravou "Is This Love" em ritmo de pagode. E não achei ruim, não... Aliás, ficou muito boa para o estilo.
Wagner R. Silva – Maceió, AL

CALMA, CAMILO, CALMA...
Quando li o crítico-mané Thales de Menezes dizer que o Green Day não faz punk rock, tomei um vidro de calmante. Pensando bem, estou me lixando para o que esse mané diz/faz...
Camilo Joe Armestrong – Itatiba, SP
Não parece...

MAMONAS PARA SEMPRE

Queremos homenagear os Mamonas com a foto da nossa banda cover na apresentação que fizemos antes da tragédia.
Tony Anderson Leandro – Cerqueira, SC

Os Mamonas Assassinas mesmo falecidos encantam nossos corações. Somos a Turma do Arrepio para assustar a galera.
Alex Nachos – Itanhaém, SP
Valeu a homenagem...Ficamos arrepiados.

PERGUNTA QUE EU GOSTO

Primeiro o esclarecimento: não é o irmão do guitarrista Nigel, do Bush, que toca com Cindy Lauper e sim a IRMÃ Jan Pulsford (*na foto à esq.*) que toca com ela. Agora a dúvida: quando sai o novo disco da Cindy no Brasil? Ela vem tocar aqui?
Guilherme Avancine – Itapira, SP
Segundo a gravadora Sony, Sisters Of Avalon, o novo disco de Cindy Lauper, já está nas lojas. Mas até o fechamento desta edição não havia nenhuma notícia sobre a vinda da cantora ao Brasil.

Porque não houve Hollywood Rock em 1997?
Marco Aurélio Paes – Tatuí, SP
Segundo a assessoria da companhia de cigarros Souza Cruz, a imagem dos artistas ofuscava a marca Hollywood e a empresa não estava mais tendo retorno comercial.

Além de *Break On Through* e *Strange Days: My Life With And Without Jim Morrison*, que outras biografias do Jim Morrison existem? As coletâneas de poemas escritos por Jim chegaram a ser publicadas no Brasil?
Jair Mello dos Santos – Taquara, RS
Jim Morrison: Vol. 2 The American Night, Riders On The Storm, No One Here Gets Out Alive e The End *também são obras que falam sobre a vida do ex-líder do Doors. Os livros de poemas de Morrison não foram lançados no Brasil, mas há a versões portuguesas. Esses livros, como os citados acima, você pode encomendar na Livraria Cultura, em São Paulo. Fone: (011) 285-4033.*

Fã-clubes

Faith No More Fan Club From Brazil
Estr. de Itapecerica da Serra, 1000, C33. CEP 06850-000. Itapecerica da Serra, SP

Capitão Fantástico (Elton John)
Av. Tarumã, 1841, C 09. CEP 69020-240. Manaus, AM

Pumpkins Generation (Smashing Pumpkins)
Rua Oswaldo Ribeiro Junqueira, 306. CEP 02674-090. São Paulo, SP

errêmos

Ai, que burrice!!! O nome do líder do Bad Religion é Bob Graffin e não Bob Gaffin, como foi publicado na seção *Onzze Perguntas* da edição 136.

GOSTOSA!!!
Depois das peladas da SHOWBIZZ, a foto da fêmea mais sexy já publicada foi a da vaquinha do Pink Floyd, pobremente vestida...
Liz Teixla – Maceió, AL

Fiquei tão contente com a reportagem do Pink Floyd que resolvi escrever "obrigado" 1001 vezes.
Márcio Luis da Silva – Porangatu, GO
Valeu a iniciativa, Márcio... Mas se o Pink Floyd vem ao Brasil até o ano 2000, você pode escrever duas mil vezes...

Pink Floyd, nós do Brasil Wish You Were Here!!!
Livia Von Sucro – Belo Horizinte, MG

O Floyd não morreu! E a reportagem de SHOWBIZZ serviu para refrescar a memória dos não-fãs que insistem em dizer que a banda acabou com a saída de Rogers Waters.
Elton Vieira – Goianésia, GO

CADÊ O ROXETTE?
Pô, tá faltando Roxette na revista! Vocês não falaram do home video *Don't Love Us – Get The Chorus!!!* Será que sabem que eles lançaram um álbum em espanhol?
Rafael Russo Ribeiro – Porto Alegre, RS
O disco cucaracha do Roxette chama-se Baladas En Español e foi lançado em outubro do ano passado em toda a América Latina, menos no Brasil.

LUXO E ORIGINALIDADE
Exclusivo!!! Bon Jovi foi flagrado no ensaio da Mangueira apresentando sua fantasia Pavão Misterioso. Noita!
Pablo Augusto Brotto – Vitória, ES

PENSADOR DO MÊS
"Se eu soubesse que *piercing* fazia tanto sucesso, teria colocado antes"
Clovis Okada – Santo Antônio da Patrulha, RS

Quer uma camiseta da SHOWBIZZ?
Mande a sua foto e um pensamento bem delirante sobre música. A melhor frase leva uma camiseta!

namoro na revista

Não posso mais sufocar esta paixão. Estou perdidamente apaixonada pelo leitor Rafael Moretti (*acima*), de São Paulo, que teve sua foto publicada na edição de janeiro! Ajudem-me! Rafa, também sou superfã dos Pet Shop Boys...
Juliana – Itaúna, BA

Fiquei superinteressada no gato Rafael Moretti. Gostaria de saber mais sobre ele, coisas tipo telefone, idade, se ele tem namorada... Se tiver, tudo bem, eu não sou ciumenta.
Lilian Fernandes – Rio de Janeiro, RJ

Recadinho para o Rafael Moretti: você por acaso bebeu quando escreveu dizendo que se acha parecido com o Dado Villa-Lobos? Até que você dá para o gasto, não é de se jogar fora... Mas o Dado é lindo, gostoso, perfeito!
Mônica e Marcela (*foto acima*) – Bom Jesus do Itabapoana, RJ

Aproveitando esse negócio de namoro pela revista, eu (*foto à esq.*) resolvi apelar. Tenho 17 anos e continuo encalhado! Garotas, eu existo!!!
Felipe Crispim – Curitiba, PR

Aí, SHOWBIZZ, tô louquinha para conhecer o leitor Marcelo e a galera do fundão, de Sampa (carta publicada em dezembro). Não panso em outra coisa. Um superbeijo (onde preferirem)
Julie – Itaúna, BA

Mando uma foto minha para os garotos que ficarem interessados enviarem cartas com fotos para o programa do Silvio Santos.
Vilma – São Paulo, SP
Silvio Santos, uma ova!!! Qualé, Vilma? Quem se interessar no piruzinho aí escreve pra cá mesmo, valeu?

FALE COM SHOWBIZZ. É DE GRAÇA!!!
0800-139-138
De 10h às 12h e das 15h às 18h.
Este é o seu canal na SHOWBIZZ. Sugestões, críticas, dúvidas...

Esta é sua área. Discorde, concorde, elogie, desça o pau, faça sugestões, perguntas e pedidos... Denuncie, mande desenhos, retratos de amigos, parentes ou inimigos, montagens, colagens, fotos desinibidas. Solte a franga, manifeste-se de alguma forma. SHOWBIZZ – CAIXA POSTAL 66157, CEP 05315-970, SÃO PAULO – SP

EDITORA AZUL

Fundador: Victor Civita (1907-1990)
Diretoria: Angelo Rossi, Roberto Civita

Diretor Superintendente: Angelo Rossi

Superintendente Comercial: Carlos R. Berlinck
Diretor Editorial: Carlos C. Arruda
Diretor Financeiro: Pedro Frazão

SHOWBIZZ

Diretor de Redação: Felipe Zobaran

Editor-Chefe: Pedro Só
Diretor de Arte: Rodolfo Tucci
Editores: Robert Halfoun e Sérgio Martins
Editores-Assistentes de Arte: Chico Mau e Marco Antonio R. B. Cançado
Repórter: Letícia Carmon
Correspondente: José Emilio Rondeau (Los Angeles)
Coordenador de Produção: Roberto Morgan Lopes
Assistente de Redação: Ana Paula Freire
Colaboram nesta edição: (Texto) André Gordino, Antônio Carlos Miguel, Carlos Albuquerque, Chaidan Petermann, Edgard Reyneam, Enor Paiano, Fernando Luna, Ivan Mizanzuk, Jan Fjeld, João Carlos Pedroso, Marco Antônio Lopes, Marcus Veras, Marina Dalla Vista, Marisa Adán Gil, Otávio Rodrigues, Paulo Cavalcanti, René Ferri, Ricardo Franca Cruz, Tárik de Souza, Thaïs de Menezes, Thomas Pappon, Wagner Filho. (Fotos) Christian Gaul, Gustavo Caldas, Jorge Rosenberg, Monique Cabral, Rui Mendes (Ilustrações) Mirela Villaça

STAFF EDITORIAL
Secretaria Editorial: Regina Glennelli
Azul Press: Benjamin S. Gonçalves
Sistemas Editoriais: Walter Toscano
Direção Responsável: Lilige da Lirea Cória Castelli

PUBLICIDADE
Diretor: Énio Vergeiro
Gerente de Publicidade: Afonso Patrocínio
Gerente de Marketing Publicitário: Cinira Mourão
Supervisora de Contas: Maria Luiza Merat
Contatos de Agência: Marcelo Catalá e Nádia Lappas
Contato Direto: Cristina Bertonha
Coordenação: Supervisor - José Soares
Coordenadora - Mônica Nicolau

COMERCIAL
Gerente de Produto: André Felipe D'Amato
Gerente de Assinaturas: Alessandra Pelis
Gerente de Pesquisa: Silvia Campos

COMUNICAÇÃO
Gerente de Promoção: Sandra Galli Ponsoni
Gerente de Propaganda: Vavi Zaita

SHOWBIZZ é uma publicação mensal da Editora Azul S.A. (ISSN 0104-1649, edição 140, março de 1997). São Paulo – Redação e Correspondência: Av. das Nações Unidas, 5777, tel. (011) 887-3000, Caixa Postal 66254, CEP 05470-900, telex (011) 83478, fax (011) 887-3300. Rio de Janeiro: Av. Presidente Wilson, 231 - sala 2503, CEP 20030-021, Castelo - tel. (021) 532-0313, fax (021) 532-1282/1488, CP 4818. Distribuidor em Portugal: Distribuidora Jardim de Publicações Ltda., Quinta Pau Varas, Armazem dos Fetais, 2685, Camarsala, Lisboa. Assinaturas: você pode interromper a assinatura a qualquer momento, sem sofrer nenhum ônus. Mediante sua solicitação, você terá direito à devolução do valor correspondente aos exemplares a receber, devidamente corrigido de acordo com o índice oficial aplicável. Com sua assinatura, seu nome passa a ser incluído na lista de clientes preferenciais da Editora Abril, que poderá ceder-la a empresas idôneas para fins de divulgação e promoção de produtos de seu interesse. Caso não queira fazer parte dessa lista, escreva para Editora Abril-Assinaturas, Rua do Curtume, 769 – Lapa – CEP 05065-900 – São Paulo – Serviço ao Assinante: tel. (011) 823-0222. Números atrasados: as seis últimas edições recolhidas, mediante disponibilidade de estoque, ao preço da última edição em banca. Peça por intermédio de seu jornaleiro ou distribuidor Dinap de sua cidade. Se preferir, peça diretamente à Caixa Postal 2505, Osasco - SP - fax (011) 858.3018, fone (011) [illegible]. Mude-se: [illegible] comunicar, sempre, o seu endereço [illegible] acrescendo 30% ao valor do crédito para despesas de postagem. Fotolito: Bureau Azul, Preposto Editorial, Provisional. Impressão: ANER. Distribuição: DIVISA.

Kid Abelha: *hecho en Brasil, pero tipo exportación*

LÍNGUA SOLTA

O sonho que Paula Toller alimentava desde 1991 virou realidade. Em maio, o Kid Abelha lança seu primeiro álbum visando o mercado cucaracha. Intitulado apenas *Kid Abelha*, o disco reúne os maiores sucessos do grupo, todos cantados em espanhol. "Gran Hotel" é o primeiro single e sai em abril. Apaixonada por línguas, Paula foi aos estúdios em Madri mostrar que *habla* muito bem. Lá, gravou a maioria das novas versões *en español*. Kid Abelha é prioridade da gravadora WEA no mercado internacional e o grupo já tem acertada uma turnê internacional no meio do ano.

Coisa que não acaba mais

Um ano depois do trágico fim, os Mamonas seguem movendo projetos

Um ano após a sofrida e lamentada morte dos Mamonas Assassinas (3 de março de 1996), vários projetos paralelos correm solto. Um filme, baseado no livro que o jornalista Eduardo Peninha Bueno escreveu sobre o grupo, deve começar a ser rodado em junho. A meta de estréia é julho de 1998. Provavelmente não haverá imagens dos meninos. Ou seja, atores (ainda não definidos) vão interpretar as estripulias e caretas de Dinho, Samuel, Sérgio, Bento e Júlio. A direção é Lui Farias (marido de Paula Toller) e a produção de Rick Bonadio, empresário do grupo e atual diretor artístico da Virgin. "Vou coordenar tudo, porque continuo a representar os interesses das famílias", conta Rick.

Dos 2.300 milhões de discos vendidos até agora, 500 mil saíram depois do acidente. "A procura foi enorme na semana seguinte às mortes, mas não estávamos preparados para supri-la. Se eles estivessem vivos, teria vendido muito mais", lamenta Rick. O CD do Mamonas também é disco de platina em Portugal. Segundo a gravadora EMI, ainda não há decisão sobre um segundo álbum com faixas ao vivo e inéditas. "Não posso dizer nada por enquanto", despista Rick. Enquanto isso, seu Ito Reoli, pai de Samuel e Sérgio, quer reviver os velhos tempos de cantor sertanejo. Há trinta anos ele e seu irmão Caredu eram a dupla Irmãos Oliveira. "Agora vou adotar o nome artístico Ito Reoli, em homenagem a meus filhos. Deixo claro que não faço isso por dinheiro. Quero me distrair, já que minha vida perdeu a graça desde aquele dia." Seu Ito diz que canta sertanejo das antigas, tipo Milionário & Zé Rico, e aproveita a deixa. "Estamos escolhendo composições de outros autores, mas ainda precisamos de uma gravadora."

Um show-tributo com artistas convidados está sendo programado. "Mundo Animal", por exemplo, caberia a Falcão; "Pelados em Santos", ficaria com Daniela Mercury... Os moradores de Guarulhos criaram o Bloco dos Mamonas, que saiu no Carnaval.

Os Mamonas viraram até bloco camavalesco em Guarulhos

GUSTAVO LOURENÇO

engenheiro Zen

Carlos Maltz, baterista dos Engenheiros, está noutra

O futuro dos Engenheiros continua nebuloso. "Não sei", é a resposta do baterista Carlos Maltz sobre a situação atual do grupo, oficialmente em stand by. "Quando o Humberto foi cuidar do Gessinger Trio, sugeriu que continuássemos. Mas o Engenheiros não faz sentido sem ele." O vocalista também não sabe. "Eu cheguei a propor minha saída. Mas banda não é repartição pública, que acaba assim. Vou pensar se vai rolar um disco só no segundo semestre", adianta o Cavalo, ocupado com os shows de seu Humberto Gessinger Trio.

Enquanto isso, Maltz larga as baquetas e encara a guitarra-base e os vocais do Irmandade, que acaba de lançar um CD, vendido pelo telefone (021) 247-0749. "A idéia inicial era tocar covers, cada um levando as músicas que gostava para o ensaio. Na hora H, ninguém trouxe nada, mostrei umas composições minhas e rolou", lembra Maltz. "O som é uma misturada brava de punk progressivo (?!) com influências das letras do Zé Ramalho", tenta explicar. E falando no diabo... Para apimentar o repertório o Irmandade toca também "Canção À Galopada", de Zé. O trabalho foi mostrado à BMG, gravadora dos Engenheiros. "Disseram que era esotérico demais", conta Maltz, que não concorda, mas confessou a paixão por astrologia e acabou dando uma consulta telefônica grátis para a repórter. (Marina Della Valle)

Bobeira do Pato Fu deixa fãs com pulga atrás da *orelha*

OREIADA

Quem deixou o CD *Tem Mas Acabou*, do Pato Fu, tocando depois de terminada a última música deve ter se deparado com a história do Capitão Oreia. "Sempre que termina um disco surge uma idéia. E a desse disco foi esconder uma gravação bem podrona no final, para aquelas pessoas que dormem ouvindo música acordarem e pensarem: 'que história é essa de Capitão Oreia?'", explica o guitarrista John. 50% dos curiosos que enviam e-mail para a banda faz perguntas sobre a música-surpresa. John esclarece: "Não estamos xingando ninguém de burro. O Capitão Oreia é toda e qualquer pessoa que faz burrices. É um orelhudo, um asno. Era uma brincadeira nossa de estúdio. Um dia o Nico e o Hique, da dupla Tangos e Tragédias, apareceram por lá e nos colocamos um microfone aberto, um violino, um piano e um acordeom, e gravamos. Saiu isso."

"A sofisticação que a música brasileira tinha se perdeu. Está morta."

Arnaldo de Souteiro, crítico e produtor, em entrevista publicada na revista americana *Pulse*

A PRIMEIRA VEZ JUNTOS

O ex-Nirvana Dave Grohl já terminou as gravações do novo disco do Foo Fighters. O álbum sai em maio e deve se chamar *Up In Arms* ou *Journey*. Ao contrário do primeiro CD, todo gravado e produzido por Dave, este trabalho teve a produção de Gil Norton, no Laundry Room, em Seattle, e vale como estréia da banda em estúdio. O repertório ainda está indefinido, mas sabe-se que Dave quer incluir a cover "Gas Chamber", da banda cult punk Angry Samoans. Enquanto não sai o novo Foo Fighters, Dave também está empolgado com a trilha sonora incidental que fez para o filme *The Touch*, já em circuito nos EUA.

O segundo disco dos Foo Fighters é a estréia da banda em estúdio

MOISÉS NEGRO CONTRA-ATACA

JORGE ROSENBERG

Isaac Hayes abre o verbo para defender sua fé

A Igreja da Cientologia já arrau famosos como Tom Cruise, John Travolta e Isaac Hayes. Também conseguiu críticas e represálias do governo alemão. O recladista de jazz Chick Corea já teve shows cancelados por causa da mensagem de divulgação da seita embutida em suas apresentações.

Revoltado, Isaac Hayes desabafa: "Exatamente como vimos os judeus contarem os horrores do Holocausto, devemos deixar todo mundo ciente da injustiça que a Alemanha está cometendo." Entre os programas de soul meia-cueca que faz na Kiss FM, em Nova York, o Mr. Soul vem pedindo para que o governo americano tome uma atitude. "Estamos entrando no próximo século e isso não pode estar acontecendo. É surreal!"

Alien
notícias de outros mundos

TeTéa Leoni

Téa Leoni, atriz americana de 30 anos, é a principal razão para você assistir seriado *Naked Truth*, que o canal Sony coloca no ar às terças, às 22h30. Téa interpreta Nora Wild, fotógrafa de um jornal sensacionalista que se divide entre o cumprimento do dever e o remorso de bisbilhotar a privacidade dos artistas.

On the road freak

***New journalism*: reportagens escritas com o uso de técnicas literárias e sem a menor pretensão de "isenção jornalística". Coisa que já deu muito filme (vide *Os Eleitos* e *Fogueira Das Vaidades*, feitos a partir de textos de Tom Wolfe). E que vai continuar dando. Para celebrar os 25 anos de publicação do clássico *Las Vegas Na Cabeça* (*Fear And Loathing In Las Vegas*) – do porra-louca Hunter S. Thompson, sobre suas drogadíssimas aventuras e caminho de uma corrida de motos –, estão sendo agitados filme, peça e CD. O disco, com a história dramatizada por Jim Jarmusch, já saiu lá fora.**

pagode legal!!!

Os mauricinhos que me perdoem, mas música de malaco da boa tem de ser feita por malaco legítimo. Gente como a rapaziada dos Virgulóides, que faz samba-rock bagaceiríssimo de primeira. Mesmo lançada em esquema tosco, a música "Bagulho No Bumba", de seu disco de estréia, entrou no topo da parada das FMs.

Nos batuques de botoco na periferia de São Paulo, eles resolveram botar a irreverência do samba e o peso do rock no mesmo copo. "Ficávamos no barzinho do lado de um lava-rápido tirando um sonzinho. A atitude do rock tem tudo a ver com o samba e levamos isso para o ensaio", conta o guitarrista e vocalista Henrique. Aí foi juntar cavaco, pandeiro, surdo e letras criativas para o negócio ficar bom. "Olha, não estamos inventando nada. Já tinha gente nos anos 70 fazendo isso", diz Henrique, cheio de modéstia. Novidade ou não, os Virgulóides estão sacudindo a galera. A primeira apresentação do grupo foi em janeiro abrindo um show do Raça Negra para quase 30 mil pessoas. "No começo o povo estranhou, depois aderiu", conta. O segundo show? Dias depois, na festa de aniversário de Luís Carlos, o vocalista do Raça Negra. "Pô, o cara adorou. Mas acho que o público, que estava mais para aquele pagode meio romântico, achou as guitarras meio barulhentas."

Os Virgulóides misturam pagode com rock e muita bagaceirada

SAUDADE DO SUCESSO

Adrian Smith e Bruce Dickinson estão juntos de novo no estúdio. Não, não é uma tentativa de volta do Iron Maiden. Nem a gravação de um daqueles tributos caça-níqueis. Aproveitando que Adrian deu um tempinho no seu fraco grupo Psycho Motel, Bruce convidou o amigo para fazer uma participação especialíssima em seu próximo álbum. O disco deve sair em julho ou agosto. Como ele está? "Comigo e o Adrian em parceria outra vez, parece Iron Maiden, ora bolas!!! O que você queria?", brinca Bruce.

Prensado argentino

CRISTIAN GAUL

Acredite se quiser: ele é argentino, chama-se Baiano e toca reggae. Isto é Pericos!!!

Reggae bom made in Argentina? Existe, sim senhor, atende pelo nome de Los Pericos e está dando sopa no Brasil, divulgando o álbum *Yerba Buena*. "As pessoas sempre estranharam o fato de tocarmos reggae num país com tradição mais roqueira", diz o vocalista Baiano. O quê? Baiano? Explica-se: o cara é um entusiasta do Brasil e visitou o país várias vezes – daí o apelido –, com direito a mestrado em coreografias da terra de ACM. "Conheço o Tchan e 'Na Boquinha Da Garrafa'. Mas não me arrisco a rebolar, não."

Quanto aos Pericos, eles mandam um reggae de qualidade, com um *pasito pa trás* na tradição portenha (já emaconharam até tango de Gardel) e outros em direção à Jamaica. Herbert Vianna notou cedo e produziu o segundo álbum do grupo, *King Kong*. Também verteu a música "Párate Y Mira" para o português, criando "Lourinha Bombril". Baiano aprovou, claro, essa história de transformar uma ordem em mulher: "Adorei. Está mais rápida, né?"

xixi bom

Dave Gahan, vocalista do Depeche Mode, poderia ter filmado *Pulp Fiction* e *Trainspotting* com um pé nas costas. Consumiu tudo que é tipo de droga, teve parada cardíaca (morreu por dois minutos), tentou o suicídio e foi preso. Agora está lançando o novo disco *Ultra* e lembra da doideira. "Assisti *Trainspotting* louco e careta. A cena do carpete escorregando me pareceu bem familiar." Nem a rápida morte o deteve: "Me injetaram adrenalina e tudo. Lembro do médico dizendo que tinha me perdido."

Desde que procurou ajuda no programa Exodus (o mesmo do qual Kurt Cobain e Shannon Hoon fugiram), David se diz sóbrio. Durante os próximos dois anos, ele fará dois testes de urina por semana para checar se está tudo bem. Parece que desta vez vai. "Vi *101 Dálmatas* com meu filho e pela primeira vez percebi seu olhar amoroso." É...

Dave Gahan volta novinho

Alien

notícias de outros mundos

Cinema gay

● A atriz Drew Barrymore, que já foi garotinha de *ET* e amigona de Courtney Love, montou uma produtora, a Flower Films. No momento roda dois filmes, ambos sobre homossexualismo. *All She Wanted* enfoca o assassinato de uma lésbica que se fazia passar por homem e tinha várias amantes. *Like A Lady* é a clássica história de Pigmalião, só que com uma drag-queen como professor.

Perto da Chechênia

● A perestroika está solta e as russas andam louquinhas para conhecer você. Como? Através de anúncios na prestigiosa revista americana *Rolling Stone*. Umas dizem que querem casar, outras só brincar em troca de uma colaboração. Interessado? Escreve que elas mandam até catálogo: Euro 77; PO Box 888851; Atlanta, GA 30356.

Katuaba made in USA

● Já ouviu falar em DHEA? Vende em farmácias nos EUA e é um "hormônio energético" que faz com que coroas se sintam com 25 anos. É mole?

IVAN NOTHEN

Dotô Jeka botou rock na música caipira e Rolando Boldrin *(no detalhe)* achou meio estranho...

É ROQUINHO BÃO...

JULIO BITTENCOURT

"Ele diz que não gosta de rock, mas e daí? Nós gostamos dele e resolvemos tocar uma música dele assim mesmo", explica o guitarrista Beto, do Dotô Jeka, para anunciar uma versão pesadíssima do clássico caipira "Vide Vida Marvada", de Rolando Boldrin, num show do grupo. O que Rolando acha disso? "Eu não sou contra o rock, respeito os Beatles e os Rolling Stones. Só que não gosto de artistas brasileiros que usam ritmos estrangeiros para ganhar dinheiro. Isto é pura macaquice", detona. Segundo Beto, não é essa a proposta: "Pô, a música é boa e a versão ficou legal... Tem até acordeon." Rolando, que não ouviu o Dotô Jeka, diz que está curioso para conferir o resultado: "Estou me aproximando do rock. Gravei a música 'Espinho Na Roseira' com o André Abujamra, do Karnak, e fiquei muito satisfeito. Acho que posso gostar da versão do Dotô Jeka." (Iara Crapaldi)

DEMO Grátis

Mande suas demos e irmãs para: Democracia - Caixa Postal 66157, CEP 05389-970, São Paulo - SP

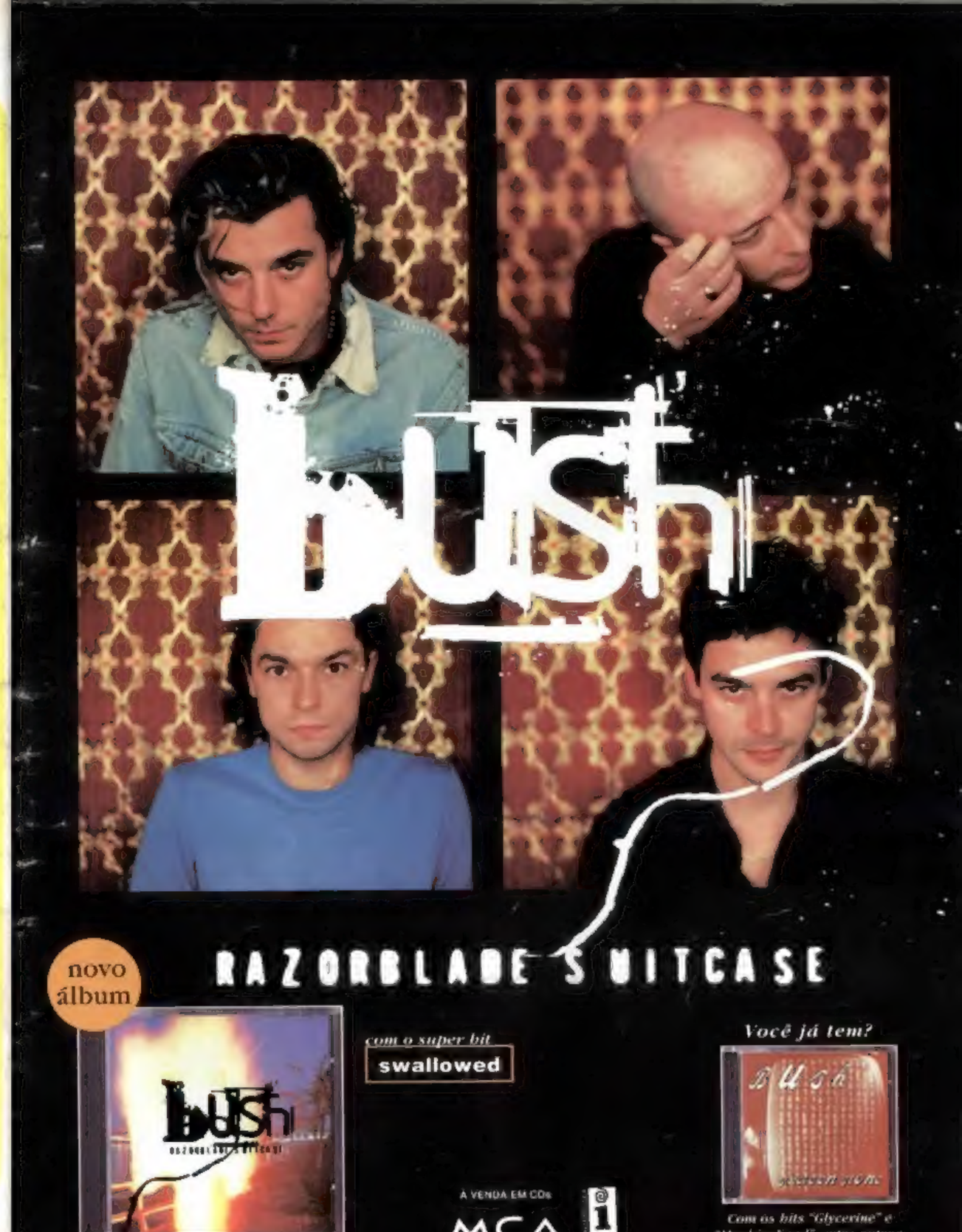
Raimunda é seu passado

Ela foi Raimunda quando fez vocais para os paraíbas na apresentação do grupo na entrega do prêmio da MTV ano passado. Esteve também no show do quartelo no Monsters Of Rock. Mas o negócio da loura Patrícia Coelho está mais para o balanço do que para o rock pesado e ela abandonou os Raimundinhos, coitadinhos... "Não queria ter minha imagem vinculada diretamente a eles", diz. Depois de cantar no grupo dance Sect, que estourou "Follow You" nas FMs farofas ano passado, Patrícia agora sai em carreira solo. Com a produção de Daniel Carlomagno, ela acaba de lançar um CDemo meio pop, meio soul, meio r&b. Mas ela não gosta de rótulos. "Você não vai colocar que eu canto r & b não, né? O que eu faço é Música Jovem Brasileira." Ahn? Deixando mais claro, Patrícia canta bem e as músicas de Daniel Carlomagno revelam um compositor talentoso. Quanto ao estilo, tem o mesmo balanço do disco de estréia de João Marcello Bôscoli, amigo e influência confessa.

Patrícia Coelho mostra agora sua verdadeira personalidade

Fé hardcore

O DFC, banda hardcore de Brasília, resolveu fundar uma nova igreja. *Igreja (Quadrangular do Triângulo Redondo*, título de seu segundo disco, propõe uma nova religião: "Edir Macedo que se cuide! Cada um se vira como pode, se a banda não dá dinheiro, vamos ganhar em cima da fé de idiotas", brinca Phu, guitarrista. Misturando ao hardcore "sambinha, rap e canalhice", a banda saltou por conta do hit "Mulheres II" (do primeiro disco *Tchau Mau Mau*), com preciosidades tipo "tem que passar, tem que lavar, tem que dar, sem reclamar". "Usamos um clichê machista e um bando de jumento levou a sério. E pra explicar a um jumento que esa ironia?" Phu e o vocalista Túlio criaram o selo Sonya Music ("uma ironia às gravadoras"), que já lançou a coletânea *Banana I* e programa um tributo aos Ratos de Porão para dezembro. *Igreja* foi produzido pela mesma dupla de *Cesta Básica* (dos Raimundos), Guilherme Bonolo e Tom Capone. "Veio, vendemos os mil discos distribuídos só em Brasília e São Paulo. Pra gente, é disco de ouro, sacou?"



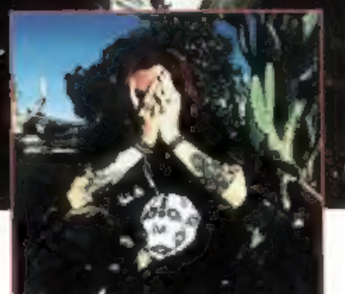
"Quero ser imortal"

Em sua casa em Phoenix, Max Cavalera cura as feridas e prepara a volta com outro grupo

O sol esquenta o quintal da casa de Max Cavalera em Phoenix, Arizona, Estados Unidos. Ele está de óculos escuros, ótimo para proteger os olhos da claridade e perfeito para esconder a cara inchada. A figura furiosa que enfeitiçou o mundo gritando à frente do Sepultura andou chorando. É. Max Cavalera também chora. Sujeito sensível, coração mole, ele não esconde que está passando por um dos piores momentos de sua vida. O motivo, você sabe. "Tô triste pra caralho", diz, engolindo seco. "Procuro manter a cabeça no lugar, mas está difícil... Pego as fotos de quando o Sepultura era uma banda de garagem em Belo Horizonte..." Max interrompe a frase com a voz embargada. "É foda olhar aquelas imagens e ver o que está acontecendo", finaliza, apertando os lábios.

Quando Max está triste assim, ele se isola e escreve muito. Passa noites inteiras num canto da copa da sua casa escrevendo, entre fotos da família penduradas na parede e uma imagem da Virgem de Guadalupe. Max também vem compondo muito e gravando tudo num estúdio portátil meio jogado em cima de sua cama. "Pô, desculpa, cara... Mas o quarto não vai dar pra fotografar porque está muito zoneado. A Gloria, minha mulher, fica com vergonha." Tudo bem. O que interessa mesmo é saber que, apesar de muito machucado, ainda há vida dentro do ex-líder do »

Max, sob o sol do deserto, no jardim da sua casa: "Ainda tenho muito talento para mostrar"



por ROBERT HALFOUN, de Phoenix, EUA • Fotos ROBIN GIBSON

Max diz que vem ao Brasil procurar dois integrantes para sua nova banda

Max e Gloria na frente da casa de classe média, em Phoenix, nos EUA. "Ainda não estamos ricos"

Sepultura. E ele abre finalmente o sorriso quando fala do futuro. "Não vou sair em carreira solo. Detesto estar só e nem imagino meu nome na capa de um disco. Adoro trabalhar em grupo. A época em que o Sepultura estava bem foi uma das melhores da minha vida. Quero ter este sentimento de volta e vou buscar o que desejo!"

A idéia é formar uma nova banda com mais uns três ou quatro caras... Dois deles, Max quer que sejam brasileiros. "Vou ao Brasil descobrir gente nova", declara, enquanto o sorriso vai ficando um pouco mais largo. **"Ainda tenho muito talento para mostrar. O público vai conhecer um Max diferente, mais audacioso..."** Quero ter um percussionista fixo na banda e vou trabalhar também com alguém que mexa com computadores. Meu novo som vai ser uma salada de Sepultura com Nailbomb (*o projeto paralelo que Max fez com Alex Newport, mistura de metal com música eletrônica*) e outros trecos bem brasileiros", revela.

Com a cabeça mais fria depois do bate-boca através dos jornais, Max diz que o grupo não tem mais volta mesmo. **"Depois das coisas que foram ditas, chegamos a um ponto que não tem jeito. Estou muito magoado com eles e não entendo por que tanto ódio contra a Gloria."**

Rewind. Voltando alguns meses no tempo, a mulher de Max e empresária do grupo foi o pivô da quebra do Sepultura. Insatisfeitos com o trabalho dela, o guitarrista Andreas, o baixista Paulo e o baterista e irmão de Max, Igor, resolveram demiti-la após um show no Brixton Academy, em Londres, no final do ano passado. "Ela não fez nada de errado em sete anos com a banda. Pelo contrário, adorava o Sepultura, enterrou o Dana (*o filho de 21 anos morto num acidente de carro provocado por uma gangue – leia mais em quadro à frente*) e estava em turnê três meses depois", rebela-se Max.

Com um discurso forte, principalmente quando o assunto é profissional, Gloria se defende. "Eles foram envolvidos pelas mulheres que, aliás, não gostam de mim. Junte isso ao ciúme do Andreas pelo Max ser o líder do grupo e pronto: fui deletada. Não há problemas de dinheiro. Repito: eles não gostam de mim. Quando o Dana morreu, ninguém veio falar comigo, ninguém mandou uma coroa de flores para o cemitério, nada", lamenta. É, Gloria também chora. Pessoalmente, debaixo daqueles cabelos verdes, ela parece doce, carinhosa. Na frente de uma grande parede na entrada da casa cheia de máscaras místicas importadas do mundo todo, lembra da família russa. Fala orgulhosa da coleção de objetos antigos e vai até o quarto pegar uma cruz, segundo ela, de 1690, toda de ametistas e cravejada com quinze diamantes. Uma relíquia. "Foi benzida por dez papas, sabe? Uso esta cruz nos momentos mais importantes da família: o nascimento dos meus filhos e, claro, no funeral do Dana", diz e abaixa a cabeça. Gloria ainda sente. **Perder o filho e o emprego logo em seguida foi um baque.** "Tudo bem, eu até poderia ser demitida, mas, pouco depois da morte do Dana, foi uma crueldade. O Natal passado foi o pior da minha vida." Em seguida, ela contra-

Ao lado do filho Jason e Bacchus (forma inglesa para Baco, deus do vinho e da orgia), o bode de estimação

ataca. "Sinceramente, não consigo ver o Sepultura sem o Max e sem mim. O sucesso do grupo deveu-se não só ao que eles apresentavam no palco. O meu trabalho por trás, organizando tudo e aquela espécie de circo que acompanhava a banda, você sabe, davam personalidade ao Sepultura. Era o que chamávamos de Sepultribe."

Quinze anos mais velha do que os 27 de Max, apesar dos comentários, Gloria não deixou que a confusão desestabilizasse o relacionamento do casal. "Ela foi super-honesta comigo. Disse que se eu quisesse seguir com o Sepultura, não haveria problema. Mas acho injusto o que fizeram com ela. Nosso relacionamento foi afetado, é claro, mas estamos nos ajudando e vai ficar tudo bem", diz o apaixonado Max. Em 1990, ele não hesitou em se casar com uma mulher estrangeira, muito mais velha e com cinco filhos de outros casamentos. "A Gloria é a minha outra metade e casamento, para mim, é coisa muito séria. Acho que vou ficar com ela para sempre. Nós nos da-»

Andreas, Igor e Paulo durante o coletivo que selecionou a nova (e "fiel") banda de Max

O novo Sepultura

Quase um mês depois de ter declarado oficialmente que a empresária e mulher de Max, Gloria, havia sido demitida e que Max estava saindo da banda junto com ela, Igor deixa as coisas mais claras: "Meu problema – e falo em nome da banda também – é profissional. Nesse aspecto, não quero vê-la nem com o cabelo pintado de dourado. Pessoalmente, só não nos damos melhor porque o escritório do Sepultura era na casa dela e toda vez que ia lá para curtir com o meu irmão e os sobrinhos, o assunto sempre virava trabalho e dava briga. A Gloria mudou muito depois que se casou com o Max. Desde então, já falei isso para o Max, ficou muito difícil lidar com ela." Ciúmes de Max aparecer mais na mídia? "Realmente achamos que a Gloria praticamente inventou essa história que ele era o líder da banda. É claro que estávamos insatisfeitos! Tocando, nós éramos quatro. Na hora de falar, não. Pô, tínhamos pontos de vista diferentes." Igor desmente a teoria do irmão, que teria sido envolvido por Andreas e Paulo. "Ao contrário. Há dois anos que eu queria ter encerrado o contrato com a Gloria. Eles sempre resistiram. Nos últimos meses, consegui persuadi-los." Igor também diz que não tinham a intenção de ser cruéis ao demitir Gloria depois da morte do filho Dana. "Estávamos num muito sem cachorro. O contrato terminava naquela época e, se não fizéssemos nada, ele se renovava automaticamente."

Planos para o futuro? Igor foi a Nova York fechar um contrato com um novo empresário e o grupo deve voltar a tocar antes do segundo semestre.

Filho de Oxossi, elebusca na umbanda a força para continuar.

"Não gosto que me chamem de macumbeiro"

A copa da casa de Max (com o filho Zyon no colo) tem pinta de santuário. Fotos da família na parede e uma imagem da Virgem de Guadalupe

mos, muito, muito bem. Às vezes, sinto que rola até uma inveja de algumas pessoas", completa. Com mais dois novos rebentos, Zyon e Igor (filhos de sangue de Max – *leia quadro*), que ao todo formam sete pimpolhos na prole, **ao contrário de outros *rockstars* como Alice Cooper e Dave Mustaine, que moram em mansões em Phoenix, a família Cavalera vive numa casa comum, num bairro classe média da cidade.** "Ainda não fiquei rico. Deu para comprar a casa, os carros e guardar um dinheirinho para emergências. Com o fim do Sepultura, não vou mentir, estamos numa situação difícil. Mas a gravadora Roadrunner está me dando a maior força, disse que está interessada no meu novo projeto e me emprestou uma grana."

A casa dos Cavalera é o típico lar americano. Pelo menos, por fora. Jardim na entrada, dois carros estacionados na frente e uma tabela de basquete pregada na porta da garagem. "Quando estou sozinho em casa, prefiro ficar lá fora treinando uns arremessos. Acho isso aqui meio assombrado, ouço uns barulhos...", diz Max. Pudera. Por dentro, são cinco quartos, sala com uma TV gigante cercada de fitas de vídeo (principalmente infantis), cozinha, o escritório cheio de discos de ouro do Sepultura, fotos, coisas enviadas pelos fãs... Uma bagunça considerável. "É aquela zona organizada, sabe? Sabemos onde está tudo aqui dentro", conta Max. **Em todas as paredes, de todos os cômodos, muitos, muitíssimos objetos antigos, máscaras, talismãs e bonecos místicos.** A estátua de vodu que aparece na foto do fundo do estojo de *Roots* está lá, exuberante, em cima de uma estante. "Comprei na África e me garantiram que foi usada para feitiçaria de verdade. Disseram também que há cinzas de gente morta na barriga dela. Essa estátua carrega uma carga meio pesada mesmo", comenta, com ar de quem entende do assunto.

A família Cavalera

O portrait que você vê ai abaixo sintetiza bem o que é a família Cavalera. Eles são normais!!! Ok, a mãe tem cabelo colorido, o pai grita feito um alucinado numa banda de heavy metal, mas e daí? "O que eu acho mais legal é que quebramos aquela regra da sociedade de que para ser pai você tem de ser careta, quadradão. Somos como toda família, temos os mesmos interesses que todo mundo", diz Max. Christina, 26 anos, Roxanne, 13, Richie, 11, Jason, 10, Zyon, 4 e Igor, 2. Ao todo, hoje, eles são seis. Eram sete, mas Dana, 21 anos, filho de Gloria, morreu em agosto do ano passado numa batida de carro provocada por uma gangue, em Phoenix. Segundo a família, ele não tinha envolvimento com drogas e o acidente não tem explicação aparente. "Provavelmente ele foi fechado por um daqueles carros de motores possantes, típicos de gangues e perdeu a direção. Havia dois amigos com o Dana eles entraram em coma e agora dizem que não lembram de nada. Essa história não tem cabimento...", indigna-se Gloria.

Dana morreu assassinado

Dana, na verdade, não era filho de Max. Christina também não é. Todos os outros rebentos são legalmente filhos do ex-Sepultura. Zyon e Igor são de sangue. Roxanne, Richie e Jason foram adotados por Max e o chamam de papai. "O pai verdadeiro deles, ex-marido da Gloria, está preso e não é uma boa figura pra as crianças. Adoro esses garotos, são como meus filhos mesmo, quero o bem deles", baba o papai pimpão.

Ele fala dos temas das letras, dos discos... "Isso eu nunca comentei com ninguém. Nem com a banda. O trabalho com os índios em *Roots* foi um lance espiritual. O próximo vai contar histórias dos escravos. Sinto como se fosse uma missão." »

Pai apaixonado, Max chegou a tatuar o nome dos filhos nos dedos nas mãos

Amante de Projeto com Chico Science

Max e Chico juntos, só em montagem de SHOWBIZZ ou na homenagem que o ex-Sepultura quer gravar

Max Cavalera e Chico Science tinham algo em comum: uma admiração mútua e a idéia de realizar um projeto juntos. Eis o motivo por trás da morte de uma música. Vou colaborar nesse projeto com Chico e preciso me preparar para me livrar de alguns preconceitos. Eu e o Chico estávamos conectados para fazer alguma coisa juntos e o destino interveio", conta Max. O projeto era a música "Sua Sombra" ou "Amor Sem Fronteiras", a história de um disco voador trombadinha que voltava à Terra. Não sei com certeza o que fazer mas penso em me encontrar com o Chico e escrevermos a letra, coisa como fiz com Carlinhos Brown em Ratamahatta, do Roots. Agora sem Chico, Max pensa em trabalhar com a Nação Zumbi. Vou fazer uma homenagem de qualquer maneira. Coincidência entre eu e ele não tinha nada a ver com o Sepultura estou sentindo que chegou a hora."

Fax que Chico enviou a Max em agosto de 1996. Eles queriam trabalhar juntos

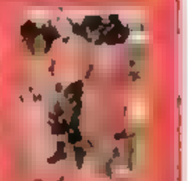
Bob Marley, Max quer ser imortal como o ídolo. "Ainda vou chegar lá"

Vida difícil

Max e o irmão Igor (à dir., em 84)

Em 84, na primeira formação do Sepultura

Com João Gordo, na época que bebia até cair



Ao lado, homenagem a Hélio Xavante

De volta ao plano material, a família Cavalera deve se mudar para a Europa. "Depois que o Dana morreu assassinado por uma gangue, temos problemas aqui. Instalamos quatro monitores de segurança e mesmo assim tentaram roubar nossa casa outro dia. A barra está muito pesada. Também não quero que meus filhos cresçam aqui nos E.U.A. Não gosto da mentalidade americana", reclama Max. Gloria diz que não sabe para onde podem ir. "Talvez a Holanda..." Mas essa é uma decisão hipotética – e não tem nada a ver com drogas, associadas ao país por sua legislação mais permissiva em relação a elas. Depois de ir fundo na cocaína e se tornar confessadamente "a pior pessoa do mundo" quando bebe, Max virou o mais careta pra de família. "O nascimento do Zyon me transformou, fiz um acordo com Deus e nunca mais vou colocar o nariz numa fileira de pó." Alcool agora também só rola moderadamente. "Sou uma pessoa traça. Não resisto e preciso manter distância de bebidas. Se tomar uma dose de rum com Coca-Cola não juro mais nem no dia seguinte tenho de pedir mil desculpas aos meus amigos."

Entre as amizades de Max Cavalera está um cara muito especial: Ozzy Osbourne. "Estamos muito chegados. Com o acidente do Dana, ele e a Sharon se aproximaram bastante da gente. Nos deram uma grande força. Hoje, as minhas conversas com ele são muito íntimas. É estranho porque as vezes nem lembro direito que ele é aquele mesmo Ozzy, do Black Sabbath..." Já que Ozzy virou brother, o ídolo de Max agora é o outro Bob Marley. "Me identifico com a maneira com que ele se dedicava à música, à religião. As coisas que ele escreveu são fabulosas. Sou batalhador, ainda vou chegar lá."

Max diz isso com a certeza de que também vai superar a fase ruim. E revela um sonho ambicioso: a eternidade. "Quero ser imortal, quero que a minha música fique para sempre e influencie pessoas no futuro. Isso é o que me dá força para continuar. Sei que, em breve, vou parar de chorar."

baila comigo

U2 tecno? Imitando o Village People? Calma, o grupo mudou de estilo sem perder a macheza. E vem ao Brasil no ano que vem!

por SÉRGIO MARTINS

No mundo do rock, quem muda pede para levar porrada. Os integrantes do Metallica estão com os ouvidos ardendo até hoje por causa da repercussão negativa de *Load*. O U2 também mudou – e não ligou para qualquer tipo de crítica. *Pop*, o nono álbum de estúdio do grupo irlandês, consolida o namoro com as discotecas iniciado timidamente em *Achtung Baby* e *Zooropa*. Em busca de um timbre mais moderno, o grupo dispensou os serviços do produtor Brian Eno, que trabalhava com eles há 15 anos.

A separação rolou sem brigas. "Nós queríamos um trabalho mais popular e só queria fazer outro tipo de som. Mas tudo que sabemos até hoje foi ensinado por Eno", reverencia The Edge.

Em *Pop*, a produção foi dividida entre Flood (Depeche Mode, Smashing Pumpkins) e o DJ Howie B (dono do selo independente Pussyfoot), responsáveis pelos punch, blips e tóins que são ouvidos ao longo do disco. "Quando as pessoas ouviram Jimi Hendrix, para elas aquilo era inovador. Nós vamos causar o mesmo tipo de sensação com os samplers", alardeia Bono Vox.

Da banda com tendências católicas e pacifistas pouco restou – a não ser duas ou três letras. A parte musical foi burilada em parcerias ao lado de Brian Eno (a partir de *Unforgettable Fire*, de 1984) e incursões pela música americana (*Rattle And Hum*, 1988). Bono, The Edge, Adam Clayton e Larry Mullen perseguem o tecno de gente como Orbital e Chemical Brothers. "Músicos e pintores têm de mostrar o lugar onde vivem", conta Bono. "Pode parecer difícil se manter antenado com o que acontece, porque há muita coisa que você não aprecia. Mas é como disse Bob Dylan: 'Aquele que não está ocupado em nascer está ocupado em morrer'."

Os trabalhos de *Pop* começaram no outono de 1995, ao lado do produtor Nellee Hooper (Massive Attack, Björk). Surgiram "Wake Up Dead Man" (definida como um "western dramático") e a romântica/dark "If You Wear That Velvet Dress". Mas as sessões tiveram de ser interrompidas porque o baterista Larry Mullen Jr. teve um problema de coluna.

O U2 começou a namorar com os ritmos eletrônicos e adota uma postura mais descontraída em Pop. Ao invés de discursar sobre a situação da Irlanda, Bono Vox prefere falar de discotecas e mansões de milionários americanos

Cenas do clip "Discothèque", o primeiro single do novo álbum do U2: brincadeiras com o Village People e uma postura debochadamente sexual

"Pop é um álbum temático. Fala do bigode de The Edge" Bono

A parada foi necessária para o grupo colocar as coisas nos eixos. O baixista Adam Clayton se mudou para Nova York; Mullen se preparou para virar papai (o garotão nasceu em maio de 1996); The Edge curtiu a nova esposa, a coreógrafa Morleigh Steinberg (a dançarina do clip com a versão ao vivo de 'Misterious Ways') e Bono participou dos álbuns de Frank Sinatra e Luciano Pavarotti.

O U2 retomou as gravações em fevereiro do 1996, dessa vez sob a batuta de Flood. Foram nove meses de trabalho duro, em sessões que duravam até 14 horas. A demora do álbum gerou boatos de que o grupo estaria quebrando o pau no estúdio. "Nós estamos mais unidos do que nunca", escapa Bono. "Como *Zooropa* foi gravado em tempo recorde, as pessoas ficaram mal-acostumadas" completa Mullen.

"Discothèque" é o melhor exemplo desse lado caxias do U2. Bono e Flood dividiram a música em várias partes – que levavam nomes como 'Drugs' e 'Religious'. Depois eles apresentaram a versão completa da canção para os outros três integrantes. E foi assim com o resto do álbum. Um processo que Flood adorou. 'No U2 não existem crises do estrelismo'.

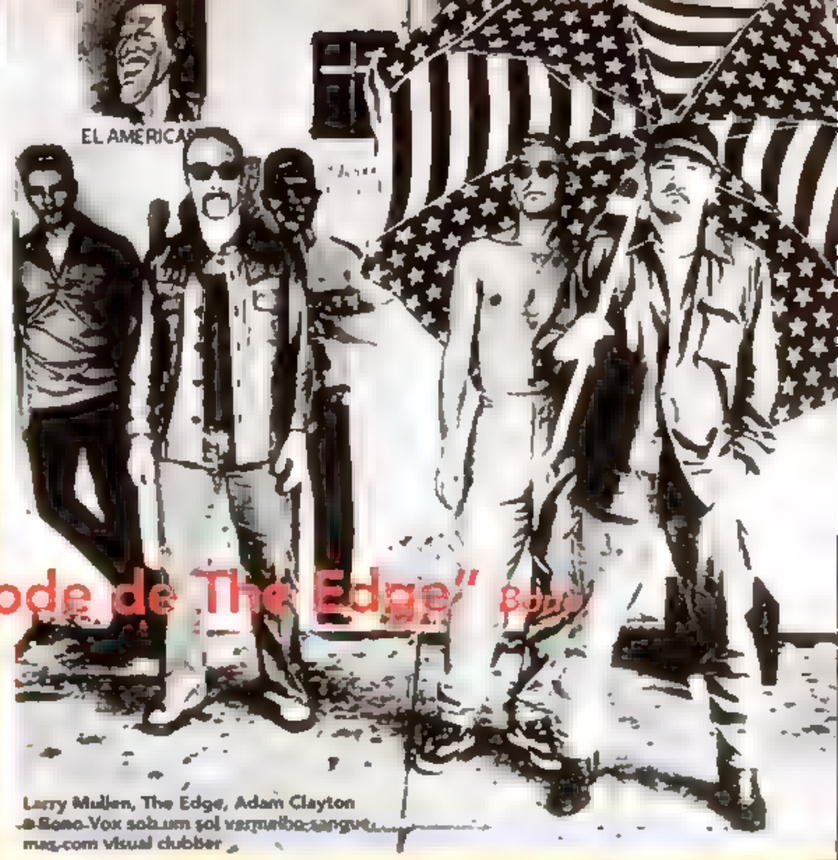
Pop, nas lojas desde o dia 3 de março, é um disco techno, mas não no sentido convencional da palavra. Sim, os timbres e ruídos poderiam figurar em qualquer trabalho do The Orb. Mas o grupo apenas adaptou essas sonoridades ao seu estilo. 'É um disco de macho", corta Bono. "Houve uma hora em que resolvemos chamá-lo de *Pop – Para Homens*. Veja, eis um disco em que o grupo realmente teve controle de tudo!'"

O excesso de testosterona não impede que o grupo brinque com alguns ícones gays. Como imitar o Village People no clip de "Discothèque". Bono ainda reserva outras surpresas. "Eu mal posso esperar para cantá-la ao vivo. Vou emendá-la com 'Love To Love You Baby' [*de Donna Summer, outro ídolo das bibas*]."

O disco tem apenas duas faixas esquisitas. 'Mofo' e "Miami". A primeira traz a melhor participação de The Edge. Sua guitarra tem o peso de Boeing 747 decolando. O batucum "Miami" saiu de uma visita do U2 à cidade americana.

Outra novidade são os samples, todos de bom gosto. Os Byrds enfeitam "The Playboy Mansion", uma teoria de Bono Vox sobre a vida do milionário Hugh Hefner (os primeiros versos são geniais: 'If coke was a mistery/ Michael Jackson... *History*"). O coral O Mistério Das Vozes Búlgaras dá o tom divino em "Wake Up Dead Man". Sobrou até para Naná Vasconcellos em "Last Night On Earth".

O bom e velho U2 se faz presente em "If God Send His Angels" e "Staring At The Sun", com suas influências de David Bowie. "*Pop* é um disco temático: foi composto em cima do bigode de The Edge", brinca Bono, como se encarnasse novamente o diabão McPhisto. "É um disco para quem, como nós, acredita em lixo e kitsch!"



Larry Mullen, The Edge, Adam Clayton e Bono Vox sob um sol vermelho-sangue, mas com visual clubber

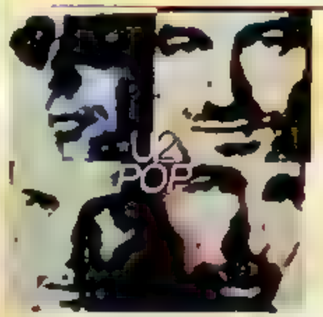
O U2 durante coletiva realizada em Nova York. O grupo deverá finalmente tocar no Brasil no início de 1998

Finalmente no Brasil!!!

A seção de lingeries da loja K-Mart, em Nova York, foi o local escolhido pelo U2 para finalmente dizer que – sim, eles virão ao Brasil. "Para ser honesto, acho que a nossa ida à América do Sul será o ponto alto da turnê", confessa Bono Vox. A *PopMart* – nome da nova excursão do quarteto irlandês – vai durar 14 meses e visitar cerca de 40 países. O Brasil deverá assistir aos shows do U2 no início do ano que vem.

PopMart está sendo organizada por Michael Cole. Quem? Trata-se de nada menos que o homem por trás do sucesso de Steel Wheels e Voodoo Lounge, além do último rolê mundial do Pink Floyd. O palco terá uma estrutura gigantesca, coberta por um arco amarelo; haverá uma torre ao lado do palco, de onde sairão passarelas para Bono Vox passear ao lado da platéia. Cole espera que a turnê seja assistida por cerca de 6 milhões de pessoas.

O U2 deu um gostinho de como serão suas apresentações ali mesmo, em meio a calcinhas e sutiãs. O grupo tocou "Holy Joe". Apesar de ser o lado B do single "Discothèque", a música retrata bem a atual fase do grupo: é techno, pesada, mas ainda é U2 pra cacete.



Capa do álbum Pop

O DJ que deu autógrafo para o U2

O que Björk, Jamiroquai e U2 têm em comum, além de um *fashion style* duvidoso? O DJ que remixa as versões para pista de seus sucessos. David Morales foi flagrado pelo U2 pondo a casa abaixo numa boate no Japão e colaborou nos batucuns de "Discothèque".

"Eu estava na cabine de som e, de repente, entraram Bono e The Edge. Eles vieram cheios de reverência, me pediram autógrafo, mas fui eu quem teve de segurar a barra – caralho, era o U2!" O encontro rendeu ao DJ o convite para mexer à vontade na papelança sonora do quarteto irlandês. "Eu fiz dois remixes. Um garage, bem pesado, só com vocal do Bono e outro instrumental." Os brasileiros puderam conferir em primeira mão a parceria de Morales com o U2. Convidado para participar de uma rave aqui no final do ano passado, o DJ se fartou de tocar "Discothèque". Muito antes do single ser lançado no mundo todo.

Elma Chips

NOVO DORITOS SAPORE PIZZA.

VOCÊ VAI FICAR DE BOCA ABERTA, FECHADA, ABERTA, FECHADA...

DORITOS.
VOCÊ VAI FICAR MALUCO POR ELE.

Salsicha bombástica

por Sérgio Martins

Com o nome do amigo do Scooby-Doo, Shaggy é o maior estouro do reggae mundial

Shaggy: da Guerra do Golfo para os primeiros lugares da parada reggae às custas de muito trabalho

Scooby-Doo está morrendo de inveja. A culpa é de um jamaicano abusado que tomou emprestado o apelido do amigo do cão horrão para se tornar a maior sensação do reggae dos últimos anos. Shaggy – é assim que os gringos chamam o Salsicha – foi eleito pela revista americana *Billboard* como o artista de 1996 no quesito chacundum. A publicação também premiou o álbum *Boombastic*. Sucesso é bom e todo mundo gosta, não é, Shaggy?

"Sinceramente, eu não esquento muito com isso", responde o DJ, direto de Kingston, onde grava seu novo disco. "Estou feliz em ganhar a vida de maneira menos perigosa." É, bota perigosa nisso! Há cinco anos nosso amigo se chamava Orville Richard Burrell e trampava no exército dos EUA. Um de seus feitos foi ter participado da operação Tempestade no Deserto, que os americanos montaram no Iraque para derrubar o ditador Saddam Hussein.

"Eu me lembro de andar dia e noite com um rifle em minhas mãos. Poderia morrer a qualquer momento", lamenta-se.

Mas não dá para a gente falar de um assunto mais ameno? Música, por exemplo? "Ides onversa. Tudo bem, falemos um pouco mais de *Boombastic*. O disco, que reúne o que há de melhor em batidas eletrônicas, emplacou a faixa-título num comercial de jeans. "Eles procuravam uma música com a qual o público se identificasse e escolheram 'Boombastic'. Eu acho que ficou legal. Gosto daquelas animações todas."

Salsicha também entrou de sola no cinema. "In The Summertime", outro sucesso do álbum, ganhou um remix especial para brilhar na trilha sonora de *Flipper*. "Foi meu produtor, Sting (*nada a ver com o ex-Police*), quem desenterrou essa música. Aí o pessoal do filme achou que ela tinha tudo a ver com o clima do verão", diz o rapaz exagerando na modéstia.

Boombastic é tão bom que estourou até na casa alheia. Maxi Priest levou uma das sobras do disco – "That Girl" – para o seu álbum, *Man With The Fun*. "Maxi pediu para retrabalhar a música. Achava que ela seria um sucesso." Maxi estava coberto de razão.

O sucesso de Shaggy vem na verdade de uma união de três pessoas. São elas o próprio Orville, o já citado Sting e o empresário Robert Livingston. O primeiro traz a imagem e as ladainhas ao ponto. O segundo tem as idéias musicais e o terceiro atua como empresário. Em 1993, o DJ arrebentava nos bailes com "Oh Carolina", versão de um reggae monolítico dos Folkes Brothers. Sting produziu a música, adicionando o *riff* de "Peter Gunn" (do maestro Henry Mancini).

O single arrebentou nas paradas e Robert Livingston viu seu mentor de ouro assinar um contrato de um milhão de dólares com a Virgin Records. Isto levou muita gente a »

No Brasil, esnobou a mulherada e a badalação para divulgar seu trabalho

dizer que Shaggy era cantor de um sucesso só. "Eu levo meu trabalho a sério, não vivo da repetição. *Boombastic* não tem nada que se pareça com 'Oh Carolina'. E meu próximo disco também trará algo novo", defende-se o DJ.

Shaggy repudia a imagem antiprofissional dos DJs, sempre atrás de mulheres e com pouco saco para a imprensa. Mesmo que suas letras sejam recheadas de sexo. "O papo de garanhão não é comigo. Quando conheço uma mulher, dou mais importância à personalidade dela. Tenho que namoro a mesma garota há muito tempo, com quem tenho um menino de cinco anos." Salsicha não tremeu nem pelas brasileiras – esteve aqui, em 1993, fazendo uma ponta nos shows de Maxi Priest, no Hollywood Rock. Preferiu dar entrevistas a arriscar uma praia ou conhecer a vida noturna.

Foi o maior público de minha vida. Espero voltar um dia com a minha própria banda." Se na época Shaggy era apenas um convidado de Maxi, hoje em dia a situação mudou bastante. Encrencado por ter sido ofuscado pela apresentação do amigo no Reggae Sunfest (o mais badalado festival da Jamaica), Maxi abandonou o palco antes de terminar o set. "Não foi bem assim. Ele teve problemas com o som", desconversa o DJ. "Tanto que passamos os meses seguintes em turnê e Maxi se comportou direitinho."

As novidades do próximo disco são arrancadas meio a *forceps*, já que a bolacha ainda está em pré-produção. **"Eu devo fazer uma cover de Bob Marley. Também quero regravar 'Piece Of My Heart', de Janis Joplin.** Mas as coisas ainda estão cruas."

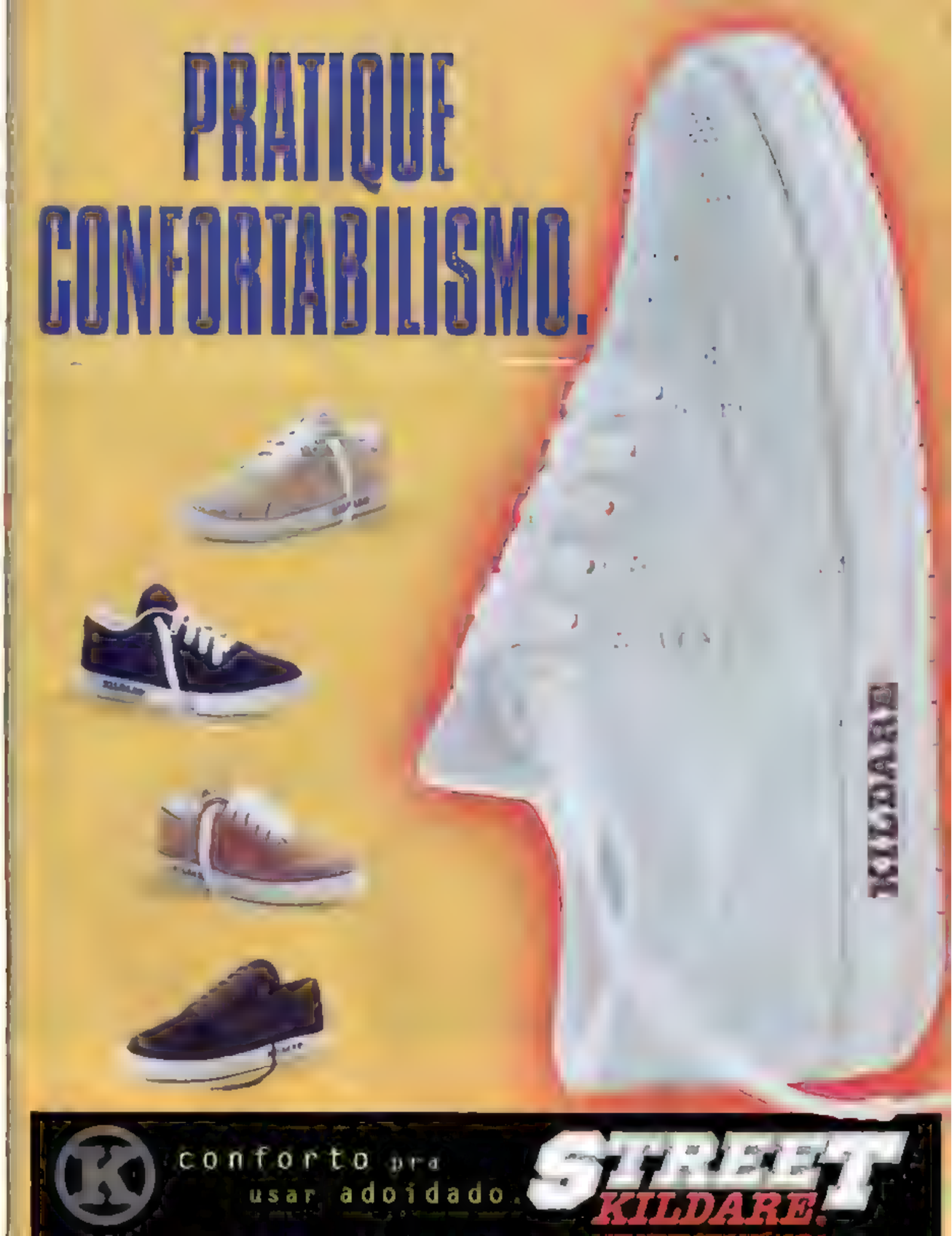
Então dê pelo menos para revelar como nasceu o apelido Salsicha? "Ele me acompanha desde a escola. Eu era magricela e tinha o cabelo meio escovado – como o Salsicha dos desenhos." Bem, pelo menos ele deu sorte para você, não, Mr. Boombastic?

Uma mãozinha na velha guarda

O sucesso do álbum *Boombastic* foi importante para o reaparecimento de Ken Boothe. O cantor – que divide os vocais com Shaggy na faixa "Train Is Coming" – é canário da melhor safra jamaicana. Boothe estourou nos anos 70 com a regravação de "Everything I Own", sucesso do grupo inglês Bread. A música ocupou os primeiros lugares da parada britânica.

Entretanto, nos últimos anos, Boothe parou de produzir. Apenas se apresentava em festivais locais e gravava uma ou outra cover para coletâneas de reggae. O sucesso de "Train Is Coming" tirou Boothe do anonimato de vez: ele tem shows marcados fora da Jamaica e prepara a gravação de um álbum só seu. O mais curioso é que ele esculhamba a nova geração do reggae. "Eles não se preocupam em criar novos ritmos e o público está preguiçoso demais para ouvir outro tipo de música", denuncia. É lógico que um nome escapa ileso às críticas de Boothe: Shaggy.

Ken Boothe foi ressuscitado pelo DJ



DISPARADO

O pior caminho é o melhor caminho.

Dharma Cross Training.

Dobradinha entre caretas

Acusações de recaída nas drogas, empresário demitido e um disco inteiro jogado fora. Assim nasceu o novo Aerosmith

Steven Tyler grelava durante

Whitford (guit
Steven Tyler (vocalista) se revezarem na mesa em
bate-papos com SHOWBIZZ.

De fato, o novo álbum do Aerosmith, *Nine Lives*,
caprichou no quesito complicações. Joey passou por
uma crise de depressão e não participou dos traba-
lhos iniciais. As sessões conduzidas pelo produtor
Glenn Ballard (homem por trás do suc[illegible] de Alanis
Dixo depois que a Sony ouviu o resultado – a gravado-
ra pagou ao grupo 30 milhões por quatro discos, não
[illegible]m de brincar. Tudo teve de
[illegible]a Kevin Shirley
[illegible]ve o rompi-
[illegible]

Tyler negou e
exigiu que Tim
fosse ejetado,
endo prontamente atendido.

Sentado à minha frente, [illegible]esa com os jornal-
istas Don Kay, da revista [illegible]*Kerrang*, e Marc
[illegible]da francesa Guitar[illegible]k Clav[illegible]Tyler
[illegible]ndo por uma [illegible]
andar meio langanho, lambis-
[illegible]
em. Californe de rock star em
[illegible]dad
[illegible]r dos cabel[illegible]

»

por PEDRO SO, de Nova Yor

"Quando você fica sóbrio, tudo melhora no seu corpo, até aquele cara lá de baixo"

O pai de Liv Tyler se defende explicando que o empresário já estava mesmo para ser detonado e quis fazer na saída. "Ele sentiu que ia rodar e inventou histórias envolvendo alguns problemas pelos quais fui famoso no passado. Foi à imprensa e disse a todos que eu estava doidão de novo, disse um monte de mentiras... Mas não funcionou porque eu estou sóbrio. O disco está ótimo! Se eu estivesse doidão de alguma droga, então todo mundo iria querer tomar, pra ver se faz um disco bom assim."

Em seguida Steven engrena um discurso habitual em suas entrevistas, lembrando a vida bandida que levou até meados dos anos 80: "Eu parei de tomar drogas porque estava me matando. Parei e tudo voltou de novo, foi como se eu tivesse 10 anos novamente. Quando você fica travado na pedra por 15 anos e volta a ser sóbrio, de repente tudo funciona de novo. Inclusive aquele cara lá de baixo (*Alô, fãs de Senna: nenhuma relação com 'o cara lá de cima', OK?*)."

Prosaico assim, o vocalista jura que não rebateu as acusações na hora porque estava "ocupado... chorando". "Eu fiquei muito magoado. Tinha passado as noites trabalhando, escrevendo as letras, pô! Mas reconheço que houve uma falha de comunicação, a banda quase rompeu."

Mais tarde, quando, no esquema rodízio de entrevistados, é servido em nossa mesa o contrafilé Joe Perry, fica uma sensação de que o vocalista realmente deu uma derrapadazinha. Mais espontâneo nas respostas, o guitarrista (outro ex-viciado assumido) entrega nas entrelinhas. "Steven tem f... tudo há anos. E a especialidade dele (*risos*). Eu tenho parentes todos f... com drogas por quem não posso fazer nada. Eles dizem: 'Eu vou sair.' E saem... Com Steven acontece o mesmo, se não estiver afetando o lado profissional, vou fazer o quê? Todos os dias, milhões de pessoas saem do trabalho e tomam duas cervejas. Eu gostaria de fazer isso, mas não posso. Nem por isso vou estragar a festa dos outros. Eu não acho que Steven estava fazendo nada, mas se estivesse, não teria sido da minha conta."

Para meio entendedor, meia palavra bas... Quando pergunto a Steven a que se refere especificamente o título do novo disco, *Nine Lives* (nove vidas), ele devolve: "É isso mesmo que você vai escrever. Exatamente." Agradecendo a deixa, lá vai o parêntese histórico. Na vida de pedra rolante do Aerosmith. »

Steven Tyler e Joe Perry no auge levaram vida boa em Miami durante as malogradas gravações; o baterista Joey Kramer e o baixista Tom Hamilton, acima, relaxados depois que a depressão do primeiro passou

Inspiração: detalhe do rolo Steven Tyler mandou bem nas novas composições

Aqui a Morissette é o cacete, depois de começar o disco gravando tudo em modernos processos digitais com Glen Ballard, o homem por trás do sucesso da cantora, Brad Whitford (guitarra acima), Joe Perry (à direita, ao centro), Tom Hamilton e Joey Kramer (baixo e bateria, à direita) detonaram o predador e estão afiadíssimos, mostrando a velha atitude dos anos 70

muitas vezes os integrantes da banda acabaram ficando por baixo da avalanche. No fim dos anos 70, Tyler e Perry cheiraram o sucesso e vários bens que ele trouxe, reduzindo a pó a qualidade do trabalho e a amizade entre si. Nem mesmo a volta por cima, que se configuraria com o avassalador álbum *Pump* (nove milhões de cópias vendidas, prêmio Grammy), em 1989, foi escalada triunfal. Começou literalmente aos tropeços, em 1984, quando Tyler, talvez empolgado pelo retorno à formação original, exagerou nos aditivos e apagou em pleno palco durante um show em Illinois.

Dito isto, vamos ao que o próprio cantor se encarrega de dizer, espontaneamente, algumas perguntas depois. "Nove vidas é isso. Como esse cara ficou sobrio? Como ele voltou? Como conseguiu tantos hits depois de tudo aquilo?" Me chamam de rock star, mas eu sou um cara normal, sou uma p... de um cara comum. Juro por Deus, eu grito com

Steve interrompe a entrevista para atender ao celular: "Desculpe, era minha filha, Liv"

a minha mulher, tenho discussões sobre minhas próprias roupas..."

Steven tem carisma, parece ser uma ótima companhia para umas cervejas. Ops, melhor nem imaginar isso. O celular toca no meio de uma resposta e educadíssimo, ele pede "um minutinho!". "Alô... Oi, onde você está? Desculpe, estou dando umas entrevistas. Acabo daqui a uma hora. Vem aqui no estúdio, vou ficar por aqui mesmo. (*Desliga e se volta para os jornalistas*) Desculpem, era minha filha."

Um cara com tal folha corrida de dele e com Liv Tyler como herdeira – e eventual companheira de saídas, festas e bostes, mais amiga do que filha... definitivamente não é um mortal qualquer. O texto de divulgação do novo disco ainda elogia as letras molhadinhas dizendo que Steven é "o Shakespeare da

Suruba histórica

No alto, Steven em 1993 com Liv Tyler e a mãe dela, Bebe, recentemente

Ao lado, o baixista em 1993

Abaixo, ele em 1989

safadagem". Mencionamos o fato e a mesa toda ri. "Quem escreveu isso? Onde?" Devidamente informado, ele veste a máscara de rock star e comenta, muito sério: "Eu... bem, eu tenho um livro chamado *Flow* (*fluxo*). Sabe-se você está no seu fluxo. Eu sento e faço meu dever de casa, não tem genialidade nisso."

Com a humildade pela culatra, Steven comenta, arguto, que não entende a "vergonha do sucesso" em caras como Eddie Veder, do Pearl Jam. Em seguida mostra que tem seus lampejos ao responder o motivo da recente participação especial que fez no show dos Stone Temple Pilots. "Por que um cachorro lambe seus próprios bagos? Porque é o que consegue, nas bolas (*risos gerais*). Scott Weiland (*cantor dos STP*) me ligou e convidou para uma jam. A gente tinha tempo e foi." Detalhe: Scott, sempre dodoralhaço e vice-versa, é uma espécie de Edmundo do rock, um caso aparentemente incorrigível. O que não o impede de ouvir conselhos do amigo mais vivido. "Claro que falamos sobre drogas. Contei como eu me sentia quando cheguei no fundo do poço. Mas quando eu estava lá não escutava ninguém. Eu estava me f... para mim mesmo." Desnecessário perguntar a Steven se o papo adiantou.

Valeu, CHICO!

A música brasileira perde um grande talento que o país não soube ouvir

Chico Science acreditava que 1997 seria o grande ano do manguebit. Lançaria um [illegible] na Internet chamado *Da Lama Ao Caos Ou Os Doze Cavaleiros Do Apocalipse*, além de trabalhar para a fundação do Astromangue, um centro cultural localizado na parte histórica do Recife. O local teria espaço para oficinas de música e pesquisas sobre o [illegible].

O cantor também tinha engatilhado composições inéditas para Marina, Paralamas Do Sucesso e Gilberto Gil

"Está tudo no meu computador", dizia, apontando para a cabeça.

Uma parte desse sonho teve final trágico em 3 de março passado. O carro que o cantor dirigia se desgovernou e bateu num poste. Levado para o hospital, ele morreu com múltiplas fraturas na face, traumatismo craniano e afundamento do tórax. É um grande baque na música pop brasileira dos anos 90, sim. Mas é bobagem anunciar a morte do manguebit ou um suposto aborto da renovação que sua geração propõe. O legado de Chico vai continuar a pulsar no trabalho de muita gente nova [illegible] da própria Nação Zumbi, que pretende seguir tocando e gravando.

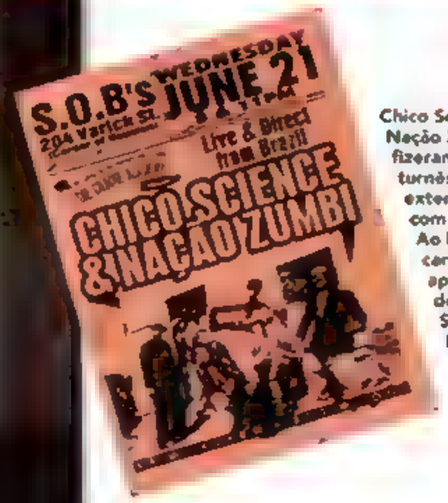
O funcionário público Francisco de Assis França tinha morrido [illegible] antes, em julho de [illegible], [illegible] assinar contrato com a Sony [illegible] partir da [illegible] artista [illegible] Chico Science. [illegible] anos 80, conhecido como Chico Vulgo, havia experimentado sons [illegible] grupos Orla Orbe e Loustal. [illegible] influência na época era o grupo [illegible] Fedum: "A gente levava os discos para a praia [illegible] enquanto tomava cerveja", lembrou à SHOWBIZZ de novembro passado.

A Nação Zumbi surgiu depois de Chico se encontrar com o som do bloco afro Lamento Negro. Juntos, eles criaram uma mistureba que colocava tambores de maracatu com sons de rock ao lado de reggae, rap, funk e o que mais desse na telha.

A [illegible] sonora de Chico Science [illegible] acompanhada do [illegible] Caranguejos Com Cérebro, Redigido com Fred 04 [illegible] mando [illegible] e o jornalista [illegible] »

Barrado nas FMs e até vaiado num dos últimos shows, Chico será sempre lembrado

Acima, a primeira reportagem de Chico Science & Nação Zumbi na BIZZ. Em fevereiro de 1993, a revista destacava o movimento manguebit. Abaixo, Chico e seu inseparável chapéu de palha, numa seção de fotos recente



Chico Science & Nação Zumbi fizeram duas turnês ao exterior, sempre com sucesso. Ao lado, um cartaz da apresentação deles no S.O.B., em Nova York

Chico Science se prepara para a sabatina do ídolo Cadão Volpato (ex-Fellini) na edição de novembro de SHOWBIZZ. Com Herbert Vianna, durante a turnê européia (ao lado)

to Lins, o documento se apropriou de dicas do livro *Homens E Caranguejos* do médico e escritor Josué de Castro – autor do clássico estudo Geopolítica da Fome – e tornou uma forma de chamar a atenção para o trabalho de suas bandas.

Vendida (ou mordendo a isca aos poucos). Em março de 1993, Chico Science & Nação Zumbi foram revelados ao país através das páginas da BIZZ. No mês seguinte, emplacaram como atração do Abril Pro Rock, festival organizado por Paulo André (empresário de Chico) para divulgar o cenário local. Em julho, na semana em que fechou com a Sony, Chico já estava na capa do caderno B do *Jornal Do Brasil*.

O cantor foi apresentado ao grande público em janeiro de 1994, no festival M2000, realizado em Santos e no Rio. Foi o ponto inicial do lançamento do álbum *Da Lama Ao Caos*. O disco despertou interesse no exterior, ganhando reportagens nas revistas americanas *Rolling Stone* e *Request*. Com isso, Antonio Carlos ficou em primeiro lugar na parada de sucessos de world music.

Chico realizou sua primeira turnê internacional no ano seguinte, fazendo 21 shows em cinco países. O esquema foi o mais tosco possível: o grupo se hospedava em albergues e vendia chapéus de palha para compensar as despesas. Chico tocou no Central Park (Nova York) ao lado de Gilberto Gil e detonou no Free Jazz Festival – numa noite que reuniu Specials e The Busters. Além disso, foi atração da casa de shows CBGB's, lendário buraco por onde passaram Ramones, Talking Heads, Patti Smith e outros grandes nomes do punk e da new wave.

Em 1996, depois de se apresentar no Hollywood Rock, Chico lançou *Afrociberdelia*. O disco, produzido por Eduardo Bid, tinha participações especiais de Gil, Fred 04 e Marcelo D2 (Planet Hemp). No mesmo ano, um novo tour pelo exterior. Foram 13 shows na Europa, seis deles ao lado dos Paralamas Do Sucesso – que embarcou como convidado. "Houve lugares em que eles nem nos conheciam. Vinham por causa do Chico", comenta Herbert Vianna.

Mesmo sem o devido reconhecimento da massa (seus discos nunca ultrapassaram a marca de 90 mil cópias vendidas), Chico foi saudado como uma das grandes renovações da MPB. Marina gravou "A Cidade" em seu álbum *Abrigo*; Elba Ramalho cantou "A Praieira" e 'Mateus Enter" em suas apresentações e Moraes Moreira homenageou o pernambucano na faixa "Caranguejo Dance". "É um dos artistas mais modernos que vi surgir nos últimos tempos", exaltou o ex-Novo Baiano.

Recentemente, *Da Lama Ao Caos* foi aclamado numa enquete de SHOWBIZZ junto aos principais críticos do país como um dos melhores discos do pop/rock nacional de todos os tempos. O disco ficou em 11º lugar, na frente de obras de Roberto Carlos, Luiz Melodia e Jorge Ben Jor. "Fico contente em saber disso. O álbum conseguiu reunir todas as nossas maiores influências", alegrou-se Chico, em seu último depoimento à SHOWBIZZ.

Os Mamonas morreram no auge, contabilizando dois milhões de discos vendidos. Renato Russo deu seu adeus devidamente consagrado, com sete discos da Legião Urbana, dois álbuns solo e mais algumas sobras que devem chegar às lojas a qualquer momento.

Chico, não. Seu trabalho chegou a ser razoavelmente apreciado na Europa, onde se apresentou em festivais ao lado de Ministry, Nick Cave e Beck. No Brasil, porém, as rádios o ignoraram e a vendagem de seus discos jamais decolou – apesar do reconhecimento da crítica e do meio. A injustiça atingiu seu auge ano passado, no Metropolitan, no Rio. Responsáveis pela abertura do show dos Paralamas, Chico Science & Nação Zumbi foram vaiados por uma multidão de marmanjos hooligans.

Com a morte de seu maior porta-voz, resta agora ao manguebeat superar a dor e seguir em frente. "Falar em morte do movimento é o mesmo que dizer que o reggae acabou depois de Bob Marley", rebate Fred 04. O renascimento se dá logo no mês que vem, com a quarta edição do Abril Pro Rock. "Teremos sete bandas novas tocando no festival. Elas são a maior herança de Chico", desabafa o empresário Paulo André. O Abril Pro Rock também trará uma exposição de fotos, cartazes e CDs da Nação Zumbi no exterior.

O manguebeat deixou uma letra inédita escrita em inglês, que Herbert Vianna deve musicar. Em breve será lançado nos cinemas o filme *Baile Perfumado*, cuja trilha foi composta por Chico e 04 com Siba (do Mestre Ambrósio). Outras chances não irão faltar. Nunca vai ser tarde para o Brasil se redimir e reconhecer o talento de Chico.

Stamp Rock'n Roll

EXCLUSIVO NO BRASIL
PRODUTOS OFICIAIS
FABRICADO SOB LICENÇA

ESTAMPAS APROVADAS PELAS BANDAS
ALTA QUALIDADE
TAMANHOS P, M, G

RECEBA PELO CORREIO
ENVIAMOS PARA TODO O BRASIL

PAGUE AO RETIRAR

DESCONTO ESPECIAL PARA REVENDEDORES
PEDIDOS POR FAX OU CARTA COM TELEFONE

TEL.: (011) 291.7478

ATENÇÃO: É PROIBIDO O USO DE TODA E QUALQUER IMAGEM DOS ARTISTAS AQUI VEICULADOS. OS INFRATORES ESTARÃO SUJEITOS AS PENALIDADES PREVISTAS EM LEI.

TS 200 IRON MAIDEN
TS 201 DOORS
TS 202 LED ZEPPELIN
TS 203 RAMONES
TS 204 PINK FLOYD

TS 205 PANTERA
TS 206 DOORS
TS 207 JIMI HENDRIX
TS 208 IRON MAIDEN
TS 209 LED ZEPPELIN

TS 210 PANTERA
TS 211 DOORS
TS 235 MADONNA
TS 213 DOORS
TS 214 IRON MAIDEN

TS 215 RAMONES
TS 216 LED ZEPPELIN
TS 217 DOORS
TS 218 IRON MAIDEN
TS 219 BIOHAZARD

TS 220 DREAM THEATER
TS 221 PRIMUS
TS 222 HOLE
TS 236 BIOHAZARD
TS 224 MADONNA

FABRICAÇÃO E DISTRIBUIÇÃO SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE WINTERLAND PRODUCTIONS. EXCETO "SEPULTURA" SOB LICENÇA EXCLUSIVA DE BLUE GRAPE.

TS 225 DOORS
TS 226 RAMONES
TS 227 PINK FLOYD
TS 228 LED ZEPPELIN
TS 229 DOORS

TS 237 PANTERA
TS 231 LED ZEPPELIN
TS 232 DOORS
TS 233 LED ZEPPELIN
TS 234 BEASTIE BOYS

TS 238 SEPULTURA
TS 239 SEPULTURA
TS 240 SEPULTURA
TS 241 SEPULTURA

R$ 22,00

VOCÊ RECEBERÁ UM AVISO DO CORREIO PARA RETIRAR SEU PEDIDO NA AGÊNCIA MAIS PRÓXIMA DE SUA CASA.

O FRETE SERÁ PAGO PELO CLIENTE.

LOJAS STAMP

AV. S. JOÃO, 439 - 2º A. - LJ. 337 - S. PAULO - SP - TEL.: (011) 222 9984 - GAL. ROCK
RUA 24 DE MAIO, 116 - TERREO - LJ.32/33 - SÃO PAULO - SP - TEL.: (011) 222 7015

RIO DE JANEIRO: REPRESENTANTE / PRONTA ENTREGA
ROCK'N ROLL AV. AYRTON SENNA, 3000 - LJ 1012 - 1º PISO - B DA TIJUCA
VIA PARQUE SHOPPING - TEL.: (021) 385-0312

ENVIE O CUPOM ABAIXO OU COPIA PARA STAMP:
RUA HELIODORA, 321 - 02022-051 - SÃO PAULO/SP

- NOME _____
- END. _____
- CEP: _____ CIDADE. _____ EST
- TEL.: _____ ASSINATURA

REF:	TAM:	REF:	TAM:	REF:	TAM:

VALOR TOTAL: R$ _____ + FRETE

O sujeito que entre desprevenido terá a impressão de que ingressou num baile de Carnaval. Muito corpo nu, uma massa compacta suando no salão, e um baticum ensurdecedor nas caixas de som. Mas assim que os sentidos se acostumam ao input de informações, pintam as diferenças. Peraí, cadê o puxador do samba? Ei, cadê o samba?! Aí não dá mais pra voltar atrás, parceiro: você já está dentro de uma rave tecno no Rio.

A loucura é a mesma, o clima de todo-mundo-é-de-todo mundo também. As garotas vestem pouca roupa, os homens parecem saídos do set de "Blade Runner". Robinson Schweitzer, 28 anos, é um replicante cuspido e escarrado: cabelos arrepiados e descoloridos, óculos "sou mau" no rosto.Passaria por dublê de Rutger Hauer. Roadie de Fernanda Abreu, ele está acostumado à ferveção da lata da patroa, mas sabe que aqui o agito é outro. "A música dela celebra o sol, o dia, coisas bem cariocas. Tecno é mais noite, mais loucura", diz, e volta apressado para a pista. Não consegue parar.

Aliás, a síndrome non-stop é a lei da festa. Quem tá parado começa a se mexer por osmose. Quem se mexe não pára mais. O repórter tem dificuldade para falar com quem quer que seja: ninguém ouve ou não pára para ouvir. A maquiadora e astróloga Cristina de Melo Dantas, 24 anos, parece onipresente. Está em todos os lugares da pista, comandando a agitação do alto de seu metro-e-meio-e-alguma-coisa. É uma espoleta, vestida com uma cuequinha do Piu-Piu, deixando doidos os Frajolas à volta. Tininha, como é conhecida nas pistas cariocas, é clubber de carteirinha. Quando a noite não está legal no Rio, vai a São Paulo dançar. »

Cabeça colada à caixa de som, ele implora: "Quero que o tecno faça sexo com meus neurônios"

Camila Cassone em [illegible]
Edgar Machado
[illegible]
Tempo de pista: 4 anos/ 2 meses
Aditivos: nada
Artigo outrora raro nas raves, hoje comum o casal hetero. Ela esta em todos os pontos da pista ao mesmo tempo, ele é *low-profile*. Ela sempre gostou da musica eletrônica, ele é chegado no rock. O amor acima dos BPMs

Nome: Fabiana Pascale
Idade: 17 anos
Orientação [illegible]
Tempo de pista: [illegible]
Aditivos: nada [illegible]
[illegible]
marcações com seu corpo malhado "ao som de tecno nas academias". Trocou as pistas de rock e skate por estrobo e bate-estaca. Uma das poucas sem piercing, que promete pôr no umbigo assim que estiver com a barriga "sequinha

Estudantes da Zona Sul carioca, todas com 16 anos, Camila, Lucia e Camilla seguem seus DJs favoritos até em São Paulo

Esta é uma atitude comum também ao trio Camila-Lucia-Camilla, todas com 16 anos, estudantes e moradoras da Zona Sul do Rio. Colecionam piercings, têm mais brincos pelo corpo do que parafusos em muita loja de ferragens. Sora primeira Camila tem sete. "Falta um no peito", lamenta. A outra Camilla – com dois eles", concorda. Lucia é a que dá pra trás: "No peito não rola." O trio fumada é formado por groupies de DJs que seguem seus prediletos — Ricardo NS no Rio, Renato Lopes em São Paulo — onde quer que eles toquem. Amantes (entre si, sem preconceitos), não dispensam rapazes. Só porém na lista de "tô fora" as festas de rock – de onde, aliás, vieram. "O rock é uma merda!", grita a Camila-com-um-e-dois-ss aparentemente chefe do trio.

O fechamento de várias casas de rock e a própria estagnação do gênero tem levado hordas de cabeludos e roqueirinhas às pistas de tecno do Rio. Alguns entram como quem não quer nada, como Mauricio Ribeiro, 19 anos, estudante de Ciências Sociais da UERJ, que foi puxado por uma amiga clubber. Já sabe que tecno é diferente de garage, mas ainda não assimila muita coisa. "Sou caretão", confessa. Mas tem cabeludo que entra sabendo onde tá pisando. Eduardo Penteado, 29 anos, músico eletrônico e tradutor, comemorou o aniversário em plena pista. Final de noite, cabeça colada à uma caixa de som, balbucia para o repórter: "Quero que o tecno faça sexo com meus neurônios."

Sexo, aliás, é o elemento que estava faltando às raves do Rio. Sexo hetero, que fique bem entendido. De gueto gay, as noites tecno tornaram-se eclé-ticas – um processo demorado e difícil. "Acho legal ter virado festa hetero, mas demorou muito. A culpa é da ignorância machista do brasileiro", acusa a lourinha Marie Bigorio, 24 anos, viajada pelas pistas da Europa, onde não rola discriminação. "Eu dizia que ia a uma festa tecno e a galera do rock maldava", completa. O estudante Edgar Machado, 16 anos, parou de sofrer a implicância da turma do colégio. "Eles sabem que não é mais festa de viado", diz o moleque, outro ex-frequentador de festas de »

O inferno são os outros

São 5h30 da manhã de um domingo nublado em São Paulo. E a noite está apenas começando no Hell's Club, reduto do lazer underground. Instalado no Sub Club (acoplado ao Columbia, point mauricinho nos Jardins), o Hell's começa a arder todo sabado a partir das 4h. O último cliente pode tranqüilamente emendar a *night* com o almoço familiar do domingão – mesmo tendo fervido até o meio-dia num lugar escuro, apertado e com alta concentração de piercings por metro quadrado.

"Nem saio da de sabado (*sic*), durmo até às quatro e venho", conta a garçonete de 18 anos Catherine Perez. Sua amiga Sheila Numaire, 21, prestes a ser iniciada no Hell's, tem medo. "É minha primeira vez. ", diz a atônita vendedora, ainda na calçada, os olhos arregalados.

Há motivos para o receio. O nome do lugar, "Hell's" (de inferno, em bom português), faz sentido. No banheiro feminino, por exemplo, homens contam dinheiro numa mesa, onde há artigos estupefacientes para todos os gostos. O xixi é mera desculpa.

Dois perdidos – e mauricios – na noite suja não acreditam. "Todo mundo despirocou, isso é outro mundo", berra Everson "Pastel", 25 anos, administrador. "Homem beija homem, mulher com mulher, não entendo", assusta-se Fábio Guimarães, 23 anos, publicitário.

Mas há também os neófitos que querem mais é diversão. "Pra ouvir tecno não preciso tomar ecstasy ou furar meu queixo. Posso até usar camisa de playboy", defende Eduardo Camarini, 26 anos, professor de Educação Física. O leque se abriu: tecno não é mais "musica de gay" e os encontros se espalharam dentro e fora da cidade. A moçada promove raves (festas ao ar livre) em sítios no interior do Estado e casas no litoral.

A popularização custa um preço: a invasão de quem não faz parte do "mundinho". No B.A.S.E. (centro da cidade), já na terceira edição da festa "Ravedelica", pouco se via da galera tecno ortodoxa. Até às 2h, entre loiras de salto alto e microvestidos, um dos raros genuínos representantes era Andre Meyer, o mais famoso piercer paulistano e arroz-de-cyberfesta. "A 'invasão' não é ruim, o tecno contamina nossa geração", festeja ele, dando boas-vindas.

No evento Love Galaktika, que estreou no Floresstta (Itaim Bibi) em janeiro, a popularização do tecno se confirma. A enorme pista de dança atrai de tudo. O dentista Rico Amaral, 26 anos, viaja ao descrever: "É o tipo de música que estimula os sete chacras, o corpo inteiro vibra, é energia na veia."

Priscila Araújo, 22 anos e estudante de Direito, também parece concordar com a teoria dos sete chacras, mas está aérea demais para completar uma frase: "Conheço a galera, danço..." Jesse Santos, office-boy, 19 anos, segue a linha deslumbrado. "Pô, ganhei um convite, nem sabia o que era, adorei!"

As críticas à invasão borbulham. A. L., um vendedor de 23 anos, metralha: "A cena mudou quando o Sra. Kravitz (casa *noturna do início dos anos 90*) fechou. As pessoas nem sabem mais o que ouvem." Segundo ele, o quesito sexo também está caído na fase pop do tecno: "Transar era facinho. Hoje... E pra se arranjar? A maioria não tem atitude." Assim com A. L., outros ravers veteranos se lamuriam. O tempo de eventos mais "exclusivos" e "selecionados" parece ter chegado ao fim.

Sete e meia da manhã. Na calçada do Hell's, um menino fica histérico e se joga no chão: "Aiiii! Perdi meu ecstasy..."

(*Leticia Calmon*)

No Hell's, rapazes musculosos servidos em cima do balcão, em frente à agitada pista onde mauricios se misturam ao povo antenado

Hipnotizadas, as amigas se apalpam; o playboy acha que é festa e se mete no meio

Marie Bigorie e o cultuado Ricardo NS (de "não sou" ou "Nossa Senhora!", brincam alguns clubbers), top DJ do Rio techno

Não é tudo a mesma coisa

Se você é daqueles que vai à rave e acha que o DJ está tocando a mesma música há umas nove horas, saiba que a diferença entre house, techno e afins é tão grande quanto aquela entre o rock "romântico" de um Bon Jovi e uma porrada do Sepultura. Além disso, a cada estação surgem mais e mais subgêneros. Confira o significado de alguns nomes e se situe...

HOUSE & GARAGE Tudo começou no meio dos anos 80, quando DJs de Chicago começaram a fundir a moribunda disco music com novas baterias eletrônicas e seqüenciadores. A coisa logo descambou para a fórmula das divas negras gritando e reclamando da falta de homem e de amor, com muito pianinho e clima "alegre"... Farofização que chegou ao ápice no subgênero ítalo-house.

TECNO Enquanto Chicago ficava com sua house, os DJs de Detroit (influenciados pelo lendário grupo alemão Kraftwerk e afins) inventaram o techno: batidão de mais de 130 BPMs, nada de vocais e bases repetidas até a hipnose. Depois de dominar Inglaterra (onde começou a se disseminar por volta de 1988) e Alemanha, o gênero hoje engloba várias tendências, do techno de rave (aleginho, tipo "trio eletrônico" para a massa) ao acid (com mais sumgue), passando pelo poderoso gabba, algo tão hardcore que deixa o Slayer parecendo banda de festa junina. O gabba é a sensação da galera punk-roqueira lá fora.

TRANCE O nome já indica a maior viagem – mas nada tipo Pink Floyd ou new age. Aqui a mente viaja enquanto o corpo sua na pista. É a linha do consagrado Sven Vath e dos veteranos do projeto Humate, que misturam belas melodias e sussurros hipnóticos enquanto a lenha come ao fundo. Segredo de boa discotecagem: um trance para cada três techos faz o ecstasy render muito mais.

JUNGLE E se nesse caldeirão eletrônico fossem jogados reggae, hip hop, jazz e a bossa-nova? Daria o jungle, rótulo que começou como breakbeat e agora, esnobe, atende por drum'n'bass. A batida quebrada, tipo atabaques-da-selva-em-ritmo-veloz, mistura-se com vocais de reggae ou com levadas jazzísticas para promover um climinha meio cool. Já pegou em São Paulo, mas ainda não colou no Rio – talvez pela concorrência com o samba.

TRIP HOP As referências são as mesmas do jungle, mas sem o batidum nervoso e sincopado e com um namoro leve com o blues. O trip-hop é uma viagem eletro-lisérgica que provoca um suave remelexo do corpo enquanto etéreos vocais femininos entorpecem a mente. Serve para abrir a pista, junto com ambient e algum trance mais suave. Os CDs do Portishead e do Morcheeba são aquisições obrigatórias.

(A.G.)

rock – fã de Nirvana, de Chili Peppers e de "Born Slippy", do Underworld, música da trilha sonora do filme *Trainspotting*.

Do nada surge a tal "Born Slippy". O repórter fica falando pro vento, pois Edgar e mais TODO o público rumam para a pista. Vencendo o empurra-empurra e os "ai, meu Deus, é aquela, é aquela" na escada, chega-se à pista. Hipnose coletiva, sexo grupal com os neurônios, como diria o cabeludo grudado na caixa de som. O trio Camila Lucia Camilla perde as estribeiras, Edgar se entrosa com a formiga atômica Tininha, todo mundo se agarra, se apalpa e grita. É uma confraternização.

"O teu no reúne um bando de gente que não tem nada em comum", diz Rafael Maia Macedo, 20 anos, estudante de Publicidade, enquanto se sacoleja. Ele condena a playboyzada que tem invadido as raves para traçar as gatinhas: "Só porque a galera tá se apalpando pela onda do ecstasy os caras acham que é só sair agarrando as mesmas."

Esta invasão já gerou até cena de violência numa festa – fato inédito até então. Foi na Hyper Club, em Copacabana, onde um clubber (que prefere não se identificar) foi defender uma amiga contra um playboy bôbado e abusado. O ato de cavalheirismo lhe valeu um direto na cara. O sujeito, junto com mais cinco amigos arruaceiros, acabou expulso da festa. A donzela em perigo, a estudante de Desenho Industrial Alessandra Marques, 21 anos, ficou chocada. "Isso nunca tinha acontecido nas nossas festas", diz, indignada, enquanto abraça seu herói anônimo na pista. Visual charmeiro, longas trancinhas rasta até o bumbum, a vestibulanda Manuela Mendes comparou: "R & B é muito devagar, os homens das festas charm também." Tri a prova final de que festa techno agora é coisa de macho.

Nome: [redacted]
Frota ("Mas agora é Douglas, viu? O Nicholas tá levando!")
Idade: 21 anos
Orientação sexual: Bi ("Acho que o Douglas só pega mulher")
Tempo de pista: [redacted]
Aditivos: "Up your gas", ecstasy, maconha. Onde quer que se olhe o programador visual Nicholas ("Douglas, por favor!") Frota está dançando que nem uma folha de capim ao vento. É o xodó do mulherio, que o agarra por ser "lofinho". Está se valendo do alter-ego Douglas (techno causa esquizofrenia?) para faturar em cima disso.

Manuela Mendes, 18 anos, adora a velocidade do techno

ferveção Ponte Aérea

SP Há dois tipos de lugares onde se pode ouvir e dançar techno em Sampa: as casas noturnas (ou clubes, na linguagem *in*) e as raves. Os clubes estão localizados em bairros próximos do centro (Bela Vista, Jardins) e nas Zonas Leste e Oeste. As raves, festas ao ar livre, são promovidas por inglesinhos diretamente importados do Velho Mundo. Para conseguir o endereço é preciso sair perguntando ou ter a sorte de receber filipetas nas portas do Hell's ou de barzinhos dos Jardins.

Retrô
Rua Fortunato, 36 - Santa Cecília
As noites techno são quarta (Underclub) e sexta (Breakin – quando o DJ Mau Mau faz uma leitura techno do hip hop, atrai uma freqüência de Mundo Mix). Na sexta mesmo, a partir das 5h da manhã rola o Cyberia, nos moldes do Hell's – som pesado e pessoal descolado. Ingressos: de R$ 5 a R$ 9 (dependendo do dia e da hora que se vai ao Retrô).

Kashmir
Rua Flandeiras, 697 - Vila Olímpia
Localizado no bairro mauricinho por excelência, não há como fugir das camisas sadias e botinhas bico fino. As terças e quartas, o DJ Santiago comanda um techno bem pop. Ingressos: R$ 15 a R$ 20.

Columbia (Hell's Club)
Rua Estados Unidos, 1570 - Jardim Paulista
O Hell's rola no Sub Club, a partir das 5h da manhã de sábado. Imperdível para quem quer conhecer o mundo techno. Ingressos: R$ 20.

B.A.S.E.
Av. Brigadeiro Luiz Antônio, 1137 - Bela Vista
Quando não há uma festa particular, às sextas, o DJ residente Angelo Leuzzi garante a noitada techno comercial. A mauricada invade. Homens: R$ 20 a R$ 25. Mulheres: R$ 15 a R$ 20.

A Floresta
Rua Funchal, 500 - Vila Olímpia
Quinta é a noite techno, com Renato Lopes e DJs convidados que mudam a cada semana. O evento Love Galaktika acontece uma vez por mês até junho (datas ainda indefinidas). Convites: de R$ 15 a R$ 20.

Space Nation
Praça Roosevelt, 124 - Centro
Lotado até a boca, no sábado, os DJs Luis Pareto e Dabolina pesam no som para uma moçada descolada mas não necessariamente GLS. Ingressos: de R$ 5 a R$ 10 (até meia-noite é mais barato).

Raves
Muitas das festas ao ar livre são organizadas por ingleses diretamente importados do Velho Mundo. Para conseguir o endereço é preciso ser descolado. Ou então receber filipetas na porta do Hell's ou em barzinhos dos Jardins.

RJ As festas techno do Rio concentram-se no eixo Zona Sul-Centro, em boates reaproveitadas, casas velhas ou na polivalente Fundição Progresso. O preço médio do ingresso é de R$ 15, e a cerveja fica pelos R$ 2,50, a latinha.

After
Primeira festa totalmente techno do Rio, o esquema itinerante comandado pelo DJ Ricardo NS pula de casa em casa e não tem periodicidade certa. Inicialmente copiou o modelo paulista do "Hell's Club", começando às 4h da madrugada. Não deu certo por falta do que se fazer antes. Agora funciona da meia-noite ao meio-dia. Considerada por muitos a melhor opção da cidade, pelo menos em som (techno radical da Alemanha).

Hyper Club
Roda em Copacabana, de frente para o mar. Tem alta rotatividade de DJs, entre eles o paulista Mau Mau e o carioca Maurício Lopes, adepto do techno "paneleiro" de Detroit. Dá muito playboy. É a festinha da moda, surgida na cola do "After".

Love Galaktika
A megarave é organizada pelos mesmos produtores da Love Parade alemã, evento que dura três dias e lota as ruas de Berlim – atrai mais de um milhão de pessoas. Rola uma vez por mês na Fundição Progresso, na boêmia Lapa, e tem cacife para trazer os mais consagrados DJs da Europa. Atrai muita gente "normal" e promove uma verdadeira maratona sonora: cinco DJs por noite.

BetteBoom
Rua Santa Justina, 48 - Vila Olímpia
A pedida é terça-feira, quando o techno rola solto, com os DJs JeN e Ricardo Medrano (um dos sócios da casa). O ingresso para mulheres é R$ 10; homens pagam R$ 15. Meninas e meninos espertinhos descolam convites mais baratos.

Tim para senador!!!

Cansado de ser síndico, o cantor lança sua candidatura pelo PLG, Partido Liberal Geral

Te cuida, seu Sarney. Vire o olho, dona Benedita. Tim Maia cansou do cargo de síndico vitalício da música brasileira e vai disputar uma vaga no Senado nas próximas eleições. O peso-pesado do soul nacional lançou sua candidatura num manhã esfumaçada de verão carioca e garante que não está só querendo dar motivo para manchete. "Estou falando seriíssimo. Será minha vingança maligna contra os que me achacam. Vou fundar o PLG, Partido Liberal Geral, que é o partido que libera geral, sem preconceito, sem não. É partido que não tem não. O partido do não ao não. Que beleza, hein? Essa saiu agora, fresquinha, é marketing", vibra o gordoidão. No plano terreno, ele lançou dois discos em janeiro: *Tim Maia e Os Cariocas*, com músicas brasileiras, e *What A Wonderful World*, com repertório black-melacueca dos anos 50, 60 e 70. »

O síndico não faz política da boa vizinhança: detona todo mundo

Entre goles numa beberagem de procedencia ignorada e paradas para retomar o fôlego, Tim diz que o governo tinha de dar uma geral nas gravadoras que "aniquilam, podam, queimam e destroem qualquer talento que não concorde com eles." E promete combater os membros do ETA. "Não é a organização basca, o ETA, é o ÉTA, os Exploradores do Talento Alheio. O cara não canta, não dança não fotografa, não produz, mas tá na parada e ganha a parte maior. Roberto Marinho é chefe, seu cambono Boni, o André Midani... bota esses nomes que aqui nós damos nomes aos bois." Dão mesmo. "Aquele lá fora é o Shalom, filho do Shalum com a Lina", conta, apontando para os três cornudos que pastam em frente à sede da Vitoria Regia (*sua gravadora*) no Recreio dos Bandeirantes, no Rio. "O cara trouxe esses bois de Santa Catarina e disse que eles não iam crescer. Agora estão enormes."

"Ta gravando? Tá gravando", fiscaliza o tempo todo Tim, o rei do processo. Lógico que tá, que aqui ninguém é besta. O futuro senador marca em cima: ultimamente anda incomodado com um problema que atormenta a nação: o microfone do Silvio Santos.

"Quem quer dinheiro? Ha, ha, hani... Quer coisa mais horrível do que aquele microfone Shure direcional pendurado no pescoço? Mandei uma carta para ele outro dia, cara, pode publicar. O Silvio Santos é simplesmente horrível. Ele gosta de mim, eu também gosto dele, acho um cara legal, mas ele é horrível. Mas isso não tem importancia, o que importa é que o banco dá dez dias no cheque especial e o

Tim Maia grava tanto quanto fala: à esquerda, os dois discos que está lançando de uma vez só; à direita, a carta que mandou para Silvio Santos

GULOSO SOUL-BOSSA NOVA

Lançar os discos o Tim bem que lançou, difícil vai ser encontrá-los em alguma loja – a distribuição anda difícil e ele se queixa de boicote dos grandes magazines, tipo Lojas Americanas e Mesbla. Dos projetos, o mais antigo é com Os Cariocas, tradicional grupo vocal do Rio, com alguns clássicos da bossa-nova e músicas do próprio Tim. "O projeto é antigo, Os Cariocas são antigos e o Tim Maia também é antigo. Então é uma antigüidade só. O disco devera se chamar Os Antigos, somando tudo deve dar uns 400 anos", brinca. A coisa não foi mole no estudio. "Não foi uma gravação, foi uma gestação. O Severino (*Araujo, líder do grupo*) é o cri-me, que é o que dá no culhão do cri-cri, que por sua vez dá no culhão do chato. Eu? Tá certo, também sou exigente. Eu sou o cri-cri", concede.

Já What A Wonderful World – Oldies But Goodies é, em certo sentido, autobiográfico – dez das doze musicas foram sucesso entre 1959 e 1964, quando Tim vivia de bicos nos Estados Unidos. Guloso, o cantor fez todos os backings vocais do disco e ainda tocou conga,-la-conga,-conga-conga-conga em algumas faixas. Ai, ai, ai! "O Marvin Gaye fazia isso, usar o estudio para fazer tudo o que você pode. Mariah Carey faz, Stevie Wonder também. Não se trata de egocentrismo, você timbra melhor", garante, para dar uma escorregada no minuto seguinte. "E você viaja no ego depois. Ih, olha, eu que fiz tudo. Olha eu aqui, eu ali, eu, eu, eu. Eu acho que devo... inclusive eu pensei que eu vou fazer... será que estou falando mu to de mim? Como estou, estou bem?" Os dois discos trazem faixas multimidias interativas com informações sobre o artista que farão a festa dos fãs que têm computador em casa. "Põe no computador que você verá filmes pornográficos, receitas culinárias etc. E no final tem uma bênção do Santo Padre João Paulo 2, o que matou o primeiro...", brinca Tim.

Gugu com aquele táxi? Se eu fosse uma autoridade, encanava ele. Outro dia botou uma senhora preta, uma africana, numa poltrona que afundava. Aí depois ele tira a máscara e acha que tá tudo bem, que é Deus. Sou o Gugu! E daí? Mas sobre o que a gente falava mesmo? Não, eu tó ligado, só queria ver se você estava ligado."

Ligado, senador, ligadíssimo. Aliás, se o PLG eleger seu fundador-mentor-cantor, ninguém espere apoio ao movimento Rio 2004. **Tim acha absurda a idéia de a cidade sediar os Jogos Olímpicos e ficou ainda mais irritado quando viu o festejado clip de "Aquele Abraço" que promove a candidatura.** "Eles me convidaram para fazer, mas eu não fui. Na hora que entra o Chico César, parece um anúncio de sabonete Cinta Azul. De carioca não tinha ninguém. É 'o Rio de Janeiro continua lindo, ó xente', 'bah, tchê, o Rio continua lindo', 'orra, meu, o Rio continua lindo'. Aí entra o Gil. Aliás, o cabelo do Gilberto Gil tá muito ruim, vou pedir para ele mudar, tá parecendo um sacristão da missa das seis, pelo amor de Deus."

Falando nisso, a Igreja Católica tem de pedir desculpas formais e pagar indenização aos negros brasileiros. "Por 400 anos de escravidão e maus tratos." Quem diz isso é o doutor Tim Maia, futuro senador. "Quando eu entrar lá vou exigir." O momento é eu-sou-negro-lindo-e-livre, mas com restrições. Como a revista *Raça*, dedicada aos irmãos de cor. "É uma cópia da *Ebony* americana, é aquele preto farofa, preto maquiado, é o Sydney Poitier com base, imagina como é, fica cinza... É uma revista de negros americanos maquiados."

Quando não está gravando disco ou pensando na plataforma política, Tim sonha em ter um teatrinho. "Seria bem legal." Algo como Teatro Rival? "Não, eu toquei muita bronha lá. Sabe aquela debaixo do jornal, que o jornal fica tremendo rapidinho? Minhas lembranças de lá são muito masturbatórias", diz, ao lembrar do tradicional espaço na Cinelândia, no centro do Rio, abrigo de vedetes em tempos idos, agora com badalados shows de MPB na programação.

"Os doidões vão gostar de ler a entrevista", encerra Tim, antes de seguir lampeiro para posar com seu jipe de 1942, uma relíquia que anda precisando de mais carinho.

P.S.: A Associação Brasileira dos Entrevistadores de Tim Maia (ABE-Tim) criou normas específicas para caracterizar se o entrevistado foi mesmo Tim ou um farsante. Para não fugir às normas, é bom esclarecer.

1) Ele disse que o jabaculê impera no Brasil

2) Pediu a criação de uma universidade afro-brasileira

3) Disse: "O Brasil é o único país em que puta goza, traficante é viciado, cafetão sente ciumo e pobre é direita." Viu? Era ele mesmo.

DÊ MOTIVO PARA O TIM...

Xuxa - "É racista, não põe preto naquela dança dela, só usa o You Can Dance. Ah, tem uma crioula? A Bombom! Ah, mas não é paquita... Entra pela porta de trás, aquela coisa."

Michael Jackson - "Eu não acredito cara, ele vai viajando para o Japão e come garotinho aqui, dá pra mais quatro ali e faz um boquetinho no outro ali e não acontece nada."

Roberto Marinho - "Não tem moral para ser membro da Academia Brasileira de Letras, para ser um imortal... Aliás, imortal ele já é, tem 127 anos com aquela carinha de 112."

SHOWBIZZ "É americanizada, né? Cópia de revista americana..."

"Que beleza, hein???"

Chalezinho na Suíça, iate, namorada gatinha, disco novo na parada, trilha do próximo desenho da Disney... Aos 45 anos, Phil Collins não quer mais nada...

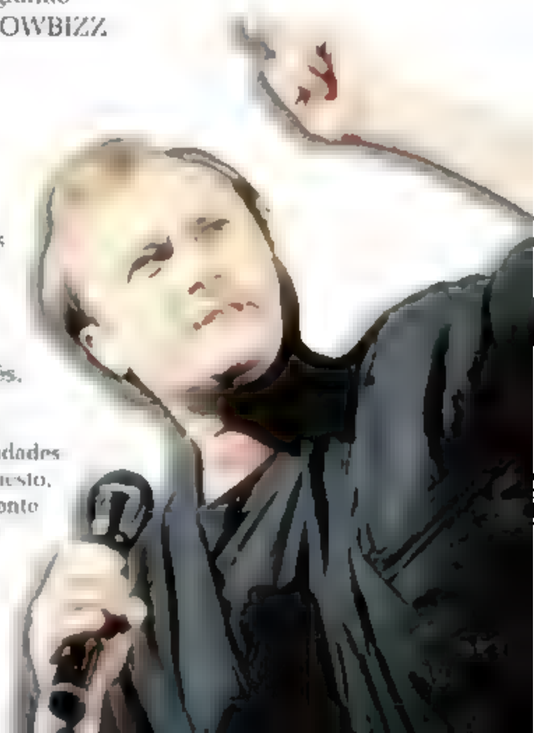
O carequinha rompeu com o passado e diz que nunca esteve tão feliz na vida Deixou sua velha companheira Jill (depois de briga feia e muita roupa suja lavada na imprensa sensacionalista), dissolveu um casamento de 25 anos com o Genesis, largou a Inglaterra e... foi viver num chalé nas montanhas, a meia hora de carro de Genebra, na Suíça francesa, com uma jovem suiço-tailandesa de 23 anos, Orianne. Localizada à beira de um grande e belo lago (que também se chama Genebra), a cidade tem 600 mil habitantes e é um emblema de civilização e espírito de preservação de valores culturais. Foi aqui que Phil conheceu seu novo amor, grande inspiração para o album *Dance Into The Light*, e recebeu SHOWBIZZ para uma agradável conversa.

por THOMAS PAPPON, de Genebra, Suíça

Fugindo do leão: más línguas garantem que Phil foi morar na Suíça devido ao alto imposto de renda na Inglaterra

Como foi para a Suíça?
Bem, é meio complicado. Eu nunca tinha sonhado em viver em outro país. Sou inglês e não seria capaz de viver nem nos EUA. Eu e minha ex-mulher chegamos a comprar uma casa em Los Angeles, anos atrás – ela está sendo restaurada e decorada desde então. Mas acabei me mudando porque foi aqui que eu me apaixonei. Comecei a vir pra cá toda vez que podia, entre turnês, dias livres... Já estava separado, não tinha um lar. Sempre ficava num hotel, à beira do lago. Depois da última turnê, achamos uma pequena casa e nos mudamos pra lá. Há dois meses fomos para um lugar maior.

Você sente falta da Inglaterra, do futebol inglês, por exemplo?
Eu tenho um monte de canais ingleses na TV. Não tenho saudades de forma alguma. Para ser honesto, isto me surpreende. Eu realmente me integrei muito bem a este lugar. Ainda não tenho o direito de comprar uma casa na Suíça – só terei depois de cinco anos de vida no país. Então eu aluguei uma »



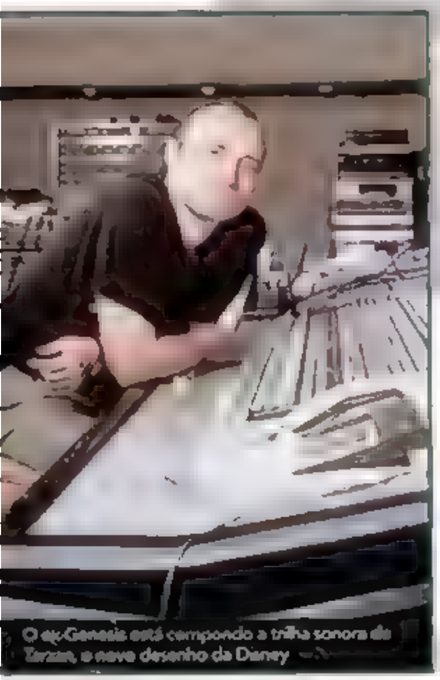
"Não gostam de mim porque sou riquinho, careta e amigo da família real"

Louco amor: Phil passeia pelas ruas de Genebra com sua nova mulher Orianne, de 23 anos (ao lado), depois de abandonar os filhos e a ex-esposa Jill (no detalhe)

casa. Ela pertence a Jacky Stewart (*ex campeão mundial de Fórmula 1*), amigo de longa data. Ele está na Inglaterra, cuidando da sua nova equipe de Fórmula 1. Nós tratamos a casa como se fosse nossa. Mas é uma espécie de chalé, o decorado por... Jacky Stewart, que é escocês. Não me falta nada, mas bem, é claro que continuo comprando queijo cheddar, picadilly (*pasta feita com pickles*), essas coisas de *pub* inglês.

Bem, na Suíça não existem *pubs*...
Eu sinto falta do meu *local pub*, mas eu nunca fui do tipo *boozer* (*bebendo*), desses que vão ao pub e tomam 10 pints (*1 pint = 0,568 litros*). Gostava de ir ao bar cedo, para poder conversar com os amigos. Disso eu sinto falta, e também um pouco de humor britânico. Mas o meu lar agora é aqui. Toda vez que o avião sobrevoa o lago, tenho a sensação de estar chegando em casa. Isso aqui é lindo. Passei a infância passeando de barco, com meus pais. Sou presidente honorário do Richmond Yacht Club em Londres, que é o clube que meus pais frequentam há quase quarenta anos. Por isso, achei apropriado comprar um barco aqui. Comprei um a motor, de vinte pés (*pouco mais de seis metros*).

Sobre as influências da música africana em *Dance Into The Light*, você mencionou Youssou N'Dour, Ginger Baker, nos tempos em que ele tocava com a Graham Bond Organization...
Isto foi uma reação minha à insistente associação que as pessoas fazem do meu novo trabalho com a música de Peter Gabriel e Paul Simon. É óbvio que Peter Gabriel foi um pioneiro, e todos sabem que Paul Simon gravou um álbum na África do Sul. Eu não fiz esse álbum por causa deles! Eu sequer possuo discos de Paul Simon, apesar de gostar muito de *Graceland*. E Peter (*Gabriel*), bem, ele mexe com o lado *dark* da música africana. Se você for ouvir bem, eu já fazia coisas que tinham a ver com música africana antes, nos duetos de bateria com o Chester (*Thompson*), no Genesis! E Ginger Baker, mesmo no Cream, tocava uma bateria tribal. Mas o meu baterista predileto nos anos 60 era um cara chamado Roger Powell, do grupo The Action (*de soul music*). Eles eram produzidos por George Martin! Foi o único outro grupo que ele produziu, além dos Beatles. Roger Powell foi o baterista que mais me influenciou, e ele adorava música africana.



O ex-Genesis está compondo a trilha sonora de Tarzan, o novo desenho da Disney

Você está fazendo a trilha sonora de um novo desenho da Disney, *Tarzan*. Certamente anda mexendo novamente com música africana.
Ah, sim! Na verdade a música africana era apenas um elemento no meu álbum, uma das várias influências. De repente apareceu a letra de "Lorenzo", que fala diretamente da África, e depois me convidaram para fazer a trilha do desenho, que se passa na África! De repente eu pensei: "Desculpe-me, mas o que está acontecendo? (*risos*). Tudo estava sendo direcionado para a África!

Temas de animações da Disney sempre são favoritos para o Oscar de Melhor Canção. Soi disso. Já fui indicado duas vezes, por "Against All Odds" e "Two Hearts", mas não ganhei. Mas a Disney praticamente obrigou Hollywood a criar uma nova categoria, "os outros concorrentes" (*risos*).

Você toca guitarra? Pelo menos é o que está escrito no último disco.
Eu menti (*risos*). Não toco guitarra. Uso um teclado, um Emulator, que tem sons de guitarra excelentes. Se você fizer acordes típicos de piano, as pessoas percebem que não é uma guitarra que está tocando. Mas encontrei uma forma, usando menos dedos, de soar como uma guitarra de fato. Acabei fazendo vários solos e partes de *slide*.

As pessoas consideram *Dance Into The Light* um disco positivo, alegre. Curioso, porque a emoção que permeia o álbum é o medo da solidão, uma sensação triste. Você concorda?
Cada um interpreta de uma forma. Outro dia dei uma entrevista ao Fish, ex-cantor do Marillion, no seu programa de rádio e ele também achou que não era nem um pouco alegre. Quanto a mim, acho bem mais alegre do que o álbum anterior, *Both Sides*, que eu considero o melhor disco da minha carreira.

Em geral, as críticas sobre seu último álbum não têm sido muito positivas.
A maioria das revistas de música são feitas por pessoas que não gostam de mim. É muito difícil encontrar um crítico que não tenha preconceito contra Phil Collins. Tenho 25 anos de Genesis, a fama de ser um *Mr. Nice Guy*, o careta, amigo da família real, riquinho etc. Acho que a única forma de conseguir uma crítica positiva seria usando um pseudônimo. Se *Dance Into The Light* fosse lançado sob um nome desconhecido, muita gente iria falar: "Pô, fantástico, quem é esse?

Esta última fase turbulenta da sua vida pessoal já está superada?
Eu encontrei a felicidade. Deixei o Genesis, passei por um divórcio problemático, deixei mulher e filhos, mas encontrei esta jovem mulher e me mudei para a Suíça. Sou muito feliz.

É verdade que você declarou recentemente que detesta músicas antigas do Genesis?
(*pausa pensativa*) Ontem à noite eu assisti ao videodisc da última turnê do Genesis. Vi "Hold On My Heart", "Dreaming While You Sleep" e achei fantástico. Depois veio o medley com as músicas dos anos 70, e de repente eu me toquei porque é que deixei o Genesis. Tenho uma relação de amor e ódio com a história do grupo. Tony Banks adora o nosso passado. Eu, sinceramente, não gosto de muitas músicas. Não me agrada o jeito como elas soam, não gosto do que faço nelas, da forma como canto, das letras complicadíssimas. Em várias canções eu não sabia sobre o que estava cantando!

Era para você ter se apresentado no Brasil em 1995, mas o show foi cancelado duas semanas antes. O que aconteceu?
Não sei. O promotor do show não conseguiu levantar o dinheiro necessário, acho que foi isso. A mesma coisa aconteceu no Uruguai. Os custos daquela turnê eram muito altos. Acabamos tocando só no Peru, Chile, Argentina e Venezuela.

Vamp 40 graus

A *bad girl* Daniele Daumerie – ex-sra. Lobão – descobriu o jeitinho carioca de fazer tecno

Ela surgiu com 15 aninhos de idade arreganhando os dentes no filme *As Sete Vampiras*, do trash-diretor Ivan Cardoso. Depois de bancar a chapeuzinho vermelho para o primo e então marido Lobão, aparecendo nua – e ainda menor de idade – na capa de *O Rock Errou*, Daniele Daumerie atacou de garota ma no projeto de rock performático Bad Girls, que a levou até a Transilvânia (uma vez vampira...) para se apresentar num evento ao lado de Boy George e James Brown. Chocou o público romeno cantando só de lingerie. "As performances das Bad Girls eram loucas, muito loucas mesmo. Me lembro que uma vez no Reggae & Rock Cafe (*casa noturna carioca*), o Renato Russo subiu ao palco alucinado, trando a camisa e tudo", relembra Daniele, que deixou o grupo em 1994, "por não ter mais nada a ver".

Para nós, ela tinha sumido. Mas Daniele estava na Inglaterra fazendo um curso de canto lírico – o que lhe rendeu a nova faceta de sua carreira. Não, ela não quer virar a próxima Monserrat Caballé; sua idéia é se firmar como cantora de tecno.

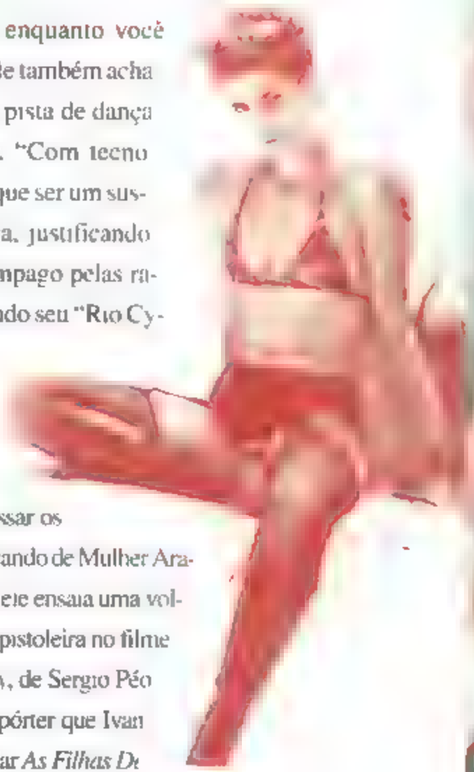
Atraída pela cena rave de Londres, a ex-vampira se apaixonou pelo batuem acelerado e loucura geral. "Nas festas rolava a maior libido... Festinha de viado é o cacete! Tinha gente falando pras paredes, gente tudo a ver e nada a ver. E a musica, cara, o que era aquilo?" Daniele arrisca agora uma resposta carioca a tudo isso através do single "Rio Cyber City", carro-chefe de seu CD ››

por ANDRÉ GORDIRRO — fotos CHRISTIAN GAUL

Daniele diz que "absorveu o **tecno** como se fosse modess". A prova disso está no single **"Rio Cyber City"**

de tecno em português, ainda à espera de gravadora. Decepcionada com o rock dos anos 90, ela entrou na música eletrônica de cabeça. "Absorvi o tecno como se fosse modess", diz, rindo. Sempre antenada, ela culpa a genética por seu estilo modernete. "Minha avó era prafrentex, chegou a participar da Semana de Arte Moderna de 1922." Dona Yvonne Daumerie provavelmente não reprovaria as atitudes da neta, que também pratica alpinismo urbano e outros esportes radicais. "**Adrenalina é o meu *ecstasy*. Só com tudo em cima e que dá pra aguentar dez horas dançando tecno numa festa**", diz ela, toda pró-saúde. "Fazer o gênero *destroy*, toda detonada, é brega."

Atraída por desafios e adepta do aprendizado-na-porrada, Daniele está cortando um dobrado para pôr voz no tecno, um gênero em si mudo. "É que nem aquele paredão, você escala não pra chegar no topo, mas porque ele tá lá", filosofa. "Estou brincando com palavras, com sua sonoridade. A voz tem que ser só um elemento a mais no tecno, porque ninguém aguenta um sujeito te alugando, falando enquanto você quer dançar." Daniele também acha um saco parar uma pista de dança para se apresentar. "Com tecno não rola show, tem que ser um susto na pista", explica, justificando suas aparições-relâmpago pelas raves cariocas mandando seu "Rio Cyber City".



Seu ritmo de trabalho parece ditado pelo bate-estaca, aliás. Além de passar os dias no estúdio e brincando de Mulher Aranha pela cidade, Daniele ensaia uma volta às telas como uma pistoleira no filme *Rocinha Night & Day*, de Sergio Péo. E quando ouve do repórter que Ivan Cardoso pretende rodar *As Filhas De Drácula*, os caninos ficam salientes de novo. "Humm... uma vampira cyber!!!", imagina. Desse jeito, Bela Lugosi ainda sai da tumba para virar DJ.

Quem disse que gato tem sete vidas?

AEROSMITH
Novo álbum em CD
COLUMBIA Sony Music

O SURF AINDA NEM VIROU ESPORTE OLÍMPICO E O BRASIL JÁ LEVOU UM OURO.

PELA SEGUNDA VEZ, A FLUIR FOI ELEITA A MELHOR REVISTA DE SURF DO MUNDO PELA ASP, ASSOCIAÇÃO DOS SURFISTAS PROFISSIONAIS. UM PRÊMIO MAIS QUE JUSTO PARA UM PAÍS QUE TEM ONDAS PERFEITAS E AS MULHERES MAIS BONITAS DO PLANETA. AGORA, MAIS DO QUE NUNCA, SURF É FLUIR.

FLUIR.
ELEITA
A MELHOR
REVISTA
DE SURF
DO MUNDO.

the BEST magazine asp association of surfing professionals

FLUIR HAWAII
TRIPLE CROWN
QUEM É O MELHOR NO NORTH SHORE
ESPECIAL
E AGORA?

AZUL
FLUIR
SURF É FLUIR

WALKING MAGAZINE

YELLOW LINE
Sândalo
YELLOW LINE

ONZE PERGUNTAS

Edgard Scandurra

Apontado como um dos melhores guitarristas do rock brasileiro, ele está apaixonado pelo tecno e quer derrubar tabus

por Leticia Calmon

Há mais de dez anos você vem sendo apontado como um dos melhores guitarristas do rock brasileiro. Como se sente assim?
É difícil falar... Como a guitarra é um instrumento de frente, todo guitarrista tem a ambição de fazer solos legais explorar timbres diferentes. Não sou o melhor do Brasil mas faço parte dessa turma

Você é canhoto e toca com as cordas invertidas. Por quê?
Com cinco anos eu era um pentelho. Meu irmão mais velho tocava guitarra, tinha uma banda e eu ficava assistindo aos ensaios. Como roubava a guitarra dele, não podia trocar a posição das cordas. Foi assim que aprendi a tocar!

Quem é o melhor guitarrista do mundo?
Jimmy Page. Os erros de seus solos são perdoados e entendidos. Em 1995, no Hollywood Rock, ele estava em plena forma. E continua errando maravilhosamente bem

A versão de "Você Não Serve Pra Mim" (de *7*, o último álbum do Ira!) está estourada nas rádios. No entanto, o novo clip do Ira! é da música "Difícil É Viver". Por quê?
Pensamos no clip de "Difícil É Viver" artisticamente, não só como um meio de divulgação. A música é urbana, carregada de uma certa amargura, tem boa riqueza de imagens.

O tecno agora virou moda e você foi um dos primeiros roqueiros brasileiros a flertar com o estilo. Ano passado você lançou *Benzina*, seu segundo disco solo, cheio de influências de música eletrônica. Como isso começou?
Comecei a ouvir tecno por causa de uma mulher! Ela frequentava o Hell's Club (*casa clubber paulista*), me mostrou umas fitas... Não estou mais com ela, mas ouço tecno como um instrumento sublime, espiritual. Ele abre a cabeça, sem apelo comercial, nem mídia devassaladora (*sic!*). O rock ficou saturado por causa de tanta informação

Você levou alguma coisa do Ira! para *Benzina*?
Edgard Scandurra!!! A maior influência do Ira! é meu jeito de tocar e levei isso para meu trabalho solo. Estava buscando algo diferente, pensei até em world music. Desaprendi a fórmula do sucesso, aquela coisa de refrão, solos de guitarra

Pelo visto você está mesmo mais para o tecno do que para o rock'n'roll.
Estou mais para o tecno, que não deixa de ser um novo rock. Não rompi com nada, vejo no tecno o que via no rock no início dos anos 80: festas de boca em boca, turmas com roupas parecidas. O que me atrai na música é poder tocar para gangues

Para os não-entendidos, tecno é música de entendido. O que você acha?
A galera roqueira me pergunta se virei gay... Não virei. Mas alguns gays já me fizeram propostas... O que eu quero é me divertir sem ter que ir a um show com um soco inglês. Tecno é a música do novo milênio, sem preconceitos. Tem a função de propagar um ideal mais justo, de derrubar tabus.

O tecno está muito relacionado às drogas, é a trilha sonora pra quem está viajando... Este é mais um tabu que deve ser derrubado?
Acho que todo artista – não só quem faz tecno – deveria ter algum tipo de imunidade para usar drogas. Artistas buscam algo que mexe com a percepção das pessoas e está provado que as drogas ajudam a abrir "as portas da percepção". Os Beatles faziam isso e todo mundo sabia

Quando sai o próximo disco do Ira!?
Tanto o disco do Ira! como o meu terceiro solo saem no segundo semestre deste ano. Tô começando a compor umas músicas, que vão deixar o pessoal da banda de cabelo em pé! Mas topo qualquer negócio, posso usar o tecno de introdução para o bom e velho rock'n'roll

Fonte segura afirma que, no auge do Ira!, você e o Nasi (vocalista do grupo) ligavam para a *Playboy* para conseguir o telefone de umas garotas...
Telefone de garotas? Pra fazer o que com ele?
Ah, não... Não posso responder pelo Nasi, mas eu tô fora
Pô, não tenho a manha de fazer isso.

Prêmio Esso de Jornalismo também na categoria Infância e Adolescência.

O Prêmio Esso é o mais importante reconhecimento que um jornal ou revista pode receber aqui no Brasil. Por isso é superdisputado. Para você ter uma ideia, foram mais de 900 trabalhos inscritos e apenas 2 vencedores.
O caderno Zap! foi um dos vencedores na categoria Infância e Adolescência. Ahaa, é a primeira vez que um jornal ganha nesta modalidade. Se você é o caderno Zap! não é difícil saber por que. Os temas são sérios, mas não têm nada de careta. As matérias são educativas, mas não parece porque são divertidas e a linguagem é simples. Tudo de bom para a sua

Ufa, ainda bem que o resolvesse. Para não repetir se alguém o mesmo. Quer você goste de ver o caderno Zap! Tudo com jovem, mas não trata ninguém como criança. Mesmo porque, para o Estadão, a idade que você tem não está no RG, está na cabeça.
Zap! Toda quinta no Estadão.

ESTADÃO

Ótimo
Bom
Regular
Ruim
Importado

SNOOP DOGGY DOGG
Tha Doggfather
Interscope/Universal Music

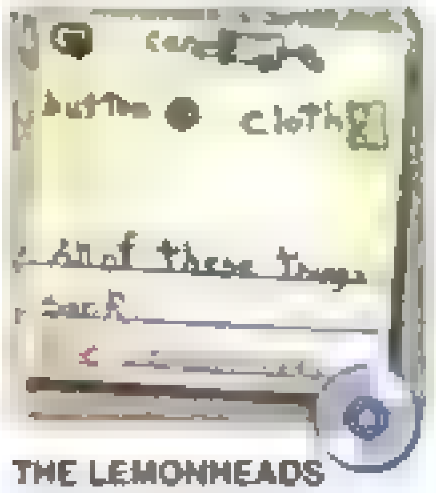
Rap que vicia

A melhor maneira de você aproveitar o novo LP de Snoop Doggy Dogg é chapado. Como isso ainda é ilegal, a saída é procurar motivos mais, digamos, racionais para você entrar no espírito de *Tha Doggfather*. Assim, só o fato de Snoop trazer uma nova coleção de batidas vibrantes, já é um bom começo. Só que ele oferece ainda mais.

Sem entrar em discussão de ficha criminal, Snoop Doggy merece ser louvado pela qualidade de se diferenciar da imensa horda de rappers da linha gangsta. Aliás, para ouvintes fora dos EUA, a gente já sabe que as letras não contam nada mesmo (quando alguém vem falando que gosta de Ice-T porque ele é radical, dá vontade de sentar e rir). Então, o que sobra mesmo são as melodias, o encanto de uma voz safada e a capacidade do rapper de convencer você a apertar o botão *repeat* do seu aparelho de CD.

O rapper se sai bem logo na faixa-título, sustentando aquela proeza que ele mesmo já tinha usado em "What's My Name?" (de seu disco de estréia): repetir seu nome inúmeras vezes pela faixa. Se para MC Hammer (lembra?) isso funcionou como um tiro pela culatra, para Snoop isso sai como uma dádiva. Você não precisa nem ouvir duas vezes para sair murmurando o refrão de "Doggfather" (o nome é genial).

Snoop continua o disco com dois funks poderosos: "Up Jump Tha Boogie" e "Freestyle Conversation". Tudo bem que o primeiro bebe direto nos anos 70 e que o segundo toma emprestado umas idéias de Tricky. Snoop faz a mágica funcionar. Seja na construção de "Vapors", ou na surrada versão de "Say Oops Upside Your Head" ("Snoop's Upside Your Head") ou nas vinhetas que infestam o disco, o rapper consegue algo mais do que dar o recado: ele vicia. ZECA CAMARGO



THE LEMONHEADS
Car Button Cloth
Atlantic/Continental

Rapidinhas de Dando

O Lemonheads é aquele tipo de banda que muita gente ama odiar. Não é para menos. Na verdade, o grupo é o vocalista, guitarrista, compositor e símbolo sexual Evan Dando. Os outros integrantes do grupo, que costumam mudar a cada disco, são apenas coadjuvantes.

Faltando a voz da parceira em *Car Button Cloth* como nos álbuns de Mr. Dando. Seus dois CDs anteriores, *It's A Shame About Ray* e *Come On Feel The Lemonheads*, conseguiram sucesso no mundo todo, apoiados num repertório em que predominavam as baladas. Em *Car Button Cloth*, Dando quis dar uma de rebelde, como um punk que não admite ser pin up de garotinhas. Há tais baladas, sim. Mas músicas rapidinhas. Mas ficou longe de ser a retomada das raízes punk da banda apregoada por Dando. É só o Lemonheads de sempre, o que já está muito bom.

Thales de Menezes

MONTELL JORDAN
More...
Def Jam/PolyGram

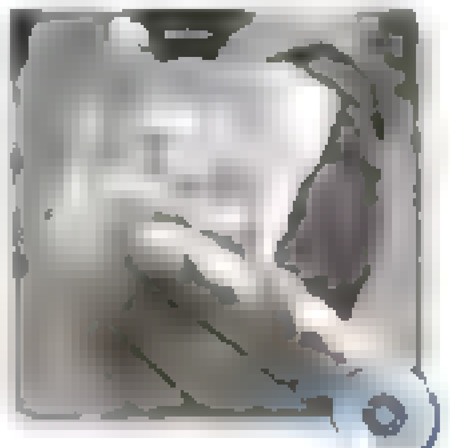
Doçura ao ponto

A parada americana de R&B é um mundo selvagem em que o Rei Leão Babyface papa os primeiros lugares e deixa outros inocentes artistas se pegando pelas outras colocações. Montell Jordan está nessa legião de esfaimados e, se não pensa em mudar as regras, pelo menos pretende deixar essa disputa um pouco mais doce.

More..., segundo álbum do cantor, está repleto de baladas, provavelmente tiradas de algum manual de sedução. Ele pede, clama, declara-se. Quer ser o Super Homem de sua amada ("Superlover Man"), diz que ela é tudo o que ele sempre quis na vida ("All I Need", com samples de "That Girl", de Stevie Wonder), que adora o jeitinho dela de ser ("I Like It") e comete uma das grandes baladas do ano ("Falling").

A repercussão de *More* foi tímida, mas a doçura de Jordan o salvou. Seja qual for o objeto de desejo de suas cantadas, não ficou imune ao poder das baladas do cantor.

Sérgio Martins



BETTER THAN EZRA
Friction, Baby
Elektra/WEA

Roquinho competente

Quando os americanos se cansarem de medíocridades do tipo Live ou Hootie & The Blowfish, talvez prestem um pouco mais de atenção ao Better Than Ezra. *Friction, Baby* é o segundo disco deste quarteto americano, que segue praticando um rock acessível, mas bem elaborado. O álbum não prima pela originalidade das canções, mas pelo menos mostra boas composições e um toque de dar inveja a muita gente grunge por aí.

Não se trata, porém, de nenhuma obra-prima. Faixas mais criativas, como "King Of New Orleans" ou "Long Lost" – não por coincidência, também as duas que têm maior peso – perdem impacto quando colocadas lado a lado com bobagens pop como "Scared Are You?" ou "Still Life With Cooley".

Mas *Friction, Baby* reserva outras surpresas. Como a belíssima "Happy Endings", regada a violinos e bandolins, e o peso de "Return Of The Post Moderns", que poderia figurar com brilho em qualquer disco do Pearl Jam. Destaque ainda para a quase country "Desperately Wanting". Pode não ser brilhante, mas ainda é bem melhor do que a maioria dos discos que habitam as paradas americanas.

Marco Antonio Gil

CHICKENPOX
Chickenpox At Mickey Cohen's Thursday Night Pokergame
Burning Heart/Paradoxx

Ska da nova geração

A história do ska pode ser dividida em três explosões distintas: a primeira, do final dos anos 50 ao início dos 70, quando nasceu na Jamaica e chegou no Reino Unido; a segunda, do final dos 70 a meados dos 80, quando surgiu o lendário selo 2 Tone e bandas como Specials, Madness e Beat; e a terceira, do final dos 80 até agora, com um revival do ska de raiz caribenha e o surgimento de um crossover com funk, punk, hip hop e até cha-cha-cha. O grupo sueco Chickenpox se encaixa nas três fases: em pleno anos 90, faz ska roots misturado com *mod* e tem forte influência das bandas do 2 Tone.

Eles são uma das principais bandas e a única que toca ska do selo local Burning Heart Records. Os momentos altos do CD – "Stupid", "Taxi" e "Juvenile Gangster" – lembram Clash, Specials e Madness, com o ska tocado por garotos quase punk, trombones e saxofones alucinados e melodias espertas.

Ricardo Franca Cruz

Fleuma britânica

A essas alturas você já deve estar cansado de ler coisas como "O Blur amadureceu" ou "está mais denso" etc etc. Pura balela. Em seu quarto álbum, o grupo continua fazendo o deleite dos que amam e dos que amam odiar a banda. Sim, *Beetlebum* é um trabalho denso, não necessariamente porque o grupo amadureceu. Mas sim porque o Blur mergulhou com tudo na sonoridade dos anos 80 e nas experiências com trip hop – que são deprês por excelência. "Death Of A Party" é o melhor exemplo disso: mistura experiências *portisheadianas* com o som tipo lesação mental típico da década passada. "Look Inside America" é a faixa mais Blur de todos os tempos, com seu inimitável arranjo *kitsch*. "Movin' On" e "Beetlebum" também são típicas do estilo *mezzo* Kinks, *mezzo* Bowie perpetrado nos outros quatro álbuns da banda. E "Ballad Of A Country Man" presta tributo a P. J. Proby, cantor pop americano, uma das grandes influências do vocalista Damon Albarn.

Bubbling Under só derrapa quando o Blur insiste em flertar com o Nirvana e o Beck, colocando guitarras distorcidas e músicas "difíceis". Melhor quando eles conservam a fleuma britânica. Continuem ingleses, meninos!

Camilo Rocha

SANDRA DE SÁ
A Lua Sabe Quem Eu Sou
WEA
Intérprete privilegiada

Num disco coalhado de versões, Sandra reforma seu jeito de interprete pra legal e de uma vez te bl[illegible] pouca seguidores no Brasil. *A Lua Sabe Quem Eu Sou* tem balanço, swingue e chamine praias por onde seu talento se espalha sem medo.

O que nem sempre é bom é o nível das versões. Se "Waterfalls" (letra de Ronaldo Bastos e Sandra) acerta o refrão no alvo, a de Nelson Motta para "Lame" bate na trave ao misturar inglês com português. Concordamos que [illegible] quem eu sou e "Vem pro meu lado forever" e de lavar o carro. Dá vontade de trocar o chinelo por qualquer sandália de couro. Ou certas se lembrar do Mus[illegible] sam para quem "forever" era [illegible]. *Marcos Vieira*

MARK MORRISON
Return Of The Mack
WEA
Chic Show é aqui!

Mark Morrison é inglês, mas produz um R&B melhor do que muitos americanos. Os versos [illegible] deixam pais da criança. Duran[illegible] music-balanço e pouco blues, ele invadiu as paradas independentes inglesas em 1995, com o single "Crazy" – nada a ver com o hit de Seal. O sucesso rendeu contrato com a WEA, por onde ele lançou este *Return Of The Mack*.

A audição do disco requer cuidados. Por exemplo, ignore as letras, em que Morrison gasta seu glamour falando a seu próprio e durando o que faz com carinho: melhores e tantos drinques. O melhor a fazer é curtir as baladas, tão gostosas que parecem ter saído de um baile da Chic Show. Belas baladas como "Trippin'" e "Tears For You" – dueto com a mãe, com Mica Paris – conversam [illegible] com [illegible] be[illegible]

TOOL
Aenima
BMG Brasil
Pretensão exagerada

O Tool, para começo de conversa, é uma banda muito pretensiosa. A face interna deste [illegible] traz um mapa da Costa Oeste dos EUA e [illegible] ilustrações (veja, naqueles jogos bobos em 3 dimensões) do famoso Big One, o terremoto que vai separar o estado da Califórnia do resto do continente, transformando-a numa ilha.

A ilusão ao som do grupo (que foi formado em Los Angeles, em 1990) é clara. Pena que não seja tão verdadeira assim. Na verdade, a impressão quando se ouve a linha de baixo na falta de abertura ("Stinkfist"), é que o abalo de terra irá atingir uns 10 graus naquela escala que os caras gostam usar). Mas seu poder destruidor vai diminuindo à medida em que os efeitos sonoros gratuitos, as letras sofrem a repetição exaustiva de [illegible] e a canseira [illegible] vence. No fim, a mistura de grunge (tipo Soundgarden) com *doom metal* (aquele estilo de pentadáctilo mais lugubre desde o sobre apenas uma faixa digna de nota. Trata-se da ruidosa "Hooker With A Penis", em que portuguesa [illegible] Piranha Do Penis – O que é mais o passo.

Ivan Mirra

JOHNNY CASH
Unchained
American/BMG Brasil

Rock da capa preta

Pioneiro do rock n'roll e colega de Elvis nos Sun Studios na década de 50, Monstro sagrado da country music e ídolo de Bob Dylan desde os anos 60, Johnny Cash, o legendário Homem de Preto, não ficou só nisso.

Johnny Cash foi a melhor coisa de *Zooropa*, do U2, engolindo Bono & Cia. ao cantar a faixa "The Wanderer". Em 1994, sob os auspícios do produtor Rick Rubin (Beastie Boys, Red Hot Chili Peppers), gravou sozinho com o violão o monumental album *American Recordings*. Agora, aos 65 anos, ele volta a provar sua excelência como intérprete em um disco capaz de deleitar o público jovem. Acompanhado por Tom Petty & The Heartbreakers em todas as faixas (com os *fleetwood macs* Lindsey Buckingham e Mick Fleetwood na irresistível "Sea Of Heartbreak"), Cash solta a voz – um dos mais carismáticos barítonos que já se ouviu – de inflexões bíblicas e [illegible] fica covardia. Ele empresta nobreza até a "Rowboat", do moderninho Beck. Sua releitura subversiva de "Rusty Cage", do Soundgarden, melhora o drama da letra.

Cash também supera a versão original da bonita "Southern Accents", de Tom Petty, e faz maravilhas com qualquer coisa: do velho hit de Dean Martin, "Memories Are Made Of This", ao *hillbilly* primal "Mean Eyed Cat", sua própria criação dos tempos de Sun Studios. *Pedro Só*

CONEXÃO JAPERI
Engarrafado
Velas
Meia-cueca do subúrbio

"Conexão-conexão-conexão Japeri. Neste disco, a banda funk que surgiu no excelente álbum de estreia de Ed Motta interpreta a composição do baixista Bombom que também trabalhou com Ed – e ganhou boa produção com direito a arranjo de metais de Serginho Trombone.

Mas o grupo não fez um trabalho para pôr a casa abaixo. Tirando a minguante "Enrosca" – gravada até por Fabio Jr. –, o resto está mais para o momento meia-cueca dos bailes de subúrbio do Rio. Meia-cueca bem feito e bom deixar claro. A banda, porém, fica devendo um disco de funk matador, que desde a estréia de Ed Motta ninguém mais conseguiu produzir por aqui. *Ewen Pallas*

FRENTE
Shape
Mushroom/BMG Brasil
Pop morno

Bizarre Love Triangle do New Order virou o nome de um grupo australiano. Frente! faz a balada merge. A música-título, assim como sua versão original, despontou nas FMs mas não [illegible] transformou numa espécie de engarrafamento pornográfico – caso de Mike & Carol e Hanna.

Morrison também não deixou seu grande sucesso de lado. "Crazy" aparece em duas versões, uma delas ao lado do grupo de funk D-Influence. Um álbum para abaixar as linhas do cenário dance. *Jus Faro*

Shape também não possui essas pretensões. O novo disco do Frente é recheado de faixas cândidas, com vozes dedilhados – ao estilo da cover do New Order – [illegible] e programações eletrônicas. Embaladas pela voz doce, meio adolescente da loura Angie Hart (a melhor coisa do Frente), elas são agradáveis como na levada teen-pop de "Sit On My Hands" e até pesadinhas, como em "What's Come Over Me". Só que não chega a empolgar. E música pop bem-feita [illegible] um pouquinho morna.

Marco Antonio Lorix

ACÚSTICOS & VALVULADOS
God Bless Your Ass
Paradoxx
Rockabilly o cacete!

Não adianta os roqueiros [illegible] pentelhos ficarem choramingando pureza, culpando a invasão da música baiana ou qualquer outra moda por seu fracasso e falta de espaço. O Acústicos & Valvulados grupo cover que pretensiosamente reza pela cartilha do rockabilly e bate-estaca, reflete o rancor arrogante [illegible] cena rock nacional. O que está fazendo muita gente virar o nariz. Será que eles gravaram este *God Bless Your Ass* para impressionar as namoradas, mostrar os resultados de curso de inglês ou [illegible] equipamento?

Somos de origens capenga. O God Bless Your Ass nunca, como eles são espertos [illegible] covers ridículos – Route 66, Minha Fama De Mau, Os Acústicos não passam de meros mascates [illegible] Sabem que para [illegible] gostar [illegible] precisa de [illegible]

Paulo Cavalcanti

BUSH
Razorblade Suitcase
Interscope/Universal Music

Imitar não é pecado

Não é fácil ser bonito, principalmente no rock. Ajuda muito. Já que as garotas ficam loucas por você, colocam fotos suas na parede do quarto e pedem seu clip na MTV. Em compensação, os garotos ficam com tanta inveja que saem por aí dizendo que seu som é uma porcaria, como já aconteceu com Peter Frampton, Jon Bon Jovi, Sebastian Bach...

A bola da vez é Gavin Rossdale, vocalista e guitarrista do Bush. Seu grupo vendeu mais de sete milhões de cópias do álbum de estréia e seu rosto foi pra capa de todas as revistas. Agora o Bush lança *Razorblade Suitcase*, fiel à cartilha do "pós-grunge pra tocar no rádio" que não ofende ninguém. As meninas vão suspirar, os meninos vão execrar. Reclamar que o som é aquela mistura de Pearl Jam com Nirvana? E daí? Imitar nunca foi grande defeito no mundo do rock. Se até os Beatles parecem Oasis...

Thales de Menezes

SUSANNA HOFFS
Susanna Hoffs
Mercury/PolyGram
A estrela das Bangles

Em seu primeiro álbum solo depois de anos – seu último lançamento foi *When You're A Boy*, de 1991 –, Susanna mostra por que sempre foi considerada a estrela maior das Bangles. Sem deixar de lado suas antigas influências – folk, psicodelismo, Beatles –, a carreira-solo [illegible] com interpretação [illegible] dedicado parceiro [illegible] de veludo para rock'n'roll, blues, folks e baladas.

Outro destaque é "All I Want", uma cover dos Lightning Seeds de melodia cativante, [illegible] com [illegible] por Hoffs. A [illegible] para melhor faixa. Enquanto Wings", prova que rock'n'roll [illegible] mesmo não precisa ser bisonho. Cópias psicodélicas dão vida a "Those Days" e "Eyes Of A Baby", enquanto "Happy Place" ensaia uma volta ao folk com um refrão irresistível. O único pecado de Hoffs é insistir em baladinhas chatinhas como "Darlin' One" ou "Walk With Love". Não é o suficiente para estragar o prazer de ouvir o disco – que chega ao fim em grande estilo, com uma interpretação [illegible] para a deliciosamente calma "To Sir With Love".

Mauro Aristides

MAGNÉTICOSS
La Kukaratcha Wave Music
Excelente/PolyGram

Falta tequila

"Somos Los Panços/ Cantemos, gritemos/ Tomemo la tequila, garremo la bica/ Não hay mas versos/ Tambem non hay rimas/Apenas folia e muicha tequila". Eis aí, resumida numa música, "Los Panços", a filosofia de vida do trio curitibano Magnéticoss que faz sua estréia em disco. Todas as letras de *La Kukaratcha Wave Music* seguem o mesmo estilo lírico, misturando português com portunhol e inglês CCAA.

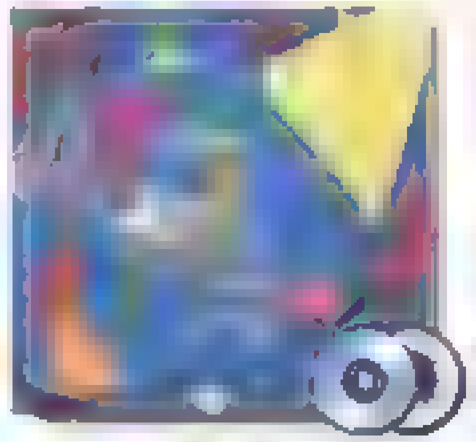
Quanto ao estilo musical, a misturada de punk, new wave e surf music deve ser o maior barato ao vivo, numa festinha colegial. Em disco é decepciona, o que tem de energia falta em criatividade. Quem sabe possa melhorar com um pouco mais de tequila. *Marco Antônio Lopes*

VÁRIOS
Trip Hop Shop
Irma La Douce

A música sem cara

Esta compilação do selo italiano Irma La Douce da cidade de Bologna faz jus ao rótulo trip hop. Ela traz melodias viajantes, samples e loops do hip hop americano dos anos 80. A compilação também indica que o trip hop é a música sem imagem, em que as canções são mais importantes do que o visual desse ou daquele artista. Quem já viu Lyrionа, Sindacop, Jestofunk ou – vamos lá – Legato ou Toca?

Agora, o disco é o máximo. Tem tambores da Bahia (com Voo Doo Phunk), cítaras da Índia (na faixa do Ice One), guitarras acústicas do famoso (cortesia de Legato) e aquela batida hipnótica e indeterminável. As BPMs (batidas por minuto) são baixas e os efeitos, muitos. São vibrações abstratas para além dos anos 90, que têm sua origem no dub *made in Jamaica*. É jazz para uma pista relaxada e colocada. *Jex Fatto*



THE LIGHTNING SEEDS
Dizzy Heights
Epic

Bom e nada mais

A música do Lightning Seeds não parece ter nenhum problema. Aí está o problema. Tudo soa tão bonitinho, tão engenhoso, tão calculadamente agradável que chega a ficar sem graça. O vocalista, letrista e guitarrista Ian Broudie era mais conhecido como produtor (Echo & The Bunnymen, Dodgy, Sleeper). De tanto organizar a criatividade dos outros, acabou criando ele mesmo um disco de resultados – eficiente, com um lugar para cada coisa e cada coisa em seu lugar, porém monótono, no sentido mais literal.

A faixa "Sugar Coated Iceberg", parceria com Steve Jones, do Baby Bird, é quase uma demonstração científica de como fazer música pop. Começa só com bateria, logo entra a guitarra e, no instante seguinte, todo mundo junto na mesma melodia. O ritmo é acelerado e reduzido nos momentos exatos, para não cansar. O refrão é simples e suficientemente vago para que a gente repita sem pensar muito naquilo. Se é bom? É bom, mas não passa disso. *Fernando Lemos*

ALEX REECE
So Far
Island/PolyGram

O baticum do futuro

Alex Reece tirou o *drum n bass* dos guetos londrinos e o levou para os grandes centros. É um dos grandes nomes da cena atual, ao lado de LTJ Bukem, Goldie, Wax Doctor e DJ Pulse. Reece também foi pioneiro ao assinar com uma major, a Island, gravadora de U2 e Bob Marley. O primeiro resultado desse casamento é *So Far*, uma bela amostra do gênero que apresenta três obras primas dançantes, lançadas anteriormente em singles: "Feel The Sunshine" (com vocais de Deborah Anderson, que lembram os de Björk), "Pulp Friction" e "Candles".

So Far é um álbum de estilo jazzy, programação de percussão leve e samples de contra-baixo e saxofones jazzísticos. Mas Reece não amansou: as músicas são longas para o padrão comercial, cinco minutos no mínimo, e podem soar repetitivas ao ouvido comum. Quem for educado na simplicidade binária do baticum pode ir se acostumando à média de 160 bpm. A música do futuro passa pelo *drum n bass*, e o disco de Alex Reece é obrigatório para se entender essa mudança. *Eduardo Ribeiro*

Diabão da vez

[illegible]

MARLYN MANSON
Antichrist Superstar
Geffen/Universal Music

ZION TRAIN
Grown Together
Mesa Records

Atrás do trem elétrico

Nos trilhos do Zion Train, o reggae caminha em direção ao futuro. O grupo inglês – na verdade, um sound system – deixa de lado as fantasias rastas e assume posturas e bandeiras que realmente importam, além de fazer um som e detal. No lugar de discursos de volta à África, o ZT joga seus encartes com discursos sobre temas que vão de reciclagem a discos piratas, drogas e cartas desembaraçadas... Tudo de forma inteligente e clara. Como mostra o novo disco do grupo, *Grown Together*, o Zion Train arrastou o reggae mais evoluído do planeta. A fusão e poderosa: faixas como "Tubby's Garden" (homenagem ao venerável King Tubby), "Babylon's Burning" e "Peace" unem tecno, trance, ska e dub num mesmo pacote. E o baticum jamaicano ... para o século 21. Ouça correndo e acerte os ponteiros. *Carlos Albuquerque*

ED MOTTA/ JOÃO NABUCO
Pequeno Dicionário Amoroso
BMG Brasil

Casamento perfeito

Sucesso de bilheteria deste verão internacional, o filme *Pequeno Dicionário Amoroso*, de Sandra Werneck, estrelado pelo casal Andrea Beltrão e Daniel Dantas, tem entre seus trunfos a trilha sonora. Ela é dividida entre Ed Motta e João Nabuco, mas contando com uma faixa com Tom Jobim ("Forever Green") para acrescentar um pouco de lastro. Nana Caymmi também dá sua colaboração, cantando "Céu De Jade (Tema De Sandra)".

Ed, em fase idílica com a MPB, manda um "How Insensitive (Insensatez)" poderoso, em que desvenda os mistérios da interpretação com talento. As faixas instrumentais, na maioria de Nabuco, não podem ser descontextualizadas (separadas) – só funcionam melhor quando se assiste à película em questão.

Seja lá como for, cinema e música sempre deram boas parcerias no mundo todo, por que não aqui? Ed Motta mostra uma versatilidade impressionante que deve fulgurar em seu próximo disco. A galera curiosa aguarda a bolacha. *Marcos Bragas*

RICARDO CAMARGOS
Piano Pixinguinha
GRR/Velas

Beleza em dobro

Discos verdadeiramente históricos são sempre raridades. Este aqui saiu duas vezes: a primeira, em 1995, independente; a segunda, agora, pela Velas.

Ricardo convocou a Sinfônica Nacional ao pensar arranjos inéditos de Pixinguinha. Sinfonia e saxofonista também, escreveu só para piano, ... vitalmente, como bem mostra Ricardo. Saber que, para pagar o aluguel, ele já precisou botar os preciosos dedinhos no ... dos teclados de apoio Nabby Clifford (em "Te Rosa do Rosário") ... gente pensar em ... quer ... Compre, roube e ... se preciso for, mas tenha em casa esta beleza. *Pirata M.*

Bíblia tecno

É legal saber que a imprensa musical inglesa se enamorou com alguma coisa além de "Born Slippy" do Underworld. Este *Endtroducing...* é uma Bíblia para os cansados sampleadores dos anos 90. O turbilhão de referências é tão grande que, melhor do que tentar descobrir de onde vem aqueles sons, é se deixar afundar no que sugere o espertíssimo livro de David Toop: um oceano de sons. Pode ser no piano e no coralzinho de "Building Steam With A Grain Of Salt". Na batida pesada de "The Number Song". No baixo de "What Does Your Soul Look Like (Part 4)". Na brevíssima intervenção da misteriosa faixa seis (sem título). Ou no ritmo definitivamente enlouquecido de "Stem Long Stem". Mas, sobretudo, perca-se nas sublimes "Organ Donor" e "Midnight At The Perfect World".

Na primeira, o órgão do título é obviamente musical. A ele, DJ Shadow adiciona uma batida descaradamente *come shower mania* e consegue em menos de dois minutos levar você para outro plano – musical, espiritual, sexual, o que você quiser. E em "Midnight...", ele inicialmente tenta desorientar nos primeiros 30 segundos. No resto da canção, ele consegue exatamente isso. O pessoal do Massive Attack deve estar se corroendo pra saber onde Shadow arrumou aqueles vocais.

É inacreditável: ele acerta em todas ... no selo do momento, que é o Mo Wax. O que sobra para você é ir correndo até uma importadora, implorar por *Endtroducing...* e sonhar com o próximo trabalho do DJ Shadow – já que um sampler que ele usa na introdução de "Building Steam" dá a indireta: "Acho que ainda tenho muita coisa para fazer ainda, sou um estudante". *Zeca Camargo*

DJ SHADOW
Endtroducing...
Mo Wax

Pop de antigamente

Mais difícil do que fazer música original é recriar a sonoridade de um tempo que já se foi. A trilha de *The Wonders – O Sonho Não Acabou*, filme dirigido por Tom Hanks que narra a ascensão e queda de um fictício grupo de rock em meados dos anos 60, é um belo exercício sobre a cultura pop americana do período.

A trilha já é um clássico e junta-se aos Rutles e Spinal Tap como representante do fake pop. A faixa "That Thing You Do", com The Wonders, é uma exuberante e pegajosa canção que poderia ter sido feita nos anos 60 por grupos como Knickerbockers e The Remains. The Wonders também aparecem com as obras "Little Wild One" "Dance With Me Tonight" e outras. "Mr. Downtown" reflete o pop cafona da época, parodiando o estilo de cantoras como Jack Jones e Bob Vinton. Já "My World is Over" com Diane Lane, mostra o pop adulto de Burt Bacharach, com ecos de Dusty Springfield e Dionne Warwick e "Hold My Hand, Hold My Heart", com as Chantrellines, vai na cola das *girl groups*. Ah, o filme também é muito bom. E tem Liv Tyler! Precisa mais? *Paulo Camilcom*

FUTURE SOUND OF LONDON
Dead Cities
Virgin Records
Blade Runner

LYNYRD SKYNYRD
Freebird – The Movie
Universal Music
Rock and Roll do pântano

VARIOS
Romeo + Juliet
Capitol/EMI Music
Tragédia moderninha

RÁPIDO & RASTEIRO

A música instrumental brasileira marca presença na seção deste mês. Começamos com **Sambatown** (MP,B), de **MARCOS SUZANO**. O homem é o pandeiro onipresente da música brasileira – toca de Marisa Monte e Zizi Possi a Virna Lisi e Cidade Negra. Em seu primeiro disco solo, Suzano traz uma interessante variedade de sons e batidas, surrando o couro sem dó nem piedade. O parceiro Lenine – com quem o músico gravou o belo *Olho De Peixe* – marca presença em "O Curupira Pirou", a única faixa cantada do disco. Outra fera que já marcou a presença no trabalho de vários artistas é **ARTHUR MAIA**. Ele se dedica à pesquisa de ritmos em seu disco solo – lançamento da Paradoxx. Não é tão saboroso quanto o de Marcos Suzano, mas vale uma ouvida. **Ao Vivo No Circo** (Movieplay) marca a volta de **A COR DO SOM** em sua formação original – com o grande Armandinho nas guitarras – e um repertório de clássicos. O único porém ainda é o vocal fraco dos meninos. Melhor apostar em **Brasileiró** (Movieplay), em que **ARMANDINHO** dá uma aula de como reinventar o cavaquinho e incendiar a guitarra baiana. O cara toca chorinhos, rock e até música dos Beatles ("Yesterday"), esmerilhando melhor do que muito "Deus da guitarra" da vida. O incansável Armandinho também dá uma força no disco do mano **ANDRÉ MACEDO** (Movieplay). Trata-se de um álbum de axé music com cérebro, em que André interpreta parcerias de Armando com Moraes Moreira ("Chame Gente") e manda um *pot-pourri* de frevos de Caetano Veloso.

A decepção fica por conta de **Eles Cantam Rita Lee** (GPA Music), em que artistas como **ARNALDO BRANDÃO** (Hanói, Hanói, lembram?), **LEONI** (ex-Kid Abelha) e **DÉ** (ex-Barão Vermelho) unem-se a completos desconhecidos (caso de **FELIPE ABREU** e **FÁBIO ALLMAN**) para recriar pérolas do repertório de Rita. O resultado soa fraco. Melhor ficar com *Love Lee Rita*, esta sim uma homenagem de respeito, feita pela cantora paulista Ná Ozzetti. *Sérgio Martins*

Bolsa de discos

		Brasílio Hanoi	Cynthia Green	Joaquim Monteiro	Marcelo Fróis	Marcelo Prates	Marcio Pinheiro	Paulo C. Martins	Robert Halfoun	Sérgio Martins	Tatiana
7.2	PRINCE *Emancipation*	8	8	7	•	9	4	6	8	8	7
6.7	CARDIGANS *First Band On The Moon*	•	7	7	8	8	•	7	•	6	4
6.2	MARINA LIMA *Regalos A Manolo*	6	7	9	6	7	6	4	•	5	•
6.1	CHRIS ISAAK *Baja Sessions*	7	8	8	•	7	5	1	•	8	5
5.5	CLARA MORENO *Clara Moreno*	5	5	4	•	6	6	•	7	6	•
5.2	NEUROTIC OUTSIDERS *Neurotic Outsiders*	7	6	5	3	7	•	•	4	3	7
5.0	TANTRA *Eles Não Eram Nada*	6	•	2	3	8	•	•	6	2	8
4.7	COUNTING CROWS *Recovering The Satellites*	5	5	5	3	9	•	0	7	2	7
4.7	DORA VERGUEIRO *Live*	7	4	2	5	8	8	2	4	5	2
4.2	PHIL COLLINS *Dance Into The Light*	4	•	2	5	9	5	0	6	2	5

Degustando Caetano

A caixa *Todo Caetano* resume em 30 CDs com edição caprichada a obra do compositor e poeta baiano

Caetano nos anos 60: explosão de cores psicodélicas e fundindo rock com marchinha

Nem todo **CAETANO VELOSO** alimenta a caixa em forma de panetone **Todo Caetano 1966/1996** (PolyGram). Além dos primeiros singles, gravados ainda na RCA (atual BMG), foram barradas do bolo participações em discos coletivos como *Doces Bárbaros*, *Temporada De Verão* e mais *Brasil* (com João Gilberto, Maria Bethania e Gil), *Os Melhores Momentos De Chico & Caetano*, do programa que a dupla manteve na TV Globo (onde foi lançada a música "Merda") e trilhas como a de *O Quatrilho* e *Tieta Do Agreste*. Fica difícil sacar os critérios da escolha, já que integram o caixote duos com Gal Costa, Chico Buarque, Bethânia e o ao vivo **Barra 69** ao lado de Gil, com quem ele divide os **Tropicália 1** (este ainda inclui Mutantes, Nara Leão e TomZé) e **2**. Enfim, o que determina se um disco pertence – ou não – à obra solo de Caetano?

Mas os 30 CDs do caixote mais que valem o preço salgado do panetone acompanhado de um encarte funcional com comentários e letras. O messiânico mentor de "Tropicália" ("Eu organizo o movimento/ Eu oriento o Carnaval"), um narciso que acha feio o que não é espelho, virou mesa da MPB – da qual ele próprio fazia parte. Vide a bucolírica estréia, entre pés de avenca e avarandados em **Domingo**, dividido com Gal, em 1967. O disco já saiu defasado em relação ao tropicalismo que ainda no mesmo ano dinamitaria tudo com suas guitarras combatidas até por passeatas. Em **Caetano Veloso**, de 1968, o astro explodia psicodélico no sol dos cinco sentidos como o herói em quadrinhos de Superbacana. Ou fundia marchinha com rock em Alegria Alegria.

Com esse disco (e o seguinte *Tropicália*, de "Panis Et Circenses", e do ícone pop "Baby") inaugurava-se a MPop do B. Alinhado à tradição da era do rádio (de Noel Rosa a Luiz Gonzaga) e ao folk (quem roteiriza o godardiano **Araçá Azul** e o prato-e-faca do samba de roda de Edith De Oliveira), ele ainda linkou iconoclastas como os Rogérios – Duarte e Duprat – à poesia concreta dos irmãos Campos, além de detonar os limites do brega. Regravou o lacrimal "Coração Materno", do avô do ramo, Vicente Celestino e, com o álibi de quem coloca todos os fracassos nas paradas de sucessos, tornou palatável até o Peninha de "Sonhos".

Seguindo a filosofia *beatle* (de quem regravaria "Help" a "Eleanor Rigby" e fana parafrases como a de "Sugar Cane Fields Forever") do *popstralato* com lastro cult, Caetano pagou pela afronta aos sistemas musical & político. Além das vaias nos festivais, seus vanguardiscos tinham baixas vendagens. Araçá Azul disputa com o LP da mosca de Walter Franco o troféu de maior índice de devoluções da indústria. Apesar de não disparar como Geraldo Vandré mensagens partidárias explícitas (a ode às passeatas "Enquanto Seu Lobo Não Vem", da *Tropicália*, rola nas entrelinhas), ele acabou preso e deportado para Londres com o parceiro Gil. A saída da terra em transe transpira no eganiçado **Barra 69**, praticamente um pirata gravado ao vivo. No álbum branco (outra referência *beatle*) do mesmo ano, já em cima do desterro, há de tango ("Cambalache", com John Lennon e Ringo Starr injetados na letra original) a fado ("Os Argonautas") mais o precursor "Atrás Do Trio Elétrico", além de uma regravação que parece ironizar o lirismo passadista da "Carolina", de Chico Buarque.

Com essas mensagens cifradas e as que mandaria no disco do exílio ("Maria Bethania, please send me a letter/ I wish to know things are getting better"), Caetano acostumaria seu público com "Jeito De Corpo" ("Não precisa ninguém me acompanhar", despista em **Outras Palavras**, em 1981) de sua dialética de guru. Se em **Transa** (1972), detectou o reggae de Portobello Road ("Nine Out Of Ten") e no bailarino **Bicho**, de 1977, descolou a *juju music* ("Two Naira Fifty Robo"), ele também alternou protesto ("Gente é pra brilhar/ Não para morrer de fome") com escapismo ("Deixa eu dançar/ Pro meu corpo ficar odara"). Mandou desde o vingador "Um Índio" ("Tranqüilo e infalível como Bruce Lee") ao visionário "Tigresa", em que antecipava a desideologização da juventude. Em 1975, desnudou-se em família na capa proibida do miura **Jóia** (da cubista "Pipoca Moderna" e da tribal "Canto Do Povo De Um Lugar") e ofereceu a outra face (pop) no disco **Qualquer Coisa**, em que reúne de Chico Buarque ("Samba E Amor") a José Messias ("Madrugada E Amor").

Nos anos 90, o compositor retoma o affair com a música de João Gilberto

Nos anos 70, ele descobriu o reggae, garimpou a *juju music* e alternou canções de protesto com desencanação

Em **Muito** (1978), ele arromba o cerco das FMs tornando popular a quilométrica "Terra", inventa um antihino para "Sampa", com a habilidade de quem (re)compõe músicas antigas tipo "Desde Que O Samba É Samba" (*Tropicália 2*, 1993), "Dom De Iludir" (**Totalmente Demais**, 1986) e "O Ciúme" (**Caetano**, 1987). Celebrante pré-Renato Russo das meninas e meninos do Rio, ativista da geração do desbunde e adorador da juventude parafinada dos surfistas, Caetano sempre manteve aceso o arco da promessa sexual em suas letras cantarinas. Até uma broxada saiu das sombras de Eclipse Oculto'. **Velô** (1984) acerta as contas com o rock ("Podres Poderes") e rap ("Língua") vigentes, enquanto "O Quereres" decupa sua estratégia: "Onde queres o ato, sou espírito/ E onde queres ternura, sou tesão". Na era Collor, radiografou-se **Estrangeiro** (1989) e no **Circuladô** (1991), bateu a polaroide de um país "Fora Da Ordem" mundial, o próprio "Cu Do Mundo". E se *Tropicália 2* (1993) questionou o Haiti daqui, além de antenar a retomada do cinema nacional, **Fina Estampa** (1994) tirou o moto brega da latinidade. E no repique ao vivo, remeteu ao João Gilberto de "Você Esteve Com Meu Bem?", elo perdido com Orlando Silva – o fio da meada da linha evolutiva que ensinou Caetano pra sempre a desafinar o coro dos contentes.

Tarik De Souza

do cacique!

Beth dá uma aula de samba em três relançamentos da BMG Brasil

A turma do Fundo De Quintal ainda levava crédito como "Pessoal da Cozinha (do Bloco Cacique de Ramos)". Uma palavra que hoje está no DNA nacional ainda carecia de explicação em encarte de disco: "Pagode é – para poucos brasileiros que não sabem – não só a reunião onde se brinca de samba, se canta de tudo, se bebe, se come, como também é a própria música cantada pelo sambista." Nesse contexto, em 1977, 1978 e 1979, **BETH CARVALHO** lançou três álbuns absolutamente clássicos e de primeira necessidade: **Nos Botequins Da Vida, De Pé No Chão** e **No Pagode**, abençoados pelo violão de sete cordas de Horondino Silva e pelo violão de seis de Mão de Vaca.

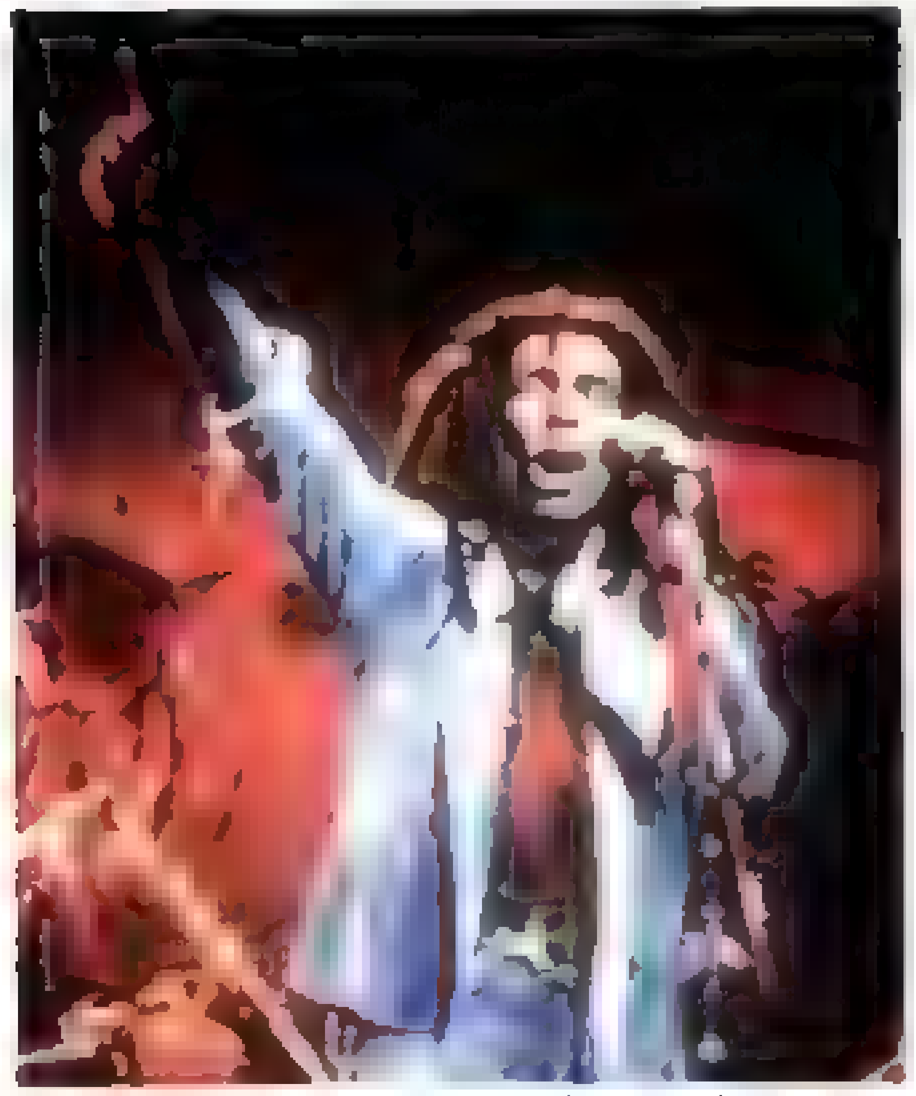
Nos Botequins ... tem de tudo, até participação do saudoso Manacéa, da Velha Guarda da Portela, no samba rural "Carro de Boi". Traz os inesquecíveis hits "Saco De Feijão", "Olho Por Olho" e "Lá Vem Ela Chorando", "Dinheiro Não Há" – primeiro samba-enredo da Portela, de Benedito Lacerda e Alvaiade. E também as clássicas "O Mundo É Um Moinho", de Cartola, e "Se Você Me Ouvisse", de Nelson Cavaquinho e Guilherme de Brito. Em *De Pé No Chão*, as obras-primas saltam feito deliciosas celulites de uma mulata que se embalança: "Vou Festejar", mega-sucesso de Jorge Aragão; "Goiabada Cascão", manifesto do bem-sambadosismo lapidado por Wilson Moreira e Nei Lopes, a catajestada simpática "Você, Eu E A Orgia", de Candeia e Martinho Da Vila; o sempre citado "Agoniza Mas Não Morre", de Nelson Sargento, e, mais luzidio que todos, "Passarinho", do injustamente pouco lembrado Chiquinho.

No Pagode conta com Almir Guineto ... grande inovação que saiu do Cacique De Ramos para entrar em ... entre dez formações sambísticas do país. Puxado por outro estouro sensacional de Jorge Aragão, "Coisinha Do Pai", também tem maravilhas que ... mais ... "Senhora Rezadeira" e "Pedi Ao Céu", mais ... Clara Nunes ... da Serrinha ... Dona Yvone Lara, e "No Gafanhoto", ... de Rubens da Mangueira.

Exuberante, Beth ... interpretações definitivas que com certeza intimidam emergentes e ... da MPB. Poucas vezes uma cantora esteve tão à vontade em disco. Poucos discos deixam o ouvinte tão feliz.

Pedro Sá

Reggae básico


Bob Marley: resgate de pérolas do início da carreira

A BMG Brasil solta duas preciosidades para quem acha que o reggae é show de Papa Winnie e Pato Banton. **The Jamaican Singles**, de **BOB MARLEY & THE WAILERS**, traz as primeiras colaborações de Bob, Peter Tosh e Bunny Wailer ao lado do produtor Lee Perry. O repertório foi pinçado de gravações entre 1969 e 1972. As interpretações dos Wailers são cruas e o repertório foge do óbvio. Resgata músicas que brilharam em singles, como "Rainbow Country" e "Keep On Movin'", além de outras pérolas que seriam regravadas mais tarde pelo próprio Marley. Caso de "Roots, Rock, Reggae" e "Don't Rock My Boat".

DENNIS BROWN brilha em **Best Of Vol 1**. O quarentão Brown está na estrada desde os 16 anos e lança discos com a fertilidade de uma coelha: em menos de vinte anos já soltou uns vinte *Best Of* e outros cinquenta álbuns de carreira. O disco da BMG centra forças na década de 70, quando ele trabalhava com o produtor Niney "The Observer" e foi aclamado como "o príncipe do reggae".

Dennis dá a dose exata de testosterona e dramaticidade em "The Long And Winding Road", dos Beatles, e canta hinos locais, como "Cassandra" – que chupa a introdução de "Love And Happiness", do soulman americano Al Green – e "Rain From The Skies". Básico.

Sergio Martins

Ouro de tolo

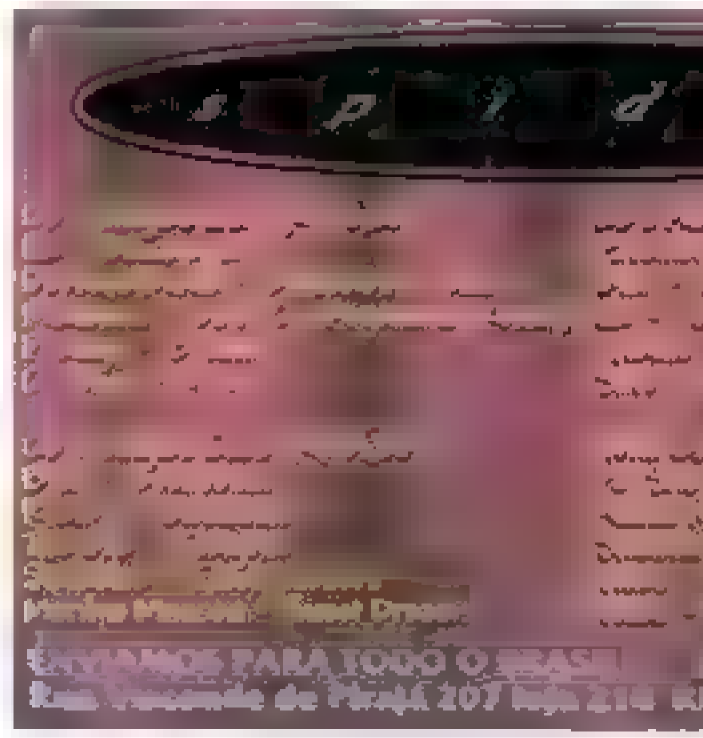
Herman's Hermits estão na série *Gold Collection*, da EMI Music

Às vezes a esmola é tanta... É o que acontece com a **Gold Collection**, série da EMI compilando hits de alguns dos mais importantes nomes de seu cast, principalmente dos anos 60. Os discos chegam às lojas com um preço baixo, o que vai motivar a procura. A treta da coleção é o critério do repertório. O CD dos **SHADOWS**, por exemplo, não tem "Apache", sua marca registrada. O de **JOHNNY RIVERS** omite "Poor Side Of Town", justamente sua única música a chegar em primeiro lugar na parada americana.

Os CDs dedicados aos **HOLLIES**, **HERMAN'S HERMITS** e **ANIMALS** também têm alguns furos injustificáveis. Pelo menos na coletânea dos Hollies há a faixa "Don't Let Me Down", sucesso aqui no Brasil e muito procurada por colecionadores. A seleção dos Hermits tem coisas óbvias ("There's A Kind Of Hush", I'm Hennery The Eight"), mas passa batido por "Can't You Hear My Heartbeat", "I'm In Into Something Good" e outras. O do **ELECTRIC LIGHT ORQUESTRA** se concentra no começo da carreira – por isso não tem nada da fase *Xanadu*. Pelo menos o material de astros dos anos 70 como **SUZY QUATRO, TAVARES** e **PETER TOSH** apresenta uma seleção menos capenga. Uma grande idéia atrapalhada pela finalização.

Paulo Cavalcanti

CD's • VHS
LD's
LONDON CALLING
SEMPRE OS ÚLTIMOS LANÇAMENTOS DOS EUA, EUROPA E JAPÃO
RARIDADES DE: U2 • CURE • MADONNA • OASIS • REM • BLACK SABBATH • E TODOS OS ESTILOS
A MAIS COMPLETA E A NOVIDADES E RARIDADES
ENVIAMOS PARA TODO PAIS. ACEITAMOS CARTÃO
TEL-FAX: (011) 223-5300
RUA 24 DE MAIO, 116 RUA ALTA • LOJA 15 • CEP: 01041-000 • CENTRO • SP



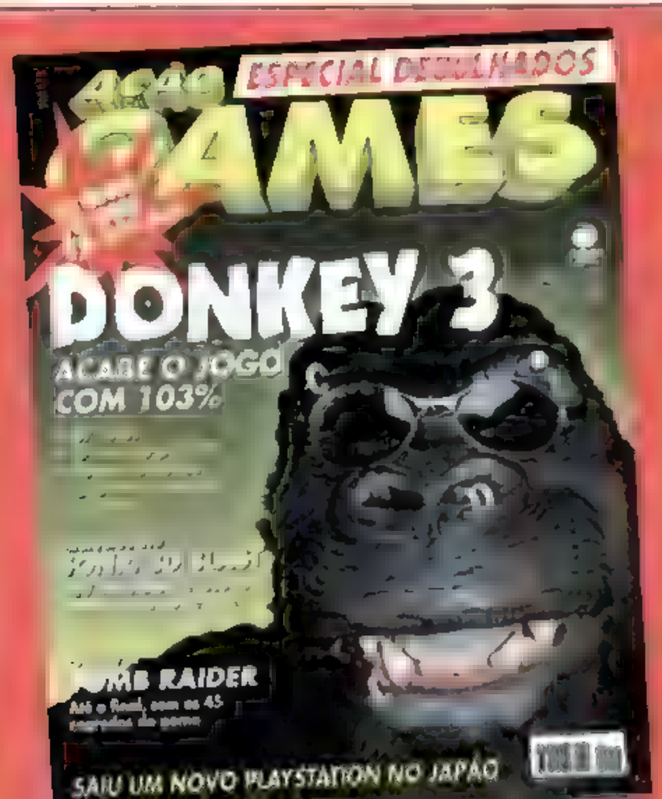
Além da bossa

No site do EVERYTHING BUT THE GIRL na Internet, Tracey Thorn detona este Best Of (Blanco Y Negro/ WEA). Ela reclama que no remix de Todd Terry para "Missing" sua voz foi acelerada em 26%; também acha que a coletânea repete faixas de *Homemovies* (1994), outro *greatest hits* dedicado à dupla.

Cobranças à parte, o disco pode interessar a quem no Brasil conheceu a dupla a partir do sucesso remixado de "Missing". A seleção é abrangente, incluindo até as duas colaborações de Tracey com o Massive Attack – "Better Things" e "Protection" – ou faixas do meio dos anos 80, quando a dupla se lançou com seu pop/folk acústico. Na época rotulou-se o grupo dentro de uma onda new bossa, saco de gatos que inclui também bandas como Style Council, Sade, Prefab Sprout, Matt Bianco. Na verdade, a influência inicial do EBTG estava no pop americano dos anos 60, como se percebe aqui na bela recriação para "The Only Living Boy in New York", bonita balada de Paul Simon – antes de derrapar na *world music*.

ANTÔNIO CARLOS MIGUEL

A dupla do EBTG: Tracey Thorn e Ben Watt, garimpa o pop dos anos 60



OS GAMES MAIS ANIMAIS DEBULHADOS ATÉ O TALO!

GAMES

NAS BANCAS!

Letras traduzidas

Sheryl Crow

O sucesso da ex-vocalista da banda de Michael Jackson cita grandes nomes do jazz e do cinema ao contar um desencontro amoroso

FORTE APACHE

O chefe apache Gerônimo foi um dos mais bravos guerreiros indígenas dos EUA. Ele lutou contra a cavalaria americana e nunca caiu prisioneiro apesar de seus inimigos serem superiores em número e armas. O exército então selou um acordo de paz com Gerônimo e o mandou para uma reserva, onde ele passou o resto de seus dias tirando fotos ao lado de turistas.

SULTÃO DO SWING

O clarinetista e band leader Benny Goodman (1909-1986) é considerado o rei do swing. O que é muito pouco para o currículo desse americano de Chicago que começou sua carreira aos 13 anos. Goodman tocou com Billie Holiday, Bessie Smith, entre outras. De sua banda saíram talentos como o baterista Gene Krupa e a cantora Peggy Lee. Aqui no Brasil, a composição mais conhecida de Goodman é "Blue Moon".

LEGALIZE JÁ

"Everybody must get stoned" proclamava Bob Dylan em "Rainy Day Women". A música, faixa do álbum Blonde On Blonde (1966), é uma ode àquela planta que o Planet Hemp insiste em defender a legalização.

If It Makes You Happy

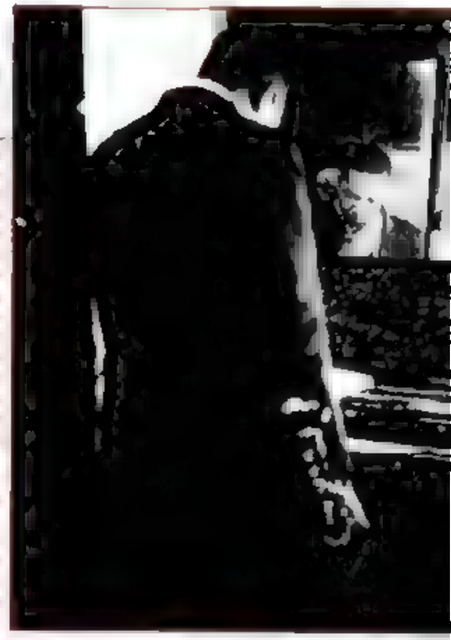
(Sheryl Crow, Jeff Trott)

I've been long, a long way from here
Put on a poncho, played for mosquitos
And drank til I was thirsty again
We went searching through
thrift store jungles
Found Geronimo's rifle,
Marilyn's shampoo and
Benny Goodman's corset and pen
Well, OK, I made this up I promised
you I'd never give up
If it makes you happy
It can't be that bad
If it makes you happy
Then why the hell are you so sad
You get down, real low
You listen to Coltrane, derail
your own train
Well who hasn't been
there before?
I come round, around
the hard way
Bring you comics in
bed, scrape the
mold off the bread
And serve you
french toast again
Well, OK, I still
get stoned
I'm not the kind
of girl you'd
take home
We've been far,
far away
from here
Put a poncho,
played for mosquitos
And everywhere in between
Well, OK, we get along
So what if right now
everything's wrong?

Se Isso Faz Você Feliz

Eu tenho estado muito,
muito longe daqui
Vesti um poncho, toquei para mosquitos
E bebi até ficar com sede novamente
Nós fomos procurar lojas baratas no
meio da selva
Achamos o rifle de Gerônimo
O shampoo de Marilyn e a caneta e o
espartilho de Benny Goodman
Bem, OK, eu fiz aquilo e disse que eu
nunca desistiria
Se isso faz você feliz,
não pode ser de todo ruim
Se isso faz você feliz, por que diabos
você está triste?
Você fica pra baixo, bem caído
Você ouve Coltrane, descarrila seu
próprio trem
Bem, quem não já não esteve assim?
Eu chego perto,
da maneira mais difícil
Trago revistas em quadrinhos na
cama, raspo a bandeja do
pão
E sirvo torradas de
novo pra você
Bem, OK, eu ainda
fico chapada
Eu não sou o tipo de
garota que você
levaria para casa
Eu tenho estado
muito, muito longe
daqui
Vesti um poncho,
toquei para
mosquitos
E em todos os
lugares no meio disso
Bem, OK, nós nos damos bem
E daí se agora está tudo
errado?

PLATINUM BLONDE



O PAI DO FREE JAZZ

Teste

Você já experimentou?

O rock psicodélico faz trinta anos e quem embarca na viagem é você, com este teste ácido

1 *Em 1969, o guitarrista Jimi Hendrix montou a Band Of Gypsies ao lado do baixista Billy Cox e o baterista Buddy Miles. Cox foi colega de Hendrix no exército. Os dois:*
a) serviram como atiradores de elite
b) serviram como pára-quedistas
c) serviram como garçons nas festas dos oficiais
d) serviram de fornecedores de lança-perfume
e) não serviram pra nada, estavam doidões

2 *Os Beatles mudaram os rumos da música em 1967, com o lançamento de* Sgt. Pepper's Lonely Hearts Club Band. *Muitas das idéias desse disco foram aproveitadas de um álbum clássico de uma banda americana. Qual?*
a) The Pink Sphyncter, *dos Honchos*
b) Pet Sounds, *dos Beach Boys*
c) Press More And She Will Fart, *dos Troggs*
d) Are You Experienced, *Jimi Hendrix*
e) Pet Sounds, *dos Beach Boys*

3 *Frank Zappa ironizou o modo de vida dos hippies em* We're Only In It For The Money. *Mas em 1963, ele já causava espanto ao aparecer num programa de calouros:*
a) fantasiado de Girafa Priápica
b) inventando a dança da garrafa
c) mostrando a obra "Concerto Para Bicicleta"
d) peidando as sete notas musicais
e) fazendo um solo de trinta minutos

4 *O grupo Buffalo Springfield durou apenas três anos (de 1966 a 1969), mas dois de seus integrantes tiveram vida longa no rock'n'roll: Stephen Stills e Neil Young. Stills foi recusado numa banda famosa por "não ter o visual adequado". Qual banda?*
a) Village People
b) The Besuntated Dwarfs
c) Carrapicho
d) The Byrds
e) Monkees

5 *Janis Joplin, ao lado da banda Big Brother And The Holding Company, arrebentou no Festival de Monterrey, em 1967. O álbum deles,* Cheap Thrills, *teve a capa desenhada por um cartunista famoso. Quem?*
a) Alex Raymond
b) Carlos Zéfiro
c) W. Epaa
d) Walt Disney
e) Robert Crumb

Jimi Hendrix, pai da guitarra psicodélica

6 *Syd Barrett, Roger Waters, Nick Mason e Rick Wright eram estudantes de arquitetura em Londres quando, em 1964, decidiram formar o Pink Floyd. Três anos depois eles lançaram* The Piper At The Gates Of Dawn, *obra-prima do rock lisérgico. O nome Pink Floyd foi tirado:*
a) de uma viagem de cola de sapateiro
b) do livro O Senhor Dos Anéis De Couro
c) de dois bluesmen, idolos de Syd Barrett
d) da música "Pink Floyd Dropping From My Dick"
e) de um tipo de ácido lisérgico

7 *The Byrds era um grupo influenciado por folk e country music cujos quatro primeiros discos são considerados clássicos. Qual a música deles tocada pelo grupo punk Husker Dü?*
a) "Mr. Tambourine Man"
b) "Sorry Somehow"
c) "Essa Nega Tá Fedendo"
d) "Eight Miles High"
e) "I Feel A Whole Lot Better"

8 *Surrealistic Pillow, o álbum de estréia do Jefferson Airplane, vendeu meio milhão de cópias em 1967. Nos anos 80, seu vocalista Marty Balin teve uma canção regravada por uma cantora brasileira. O nome dela:*
a) Marina
b) Angela Rô Rô
c) Edson Cordeiro
d) Lady Zu
e) Marisa Monte

9 *Em 1967, o grupo inglês The Who lançou* Sell Out, *um disco que satirizava a publicidade. A participação deles em Woodstock foi histórica. Tudo porque Pete Townshend:*
a) gritou "Uêpa!" e bailou salsa e merengue
b) tocou o hino nacional americano
c) tocou a 5ª Sinfonia de Beethoven
d) expulsou um líder hippie a golpes de guitarra
e) masturbou-se em frente às câmeras, de olho no bumbum de Roger Daltrey

10 *O Cream misturava blues pesado com solos longos e repletos de virtuosismo. Qual era a sua formação?*
a) Jimmy Page (guitarra); Keith Moon (bateria) e John Entwistle (baixo)
b) Eric Clapton (guitarra); Ginger Baker (bateria) e Jack Bruce (baixo)
c) Jeff Beck (guitarra); Ginger Baker (bateria) e Chris Dreja (baixo)
d) Eric Clapton (guitarra); Keith Moon (bateria) e Dé (baixo)
e) Jeff Beck (guitarra); Leospa (bateria) e Ricky Martin (por baixo)

11 *Liderado por Arthur Lee (guitarra e vocais), o grupo californiano Love tem como obra-prima o álbum* Forever Changes *(1968). Uma das faixas do disco foi regravada por uma banda de hard rock. A música e a banda são, respectivamente:*
a) "Alone Again Or", U.F.O.
b) "Toys In The Attic", Aerosmith
c) "Infinite Highway", Capital Inicial
d) "Rebel Maniac", Viper
e) "Just My Imagination", Rolling Stones

12 *Liderado pelo guitarrista Jerry Garcia, o Grateful Dead é um dos símbolos do rock psicodélico. A legião de fãs malucos que acompanha o grupo por todo canto virou lenda também, sendo apelidada...*
a) Shitheads
b) Braindeads
c) Grateful Kids
d) Bungholes
e) Deadheads

+Bizzes

quem quer dinheiro?

Saiu a renda, garotinho... Além de causar um barulho danado na mídia e fazer os olhinhos dos fãs brilharem feito moedas, a série *Anthology*, dos Beatles, cumpriu o seu papel: deu dinheiro. Paul Mc Cartney engordou sua carteira em 30 milhões de dólares e agora tem a fortuna calculada em 600 milhões de verdinhas. George Harrison e Ringo Starr – com o bolso mais magro – levaram 15 milhas. O próximo caraminguá vai pingar através do lançamento em vídeo dos desenhos animados produzidos pela King Features, entre 1964 e 1967.

A série Anthology, dos Beatles, foi um grande negócio: rendeu milhões de dólares

PROMOÇÃO

Quem quer caixa? Mande uma história em quadrinhos criativa sobre os rapazes de Liverpool e ganhe a série completa de *Anthology*, com oito fitas de vídeo. As cinco melhores levam. SHOWBIZZ/TE-TE-TE: Caixa Postal 66157, CEP 05315-970, São Paulo – SP.

liberdade para o fumegante

O regueiro baiano Sine Calmon pode ser preso por apologia à maconha

O rastaman baiano Sine Calmon tem motivos para acreditar que, além de injusta, a Babilônia está pirada. Por causa do nome da sua banda, Morrão Fumegante, e de uma personalíssima versão para "War", de Bob Marley, conclamando a "botar fogo na Babilônia", o cantor foi condenado pela juíza Daisy Ribeira, da 1ª Vara de Tóxicos de Salvador, a três anos de prisão sob a acusação de apologia ao uso de drogas. A absurda decisão (que fere a Carta Magna no artigo 5º, inciso 9º, no tocante à liberdade de expressão) está gerando protestos. Enquanto espera a apelação junto ao Tribunal de Justiça, o fumegante se refugia em Cachoeira, interior da Bahia e prepara-se para voltar à gravação de seu álbum de estréia. Injustiça à parte, o cara tem agora, no mínimo, um marketing interessante para divulgá-lo.

(Hagamenon Brito)

MIX

Gene Simmons, do Kiss, mostra a língua e barbariza em revista de homem pelado

Descoberto e furioso

A batalha de Supla nos EUA vem dando resultado. O lourão foi descoberto pelo fotógrafo Bob Gruen (John Lennon, Ramones e Blondie no currículo) que, empolgadíssimo, quer trabalhar a nova imagem do cantor. Paralelo ao projeto de hard rock Psycho 69, Supla agora está no projeto Supla Z, o tal da bossa funosa, com o ex-tecladista do Tokyo Marcelo Zarvos, também residente em Nova York. "O Bob ficou impressionado com o nível performático do meu show e com o som que mistura a tranqüilidade da bossa-nova com letras e arranjos nervosos", diz Supla. Além do visual, é claro. "Me vejo saindo de um gibi no show, começo com um terninho branco e chapéu panamá, depois troco por um estilo safári e encerro com um look cyber-futurístico", descreve. Fascinado com tanta piração, Bob, o fotógrafo, convidou o nosso Supla para uma festa de Natal, fim do ano passado, com a galera do The Clash, Debbie Harry e outras feras.

ANDRÉ PENNER

Supla está cheio de bossa e começa a acontecer nos EUA

rock rasteira

URIEL RODRIGUES

A capoeira come solta no rock no Catapulta

De uma distribuidora de bebidas, entre um trago e outro, Moisés, vocalista da banda baiana Catapulta, explica que negócio é esse de axé-core, estilo que o grupo incorporou no primeiro disco lançado pelo selo Original. "É uma mistura de rock, cânticos de capoeira, guitarras distorcidas e candomblé. Começamos batucando em galões de água e tocando violão. Como eu jogo capoeira, cantarolava as músicas de roda e ficou arretado. A adrenalina da capoeira é a mesma do rock, é coisa de doido, rapá!!!"
E o candomblé? "A nossa relação com a religião é cultural. Fui barrado uma vez num terreiro porque estava de bermuda. Mas vou voltar lá. Quero me envolver mais, saber se sou de Xangô ou Oxo..."
E interrompe por um bom motivo: "Ô Joe, desce mais uma aí..."

Instrumento divino

A Playgirl fez mais uma edição com astros do rock. Além de preços exibindo seu hard rock, a revista americana traz entrevistas hilárias. Com a maior cara de pau, o repórter *Playgirl* pergunta e Gene Simmons responde. Um diálogo de altíssimo nível...

Como você reage a uma mulher sexualmente agressiva?
Se ela se mostrar aberta, tenho uma proposta rígida.
Você já teve experiência com uma dominatrix?
Claro. Mas achei superficial, porque depois ela encostou a cabecinha no meu ombro.
Quantas mulheres você já comeu?
Não seria justo dizer que eu comi todas elas. Muitas vezes, foram elas que me comeram. Bem, eu posso te dar só uma estimativa. Entre três e quatro...
...Mil! Puxa, você deve ter utilizado muito essa sua linguona...
Sim, eu compreendi que ela era um instrumento religioso, uma extensão divina. Sempre que eu a uso, a mulher diz: "Oh... meu Deus!"

vai rolar...

Herbert vai para Recife

Arnaldo Antunes, Paralamas, O Rappa, Otto (ex-mundo livre s.a.) e Devotos do Ódio (PE) são alguns dos nomes que participarão do quinto edição do festival Abril Pro Rock, em Recife. Ampliado, além dos shows que rolarão em dois palcos, o evento contará também com exposições de trabalhos de artistas plásticos e fotos que contam a história da Chico Science, o grande homenageado do festival.

Dias 18, 19 e 20/04 - Centro de Convenções de Pernambuco – Recife

TESTE DO PH CEREBRAL

12 acertos – Alka-Seltzer – Você é o antiácido em forma de gente. Se sabe tudo isso, é porque não viveu a experiência. Botou debaixo da língua, mas não tragou.
8 a 11 acertos – Patrinha – Sua margem de acertos é de 3/4 (sempre uma boa fração, não é mesmo?)
4 a 7 acertos – Danoninho – Levemente acidulado, você tem lactobacilos vivos na memória.
0 a 3 acertos – Demerdão – Você viu o circo pegar fogo dentro do seu próprio cérebro.

Respostas: 1-b • 2-b • 3-c • 4-a • 5-a • 6-c • 7-b • 8-a • 9-a • 10-b 11-a • 12-a

Alien
notícias de outros mundos

No filme *Kids*, ele era o roteirista e ela, a protagonista, estuprada e contaminada pelo HIV. Agora, Harmony Korine, 23 anos, e Chloe Sevigny são casal. Moram juntos em Manhattan: ele bagunça, ela arruma. Chloe, que há pouco iluminou *Ponto de Encontro* (*Trees Lounge*, dirigido por Steve Buscemi), vai estrelar a estréia de Harmony como diretor, *Gummo*, que promete mostrar americanos muito pobres com um elenco quase todo de não-atores. Harmony, skatista, tem idéias esquisitas: seu próximo projeto é rotirizar o *Ulysses* de James Joyce com... Snoop Doggy Dogg!

Rita para menores

História infantil em forma de CD, *Tutu, O Menino Índio*, de Toni Brandão (*na foto ao lado*), tem como narradora a especial Rita Lee. Ela também contribui com uma composição no repertório do disco, que traz ainda Vânia Bastos e Marisa Orth (cantando como uma oncinha sexy).

Roteiros obrigatórios

Se você adorou *Trainspotting* (a Redação aqui urrou de felicidade) e *Cova Rasa*, dois filmes dirigidos pelo escocês Danny Boyle, certamente vai querer ler os roteiros, agora reunidos em livro pela editora Rocco. Seja na história original de *Cova*, ou na trama costurada de *Trainspotting* (a partir das brilhantes narrativas fragmentadas do romance de Irvine Welsh), vale conferir o talento de John Hodge, responsável pelos dois roteiros.

Discoteca

"Dusty Springfield é incrível. A cena de Uma Thurman dançando antes de sair com John Travolta em Pulp Fiction não existiria sem sua interpretação de 'Son Of A Preacher Man'. Aquela gravação, que faz parte de Dusty In Memphis, era a chave da seqüência. Se eu não pudesse usar a música, a cena teria sido cortada do filme."
(Quentin Tarantino, diretor)

DUSTY IN MEMPHIS
Dusty Springfield

Considerando o que Mary O'Brien cantava na adolescência ela deveria ter se tornado, na melhor das hipóteses, uma Carolyn Hester – cantora folk, que teve seu apogeu na década de 60 – da era *beat*. Mary gostava de folk e quis o destino que, fazendo parte do trio The Springfields, integrasse o primeiro grupo vocal/instrumental inglês a entrar na parada musical americana.

Em 1963, Mary O'Brien adotou o nome de Dusty Springfield e deslanchou uma carreira solo de sucesso, chegando a ser considerada "a melhor cantora de rock que a Grã-Bretanha já produziu." Mas, verdade seja dita, Dusty Springfield sequer é uma cantora "de rock". Ela tem uma qualidade raríssima entre os cantores brancos: Dusty tem soul. Pega um *standard* surrado e nocauteia o ouvinte, deixando-o prostrado de emoção. Em três anos, a cantora inundou as paradas com uma corrente de hits, como os clássicos pop "I Only Want To Be With You", "Stay Awhile" e "Wishin' And Hopin' ". Outro sucesso da época foi "You Don't Have To Say You Love Me", que pôs Pino Donaggio no alto das paradas na Inglaterra (primeiro lugar) e EUA (quarto lugar) em 1966.

Dusty põe muito mais sentimento do que técnica. Foi a cantora branca que melhor entendeu o significado da soul music

Em novembro de 1968, Dusty apareceu espetacularmente com "Son Of A Preacher Man", um single irretocável, imaculado, que se transformou num clássico da soul music. A música era o anúncio do álbum *Dusty In Memphis*, gravado com os músicos que vinham fazendo o máximo em matéria de música negra, acompanhando luminares como Wilson Pickett. A idéia era emular o som de Aretha Franklin e da Atlantic Records da época tanto que, além do estúdio e dos músicos, foram contratados os produtores responsáveis pelo som de Aretha, o trio Jerry Wexler, Tom Dowd e Arif Mardin.

Dusty não cai na armadilha de fazer toda aquela ginástica no gogó, para não virar um pastiche. Dá a volta, canta suave, põe muito mais sentimento (soul) do que técnica, brincando com o ritmo, atrasando o tempo das canções. As cantoras brancas daquela e de outras épocas têm de engolir esta: quem melhor capturou o sentido, compreender o sentimento e reinterpretar a soul music dos anos 60 foi uma roceira inglesa, cafoníssima, com penteado "bolo de noiva" e quilos de maquiagem nos olhos.

René Ferri

Performance

Ano de lançamento: 1969

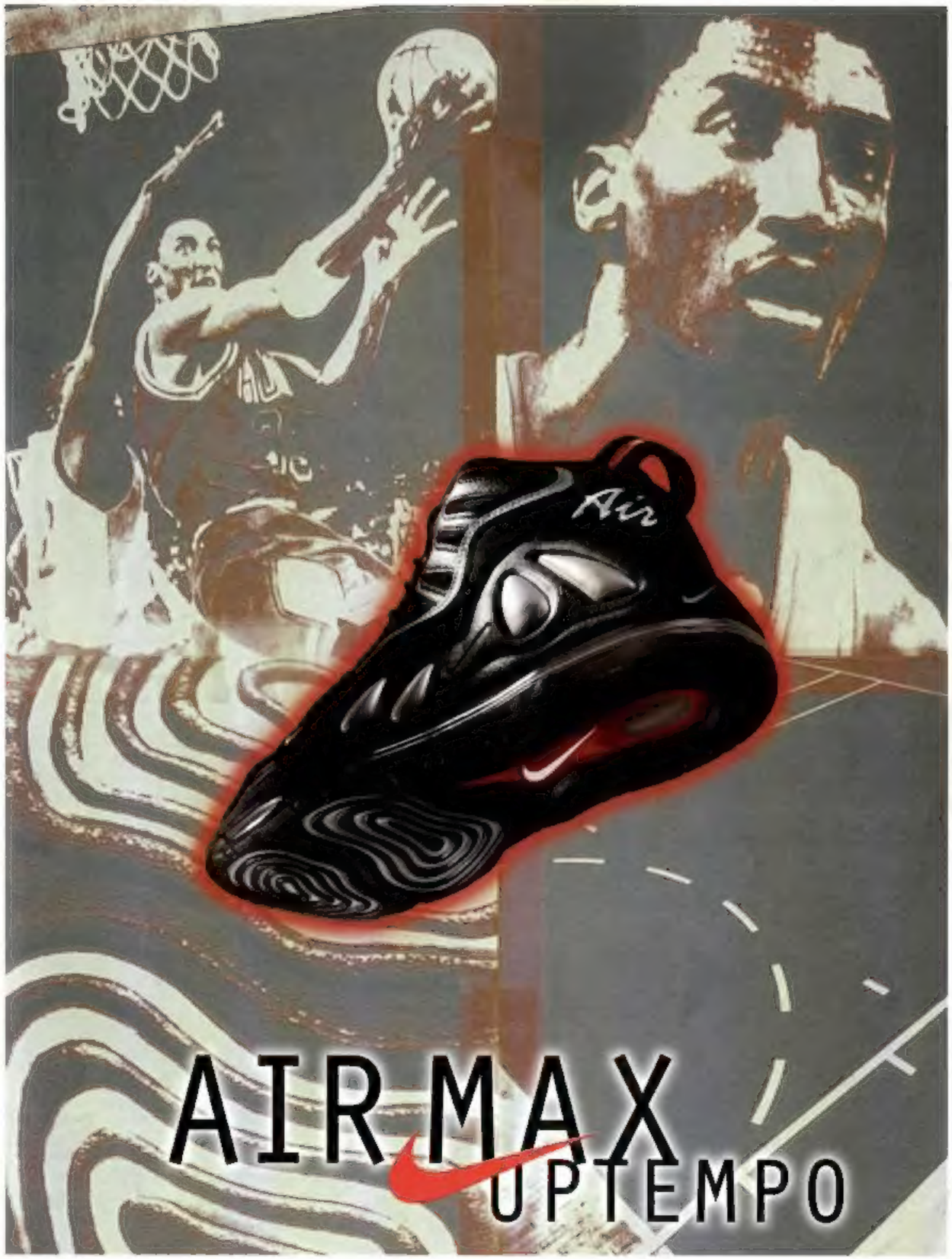
Produção: Jerry Wexler, Tom Dowd e Arif Mardin

Faixas: "Just A Little Lovin' " • "So Much Love" • "Son Of A Preacher Man" • "I Don't Want To Hear It Anymore" • "Don't Forget About Me" • "Breakfast In Bed" • "Just One Smile" • "The Windmills Of Your Mind" • "In The Land Of Make Believe" • "No Easy Way Down" • "I Can't Make It Alone" • "Willie & Laura Mae Jones" • "That Old Sweet Roll (Hi-De-Ho)" • "What Do You Do When Love Dies".

O disco, editado nos Estados Unidos pela Atlantic e na Inglaterra pela Philips, mistura músicas novas e desconhecidas, com outras mais antigas e obscuras. O repertório é homogêneo, com duas autorias de Randy Newman, três de Carole King/Gerry Goffin (uma versão eletrizante de "Don't Forget About Me"), mais Jeff Barry/Cinthia Weil, Burt Bacharach e Michel Legrand.

Em 1980, *Dusty In Memphis* foi reeditado no selo Mercury, com quatro faixas agregadas, singles que Dusty gravou para o mercado americano em 1970, 1971, 1976. O álbum passou a se chamar *Dusty In Memphis... Plus*. Até hoje ele é melhor conhecido dessa forma.

Desde o início dos anos 70, Dusty foi progressivamente se recolhendo, tornando-se uma espécie de Greta Garbo do pop, vivendo reclusa e quase anônima nos EUA. Apareceu esporadicamente em álbuns de Anne Murray, nos anos 70, e dos Pet Shop Boys, na década de 80.



Agora com pulseira de metal.